

A close-up photograph of a person's hands writing in a book with a quill pen. The scene is dimly lit, with a warm light source, possibly a lamp, illuminating the page and the hands. The background is dark, making the illuminated area stand out. The text on the page is handwritten and somewhat blurry.

Revista Cristã
Última Chamada
Edição Especial nº 009

Apocalipse Desvendado

Compilado por César F. Raymundo

Apocalipse Desvendado

Autor dos Artigos: Hermes C. Fernandes

Compilado por: César Francisco Raymundo

- Revista Cristã Última Chamada -

Edição Especial Nº 009

Editor: César Francisco Raymundo

Capa e Editoração Eletrônica

César F. Raymundo

Foto Capa: FreeStockPhotos.com

Periódico **Revista Cristã Última Chamada**, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Contato com o Editor:

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais. É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Atualizado em Julho de 2014

Londrina – Paraná

- DISTRIBUIÇÃO GRATUITA -

Índice

Apresentação.....	6
Sobre o Autor.....	8
Sobre a Revista Cristã Última Chamada.....	9
Capítulo 1 - As Bestas do Apocalipse.....	10
• A Besta que emerge do Mar.....	10
• A Besta que subiu da Terra.....	14
• "666" A Marca da Besta.....	18
• O Número da Besta.....	22
• Os Anticristos e os Prodígios da Mentira.....	25
Capítulo 2 - Os Remidos no Monte Sião.....	32
• Antiga Aliança.....	34
• Nova Aliança.....	34
• Igreja - Novo Israel.....	35
• Os Cânticos de Moisés e do Cordeiro.....	36
• O Anúncio de um novo povo.....	44
• O Cântico do Cordeiro.....	49
• O que foi que Ele cantou, afinal?.....	49
Capítulo 3 – O Milênio.....	57
• Satanás já está amarrado!.....	59
• A Primeira Ressurreição.....	61

Capítulo 4 - Nova Jerusalém - A Sociedade Definitiva.....	65
• Uma Cidade no Monte.....	68
• O Limiar de uma Nova Civilização.....	69
• Um Empreendimento Celestial.....	70
• Uma Cidade Murada.....	75
• O Acesso à Cidade Santa.....	80
• Riquezas Culturais na Cidade de Deus.....	82
• Ausência de Templo.....	85
Capítulo 5 – A Civilização do Reino.....	89
• Levantando as Paredes.....	89
• Vivendo na Sociedade dos Santos.....	92
• Praça: Lugar de Luz e Juízo.....	98
• A Cidade Luz.....	99
• Adeus Maldição!	104
• Maldição Nunca Mais!	106
• A Diplomacia da Nação Santa.....	107
Capítulo 6 - A Visão do Trono de Deus e a Corte Celestial.....	112
• O Significado de Sua Aparência.....	113
• O Sardônio.....	113
• O Jaspe.....	114
• A Esmeralda.....	115
• A Corte Celestial.....	116
• Os Quatro Seres Videntes.....	118
• Adoração e Reconhecimento.....	122
Capítulo 7 - Plano Secreto de Deus.....	124
Capítulo 8 - Selos Rompidos - A Execução dos Propósitos Divinos.....	132
• O Segundo Selo - O Cavalo Vermelho.....	134
• O Terceiro Selo - O Cavalo Preto.....	136

• O Quarto Selo - O Cavalo Amarelo.....	137
• Compreendendo os Juízos de Deus.....	137
• O Quinto Selo: O Clamor dos Mártires.....	139
• O SEXTO SELO: Colapso nas Estruturas.....	146
Capítulo 9 - Os 144 Mil e a Grande Tribulação.....	151
• O Efeito Dominó e os Mártires de hoje.....	157
• O Sétimo Selo: O Incensário de Ouro.....	159
Capítulo 10 – O Novo Israel.....	166
• Lições para o Novo Israel.....	173
• Escolha do homem versus Escolha de Deus.....	174
• A Tirania de Faraó e a Escravidão da Lei.....	177
• Moisés & Jesus.....	179
• Jerusalém, o Novo Egito.....	182
Capítulo 11 – Babilônia - A Grande Meretriz.....	188
• Os Pecados de Jerusalém.....	189
• Sai Dela, povo meu!.....	191
Capítulo 12 - As Primeiras Pragas e Trombetas.....	195
• A Primeira Praga.....	197
Capítulo 13 - As Duas Testemunhas - A Palavra prevalece!.....	203
• A Abominação Desoladora.....	206
• As Duas Oliveiras.....	216
Capítulo 14 - As Bodas do Cordeiro.....	218
Capítulo 15 - A Sétima Trombeta e o Mistério de Deus.....	225
Capítulo 16 - A Mulher e o Dragão.....	230
• Guerra no Céu.....	233

Apresentação

“Podemos começar dizendo que apocalipse é uma palavra composta com um verbo e uma preposição gregos e significa “Revelação”. O verbo grego kalýpto significa cobrir, esconder, ocultar, velar. A preposição grega apó indica um movimento de afastamento ou retirada de algo que está na parte externa de um objeto.

Deste verbo deriva o substantivo feminino grego apokálypsis, revelação, apocalipse.

A palavra apocalipse vem do grego 'apocaluptein' que significa 'tirar o véu'; no sentido literal, uma revelação.

O Livro do Apocalipse foi escrito por João. Em sua maioria, os estudiosos defendem que este era o apóstolo, mas há os que crêem ser este outro João. A data de sua escrita também causa controvérsias, pois os futuristas defendem que foi escrito durante o reinado de Domiciano (81-96 d.c), e os preteristas que foi escrito no império de Nero (54-68 d.c). Este é o Único livro do novo testamento que tem um bênção ligada a sua leitura. (Ap 1:3)”¹

Creio que “devido ao fato de, na maioria das bíblias em língua portuguesa se usar o título Apocalipse e não Revelação, até o significado da palavra ficou obscuro, sendo às vezes usado como sinônimo (errôneo) de “fim do mundo””.²

Sem sombra de dúvida, o Apocalipse é um livro de difícil interpretação por causa de seus símbolos complexos e enigmáticos. Por isto, esse livro

tem sofrido diversos ataques e várias distorções. Devido às más interpretações e especulações, muitos crentes modernos conseguiram transformar o livro do Apocalipse em um verdadeiro filme “guerra nas estrelas”. Nada poderia estar mais longe da realidade!

O que temos dificuldade em entender em nossos dias a respeito do Apocalipse, não o foi nos dias de João. Uma vez que João escreve para as sete igrejas da Ásia, é de se supor que suas ovelhas entendessem o significado dos símbolos do Apocalipse. Eles de fato entenderam, pois o Apocalipse é o livro mais bíblico da Bíblia. Para entender seus símbolos precisamos conhecer bem o Velho Testamento e as demais passagens claras das Escrituras.

Foi pensando nas modernas dificuldades para se entender o Apocalipse que resolvi compilar vários textos do bispo Hermes C. Fernandes encontrados em seu blog cujo nome é Apocalipse Desvendado. Com clareza de expressão e fundamento bíblico, o autor nos ajuda a entender o contexto e a simbologia apocalíptica.

Que o leitor, através desta compilação possa ter bases suficientes para abandonar toda à fantasia e ficção criada em torno do Apocalipse.

César Francisco Raymundo

Editor Revista Cristã Última Chamada

Notas:

1. Artigo da Igreja Reina de Engenho Novo. Fonte: www.reinaegnovo.blogspot.com.br

Data: 27 de Agosto de 2009

2. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Apocalipse>

Sobre o Autor

Hermes Carvalho Fernandes - Pensador, ativista, conferencista, autor, doutor em Escatologia e em Ciência da Religião, presidente do colégio episcopal da REINA-Igreja do Futuro, bispo consagrado pela International Christian Communion (comunhão que reúne bispos de tradição anglicana/episcopal dos cinco continentes), fundador do Projeto Social Tesouro Escondido, e do Instituto Defensores do Futuro.

Resumindo, um pecador salvo pela graça e um sonhador incurável, que acredita no futuro promissor da humanidade, e que deseja deixar para os filhos, um mundo melhor do que o recebido pelos pais. Depois de morar com a família em Lake Mary, Florida, retornou ao Brasil em 2011, e tem estado à frente da igreja Reina no Engenho Novo, onde prega aos domingos, 8:30h e 19h, às segundas 19h, e às quartas e sextas 19:30h. na Rua Visconde de Santa Cruz, 226, ao lado do Hospital Vital.

Sobre a Revista Cristã Última Chamada _____

A **Revista Cristã Última Chamada** é uma obra cristã interdenominacional que propaga e defende a fé em Cristo. É uma revista totalmente especializada no assunto sobre Escatologia bíblica ou fim dos tempos e últimas coisas. Nosso objetivo é informar, capacitar e ensinar às pessoas a respeito das verdades escatológicas através de literaturas totalmente gratuitas. Apesar de não sermos muito a favor das rotulagens, podemos dizer que somos Preteristas Parciais e Pós-Milenistas. Clique aqui para conhecer os termos escatológicos utilizados nesta revista.

A Revista é de autoria de César Francisco Raymundo. Apenas mais um em Jesus Cristo.

Mais Informações:

Saiba tudo sobre Arrebatamento, Escatologia, Armagedom, Profecia Bíblica, Fim dos Tempos, Últimos Dias e a Volta de Jesus acessando o site da Revista Cristã Última Chamada. Site: www.revistacrista.org

As Bestas do Apocalipse

“...não há autoridade que não venha de Deus (...) ...Ela é ministro de Deus para teu bem. Mas, se fizeres o mal, teme, pois não traz de balde a espada. Ela é ministro de Deus, agente da ira para castigar o que pratica o mal.”
PAULO AOS ROMANOS CAP.13 VERSOS 1b, 4b.

Muita coisa já foi dita e escrita acerca das bestas apresentadas no Apocalipse. Infelizmente, criou-se todo um folclore acerca desse assunto. Basta que surja algum novo personagem proeminente no cenário político ou religioso mundial, para que seja considerado um forte candidato ao posto de Besta Apocalíptica. Homens como Hitler, Mussolini, Kennedy, Reagan, e até o Papa são alguns dos que já concorreram a esse indesejável posto. Vamos procurar, à luz das Escrituras, identificar essas bestas, e saber qual o papel que elas desempenharam na execução dos propósitos de Deus.

A Besta que emerge do Mar

A primeira Besta vista por João surge do mar. Como já vimos antes, o mar representa os gentios, como podemos ler em Ap.17:15, onde se diz: “As águas que viste (...) são povos, multidões, nações e línguas.” O termo “besta” vem do grego “therion”, e significa um grande e feroz animal que, dentro do simbolismo bíblico, representa um poderoso reino. Daniel fala de quatro bestas, que representariam os quatro grandes impérios que dominariam o mundo. Já em Apocalipse, encontramos apenas duas bestas,

a que emerge do mar, e a que sobre da terra. A primeira besta do Apocalipse equivale à quarta besta do Livro de Daniel, isto é, o poderoso Império Romano. É interessante que, de acordo com as descrições de João, esta besta possui características inerentes a cada uma das quatro bestas do Livro de Daniel. [1]

1. Dez Chifres - Como a 4a. Besta de Dn.7:7 - Representam os reis das dez províncias romanas, responsáveis por manter a união da Roma Imperial.
2. Semelhante ao Leopardo - Como a 3a. Besta de Dn.7:6 - Representa a velocidade com que o reino grego alcançou suas conquistas.
3. Pés como de urso - Como a 2a. Besta em Dn.7:5 - Representa a força, estabilidade e consolidação, características encontradas no Império Persa.
4. Boca como de leão - Como a 1a. Besta em Dn.7:4 - Representa a ferocidade ameaçadora da monarquia babilônica.

Como se não bastasse reunir as principais características dos impérios que o antecederam, João afirma que “o dragão deu-lhe o seu poder, o seu trono e grande autoridade” (Ap.13:2b). Foi no tempo de Nero que Roma insurgiu-se contra a Igreja pela primeira vez. É interessante frisar que durante um tempo de seu reinado, Nero parecia um homem sensato, coerente, seguidor fiel dos ensinamentos de Sêneca. Repentinamente, Nero ficou irreconhecível, transformando-se num homem cruel, capaz de mandar executar a sua própria mãe. Era como se ele houvesse sido possuído pelo próprio Satanás. No documento cristão primitivo conhecido como Ascensão de Isaías, lemos que Belial[2] “descerá do seu firmamento sob a forma de um homem, de um rei ímpio, assassino de sua própria mãe”. [3] Roma agora, seria a agência oficial de Satanás em sua pretensão de dominar a terra, ao mesmo tempo que seria o instrumento da Justiça Divina sobre o povo rebelde.

João vê “uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas a sua chaga mortal foi curada”(v.3a). A besta tinha 7 cabeças, que segundo a explicação

dada a João, seriam sete reis, sendo que, cinco já haviam caído, um existia, e outro ainda não era chegado. Confira a relação dos sete, e identifique o imperador em questão.

1- Augusto

2- Tibério (14-37 d.C.)

3- Calígula (37-41)

4- Cláudio (41-54)

5- Nero (54-68)

6- Vespasiano (69-79)

7- Tito (79-81)

A “cabeça golpeada de morte”, certamente é uma alusão a Nero, que por não suportar a pressão sofrida por parte do Senado, que o considerava inimigo público, preferiu suicidar-se, ferindo-se na garganta com uma espada. Com a morte de Nero, o Império Romano ficou em frangalhos. Muitos cristãos que sobreviveram à perseguição neroniana, e que agora eram oficialmente proscritos, devem ter entendido os horrores que sobrevieram a Roma como um ato de juízo divino. Tudo indicava que Roma estava com os seus dias contados. Eclodiam revoltadas em várias províncias. As tropas do Reno tentaram estabelecer seu comandante, Vergínio Rufo, como o novo imperador. Foi aí que descobriu-se que “um imperador podia ser feito fora de Roma”[4] A Guarda Pretoriana posicionou-se a favor de Galba, que ironicamente, acabou assassinado pelos próprios pretorianos que o exaltaram. Oto, que era governador na Espanha, cortejando as simpatias das tropas locais, foi declarado imperador. Mas as legiões do Reno nomearam Vitélio, e marcharam sobre a Itália. Em meio a este tumulto, as províncias orientais proclamaram Vespasiano como o legítimo imperador de Roma. Antes que se findasse o ano de 69, as tropas de Vitélio foram derrotadas, e Vespasiano tornou-se o

único imperador de Roma. Enfim, o conturbado Império, como a Fênix, parecia renascer das cinzas. Por isso, Vespasiano é considerado o sexto imperador, vindo logo após Nero. A Besta se recuperara da chaga mortal que a atingira na cabeça. Por isso, “toda a terra se maravilhou, seguindo a besta”(v.3b). Roma voltara a ser o que era antes.

Vespasiano deu origem a uma segunda dinastia em Roma, a Flaviana (a primeira começou com Augusto César e terminou com Nero). Ele foi sucedido por Tito, o mesmo que comandou a destruição de Jerusalém, que por sua vez foi sucedido por Domiciano, seu irmão.

Ainda sobre o conturbado hiato entre as duas dinastias, representadas por Nero e Vespasiano, centenas de anos antes, Daniel anteviu tais acontecimentos. Leia atentamente o seu relato:

"Então tive o desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro, e as unhas de bronze - animal que devorava, e fazia em pedaços, e pisava aos pés o que sobrava. Também tive desejo de conhecer a verdade a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça, e do outro que subia, diante do qual caíram três, isto é, daquele chifre que tinha olhos, e uma boca que falava com vanglória, e parecia ser mais robusto do que os seus companheiros (...) Disse-me ele: O quarto animal será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços. Quanto aos dez chifres, daquele mesmo reino se levantarão dez reis. Depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá três reis." DANIEL 7:19-20, 23-24.

Para que Vespasiano se firmasse como o único Imperador de Roma, três outros precisariam ser abatidos, Galba, Oto e Vitélio. Vespasiano trouxe de volta a harmonia ao Império. As províncias se unificaram novamente, e a Pax Romana revigorou-se.

Tanto Daniel quanto João dizem que a Besta recebeu “uma boca para proferir arrogâncias e blasfêmias, e deu-se-lhe autoridade para continuar

por quarenta e dois meses. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo e dos que habitam no céu. Também foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los. E deu-se-lhe poder sobre toda tribo, língua e nação”(Ap.13:5a,6-7 compare com Dn.7:8b, 20-22,25). [5]

A perseguição aos cristãos iniciada por Nero, só foi retomada por Domiciano, o segundo filho de Vespasiano. Cada um dos atributos apresentados acima são inerentes a ele. Mais adiante, quando estudarmos o capítulo 17 de Apocalipse, vamos investigar mais a miúdo o reinado desse cruel imperador, que entre muitas coisas, insistia com a idéia absurda de que era “deus”, e por isso, deveria ser adorado. Aliás, foi esse o estopim que deflagrou uma perseguição sem precedentes à Igreja Cristã. João nos informa em seu relato, que “todos os que habitam sobre a terra a adorarão, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. Se alguém tem ouvidos, ouça. Se alguém deve ir para o cativo, para o cativo irá. Se alguém deve ser morto à espada, necessário é que à espada seja morto. Nisto repousa a perseverança e a fidelidade dos santos”(vs.8-10). A partir daí, os algozes já não seriam os judeus, propriamente, mas a Roma Imperial.

A Besta que subiu da Terra

Para identificarmos a segunda besta, precisamos identificar sua origem. Enquanto a primeira emerge do mar (nações gentílicas), a segunda sobre da terra, que é uma alusão clara a Israel. Trata-se de uma estrutura de poder originária da nação judaica. Esta besta se apresenta com dois chifres “semelhantes aos de um cordeiro”, o que denota uma estrutura de apelo religioso. Se os dez chifres da primeira besta representam dez reis, é plausível inferir que os dois chifres da segunda besta representem duas autoridades religiosas, ou mais provavelmente, duas facções religiosas. Se for assim, podemos identificá-los com os dois principais e mais influentes grupos religiosos da época: os escribas[6] e os fariseus[7].

João diz que aquela besta se apresentava como um cordeiro, “mas falava como dragão”(v.11). Isso se encaixa bem na descrição que Jesus deu de alguns líderes religiosos judeus de Sua época. Jesus, o verdadeiro Cordeiro de Deus, afirmou que eles não entendiam a Sua linguagem. “Vós pertenceis ao vosso pai, o diabo”, declarou Ele, “e quereis executar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, pois não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, pois é mentiroso e pai da mentira”(Jo.8:44). Por trás da aparência de cordeiro, havia uma natureza diabólica. Pele de cordeiro, voz de dragão! Foi Jesus quem os denunciou, dizendo: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de intemperança (...) Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos, e de toda imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade (...) Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?”(Mt.23:25,27-28,33). Jesus chega a chamá-los de “filhos do inferno”(Mt.23:15).

Está mais do que claro que a segunda besta nada mais é do que o judaísmo apóstata, com os seus dois principais partidos religiosos, os escribas e os fariseus.

Sua hipocrisia era tamanha, que eles se diziam defensores dos interesses romanos. Por isso é dito que a segunda besta “exercia toda a autoridade da primeira besta na sua presença, e fazia que a terra e os que nela habitavam adorassem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada”(13:12). Exemplos disso podem ser encontrados em diversos episódios, onde os judeus afirmavam total lealdade ao poder imperial. Quando Pilatos tentava soltar Jesus, os judeus em uníssono gritavam: “Se soltares a este, não és amigo de César. Qualquer que se faz rei se opõe a César”(Jo.19:12b). No dia da preparação da Páscoa, Pilatos tentou pela última vez dissuadir os judeus. Trazendo Jesus perante eles, disse: “Eis o vosso Rei. Mas eles

gritaram: Fora! Fora! Crucifica-o! Perguntou-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso Rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César. Finalmente Pilatos o entregou para ser crucificado”(vs.14b-16). Quão caro lhes custou tal hipocrisia! [8]

Uma interpretação alternativa plausível seria identificar os dois chifres daquela besta como sendo “os falsos cristos” e os “falsos profetas” (Mt.24:24). A diferença entre eles é que, geralmente, os falsos cristos se opunham ao domínio romano, prometendo liberdade do jugo imperial aos judeus, apresentando-se assim como os verdadeiros “messias” (2 Pe.2:19). Pedro os chamou de “falsos mestres” (2 Pe.2:1). Já os “falsos profetas”, geralmente, eram aliados de Roma, e tinham como pretensão promover o culto ao imperador. Não podemos ignorar que alguns poderiam receber qualquer uma dessas alcunhas.

Não importa se os dois chifres representavam os escribas e fariseus, ou os falsos cristos e falsos profetas, ou os dois grupos ao mesmo tempo. O fato é que a segunda besta nada mais é do que a representação do judaísmo apóstata, responsável direto pela crucificação do Senhor Jesus.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Notas:

[1] Isso comprova o que já dissemos antes, que os quatro anjos que comandam o cerco de Jerusalém (Ap.9:15) representam cada um dos quatro impérios mundiais, e as quatro qualidades de gafanhotos que destroem a figueira improdutiva (Israel). Roma veio dar

seqüência à destruição iniciada por Nabucodonosor, como instrumento do juízo divino sobre o povo que rejeitara o seu Deus.

[2] Belial - Um dos nomes pelos quais Satanás é apresentado na Bíblia e na cultura judaica.

[3] Ascensão de Isaías 4:2

[4] CHAMPLIN, R.N., Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia, vol.3, pág.291.

[5] Embora acreditemos que os 42 meses devem ser interpretados, a priori, como sendo figurativos, é interessante frisar que a perseguição empreendida por Nero aos cristãos teve a duração de exatos 42 meses.

[6] Escriba - Um erudito ou autoridade na Lei. Os escribas eram ligados ao partido sacerdotal. Mais tarde, passaram a ser chamados de "rabinos". Havia escribas saduceus e fariseus.

[7] Fariseus - Partido religioso judaico extremamente legalista, que diferia dos saduceus quanto à crença na imortalidade da alma, na existência dos anjos, e na aceitação de todo cânon judaico (os saduceus só aceitavam o Pentateuco).

[8] Confira ainda Atos 17:7, onde os judeus acusaram Paulo e Silas de procederem contra os decretos de César, por dizerem que havia outro rei, Jesus.

"666" A Marca da Besta

O grande objetivo da segunda besta é promover a adoração da primeira. O culto ao imperador está em foco aqui. Embora os judeus, a princípio, pareciam rejeitar tal idéia, ao entregar o seu Cristo às autoridades romanas, eles mesmos disseram: “Não temos outro rei, senão César”. Acerca desse episódio, Alford observa: “Uma degradante confissão da parte daqueles infieis sacerdotes do povo sobre quem fora dito: ‘...o Senhor vosso Deus era o vosso rei’(I Sm.12:12).[1] Uma vez que César se arrogava “deus”, logo, afirmar sua lealdade a ele, era a mesma coisa que abdicar de suas esperanças messiânicas, e endossar o culto ao imperador romano.

João ainda afirma que a segunda besta promoveria a morte de “todos os que não adorassem a imagem da besta”(Ap.13:15b). Quem são esses que não aderiram à adoração ao imperador? Os cristãos. E o que não falta no Novo Testamento são relatos alusivos à perseguição que os judeus empreenderam contra a Igreja de Cristo. E a desculpa apresentada por eles era sempre a mesma: os cristãos não eram leais a César. Em Atos lemos que “os judeus, movidos de inveja, tomaram consigo alguns homens perversos dentre os vadios e, ajuntando o povo, alvoroçaram a cidade e, assaltando a casa de Jasom, os procuravam (Paulo e Silas) para entregá-los ao povo. Mas não os achando, trouxeram a Jasom e alguns irmãos à presença das autoridades (romanas) da cidade, clamando: Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui (Tessalônica), os quais Jasom recolheu. Todos estes procedem contra os decretos de César, dizendo que há outro rei, Jesus”(At.17:5-7).

O papel da segunda besta era instigar Roma contra os cristãos.

No afã de impor o culto ao imperador, sanções econômicas foram estabelecidas. Quem quer que se opusesse àquela prática, ficaria impossibilitado de comprar ou vender, podendo inclusive, sofrer o espólio de seus bens. O escritor de Hebreus elogiou seus leitores por terem se

compadecido dos que estavam presos, e com alegria terem aceito o espólio dos seus bens (Hb.10:34b). Era comum na comunidade judaica, o confisco de propriedades e possessões de pessoas que fossem consideradas hereges ou desleais às orientações dos líderes religiosos. Geralmente, tais pessoas eram reduzidas à miséria. A fidelidade dos cristãos à sua fé custava-lhes muito caro. Não fosse o espírito comunitário que havia entre eles, muitos teriam morrido na mais absoluta miséria. Uma vez tendo sido espoliados, já não teriam como comprar ou vender coisa alguma. Os romanos agiam de maneira semelhante aos judeus com aqueles que desertavam. De acordo com Champlin, em seu comentário do Novo Testamento, “não há evidência de sanções econômicas radicais e generalizadas contra os cristãos, nos tempos do culto ao imperador. No entanto, ali há provas de que havia “boicote social” dos cristãos, incluindo alguns fatores econômicos. Assim é que Eusébio, na sua História Eclesiástica (V.1.5), fala de uma perseguição que teve lugar algum tempos após 177 d.C., dizendo: ‘O diabo esforçou-se, por toda a maneira, de praticar e exercitar seus servos contra os servos de Deus, não somente impedindo-nos a entrada em casas, banhos e mercados, mas também proibindo-nos de sermos vistos em qualquer lugar’. Esse tipo de situação talvez fosse mais comum, e talvez mais severa, em alguns lugares da Ásia Menor, quando o vidente João escreveu o Apocalipse.”[2] À luz disso, podemos dizer que não era “um bom negócio” ser cristão durante esse tempo. Reconhecer a Cristo como o Soberano Deus era, por assim dizer, aceitar um convite ao sofrimento, e até a um possível martírio.

E quanto à marca da besta? O que seria, afinal? João diz que pessoas de todos os seguimentos sociais deveriam ter tal marca, se quisessem continuar desfrutando da liberdade de comprar e vender. É bem provável que o pano de fundo aqui seja o “charagma” imperial. Deissmann, em seus “Bibles Studies”, afirma que os papiros dos primeiros séculos nos fornecem evidências de que os documentos comerciais oficiais tinham de ter o nome e a imagem do imperador estampados. Tal prática era conhecida como “charagma”, que é a palavra encontrada no texto, traduzida em nosso idioma por “marca”, ou “sinal”. Há um precedente histórico interessante

registrado em Macabeus 3:29. Ali é relatado que Ptolomeu Filadelfo compeliu alguns judeus alexandrinos a receberem a marca do deus Dionísio, para identificá-los como sendo seus devotos. Não era incomum que alguns religiosos se deixassem marcar com símbolos ou nomes da divindade de sua devoção. Creio que João toma tal prática pagã como analogia do poder exercido pelas bestas nas esferas econômica, social, e sobretudo, religiosa. Assim como os cristãos fiéis a Cristo teriam a “marca” de Deus em suas frentes, em contrapartida, os adoradores da besta teriam também a sua marca. Talvez haja aqui um trocadilho proposital. João pode estar falando, ao mesmo tempo, das sanções econômicas do Império para com aqueles que não prestassem culto ao imperador, e daqueles que, conscientemente se subordinaram ao poder da Roma Imperial. Por exemplo, quando João fala da marca na mão direita ou na testa que deveriam ser exibidas pelos que fossem leais ao poder imperial, talvez tivesse em mente a prática judaica de usar os “tephillin” ou “filactérios”[3], na mão e na testa. Jesus denunciou os escribas e fariseus, dizendo que tudo quanto faziam era “a fim de serem vistos pelos homens”. E para chamarem mais a atenção de todos, eles alargavam os seus filactérios, e encompridavam as franjas das suas vestes (Mt.23:5).

Outra possível interpretação é que o “sinal” da besta, contendo a sua imagem era a moeda corrente naqueles dias, que trazia a efígie do imperador. Sem ela, nada poderia ser comprado ou vendido. Um ditado que circulava entre os rabinos dizia: “Sempre que corre o dinheiro de qualquer rei, esse rei é Senhor”. [4] As moedas circulantes da época, além da imagem de César, traziam a frase “César é o Senhor”. Tal inscrição era um insulto aos cristãos do primeiro século. Mesmo os sacerdotes reconheciam que tais moedas insultavam a Deus, e por isso, não poderiam ser usadas na compra de animais para o sacrifício no Templo. Daí a presença de cambistas no Templo, para trocar as moedas romanas por moedas judaicas. Josefo conta que o lucro obtido nesse comércio era imenso, e que essa prática era comum. Muitos cambistas se aproveitavam da ignorância das pessoas para ludibriá-las, cobrando-lhes mais do que o justo. Foi por isso que Jesus

expulsou-os do Templo. A reação de Jesus foi um protesto contra o espírito ganancioso daqueles que monopolizavam tal prática.

Ainda que não se prostrassem diante de uma imagem do imperador romano, os judeus estavam, por assim dizer, prestando culto a Mamon. [5] O problema não era fazer uso da moeda corrente do império, mas deixar-se dominar pelo desejo obcecado de possuí-la. Como já disse alguém, o dinheiro é um ótimo servo, mas um péssimo senhor. E, conforme Jesus assegurou, “ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de dedicar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas (Mamon)” (Mt.6:24). Os judeus preferiram dedicar-se ao lucro, e abrir mão de sua posição como nação escolhida por Deus.

Quando os cristãos vendiam suas propriedades, e depositavam o dinheiro aos pés dos apóstolos para que fosse repartido entre todos, estavam dando testemunho de que Mamon já não era o seu senhor (At.4:34). Eles sabiam que onde estivesse o seu tesouro, ali estaria o seu coração (Mt.6:21).

É claro que os cristãos faziam uso das moedas romanas, porém, jamais se devotaram ao lucro, como os judeus. Eles as possuíam, mas não eram possuídos por elas. A relação da igreja com o dinheiro era pautada nos princípios ensinados por Jesus e Seus santos apóstolos. Paulo, por exemplo, diz: “Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas”(1 Co.6:12b). Baseados nesse princípio, Paulo diz que os cristãos deveriam ser desapegados de tudo o que pertencesse a este mundo. “Os que compram”, diz ele, devem agir “como se nada possuíssem; os que usam deste mundo, como se dele não abusassem. Pois a aparência deste mundo passa” (7:30b-31).

Paulo alertou a Timóteo para que tomasse cuidado com aqueles que achavam que a piedade cristã era “fonte de lucro”. “De fato”, explica o apóstolo, “é grande fonte de lucro com o contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo, e nada podemos levar dele; tendo, porém, sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Mas os que querem

ficar ricos caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, as quais submergem os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é a raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores (...) Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos” (1 Tm.6:6-10, 17). Que disparate entre esta passagem e o evangelho de prosperidade que é pregado hoje em muitas igrejas!

A onda de consumismo que varre a sociedade é uma verdadeira bestialização do ser humano. Os valores estão sendo invertidos, de forma que, as pessoas estão aprendendo a amar as coisas, e usar o seu semelhante.

Trazer na bolsa algumas moedas com a efígie do imperador não era o mesmo que ter o sinal da besta. O problema era quando a pessoa era marcada pela ambição material, e fazia do dinheiro o grande alvo de sua existência.

Tal dilema era encarado com tamanha seriedade pela igreja primitiva que, quando Ananias e Safira foram capazes de mentir ao Espírito Santo para poupar parte daquilo que fora amealhado com a venda de um propriedade, o juízo de Deus caiu sobre eles, e expiraram diante dos apóstolos (At.5). Não era a Deus que eles serviam, mas a Mamom. Eles não tinham o selo de Deus, e sim a “marca da besta”. Somente os que tivessem o selo de Deus em suas vidas poderiam falar como Paulo: “Mas o que para mim era lucro, considerei-o perda por causa de Cristo”(Fp.3:7).

O Número da Besta

“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é 666” (Ap.13:18). O homem em questão é, indubitavelmente, Nero. O cálculo é feito a partir do valor das letras gregas, “Neron Kesar”, transliteradas do hebraico, de acordo com o valor das letras hebraicas; o que dá o total de

666. Segundo R.H. Charles, isso se dá pelo fato de João escrever em grego, enquanto pensa em hebraico.[6] Achados arqueológicos comprovam que Nero era conhecido pelo valor numérico do seu nome (666). Quando o nome Nero César é passado para o hebraico, temos Neron Kesar (nrwn qsr: não há vogais no hebraico). Basta, então, fazer o cálculo de acordo com o valor numérico de cada letra.

$$n = 50r = 200w = 6n = 50q = 100s = 60r = 200 \text{Total} = 666$$

Como se não bastassem as evidências, vale dizer que todos os escritores cristãos primitivos que falaram sobre o Apocalipse, começando por Irineu, conectavam a besta do Apocalipse com Nero ou algum outro imperador romano.

Há ainda uma curiosa variação do número 666. Alguns manuscritos trazem em seu lugar o número 616. Isso se dá por causa da forma latina para Neron Kesar, que é Nero Caesar (nrw qsr) , sem a letra “n”, que tem o valor número de 616, comprovando assim a identidade da besta apocalíptica.

Devemos compreender que Nero foi a porta de entrada oficial de Satanás no Império Romano. Embora acreditemos que ele já agisse ali desde a sua fundação. Porém, a partir de Nero, Roma seria o instrumento oficial do diabo para perseguir os santos (os filhos da mulher). Portanto, a besta do Apocalipse é tanto Nero, quanto o Império como um todo, incluindo os imperadores que o sucederam.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Notas:

[1] Ibid., Livro II, pág.611.

[2] Ibid., Livro VI, pág.560.

[3] Filactérios - Eram cápsulas usadas no braço esquerdo, próximo ao coração e sobre a testa. Os judeus honravam a essas cápsulas tanto quanto as Escrituras, e chegavam a imaginar que o próprio Deus as usava.

[4] Ibid., Vol. I, pág.531.

[5] Mamon - Termo caldeu que tem o sentido de riquezas. Alguns intérpretes acreditam que esta palavra proveio da mitologia, e que equivaleria a "Plutão", o deus das riquezas.

[6] CHARLES, R.H., A Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St.John, vol.2.

Os Anticristos e os Prodígios da Mentira

“Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor. Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.” JESUS em Mateus 7:22-23.

Uma febre messiânica havia contagiado toda a Judéia. Todos esperavam ansiosamente por um Messias que os livrasse do domínio romano. Uma das razões pelas quais os judeus rejeitaram a Jesus, é que Ele não tinha o perfil do messias idealizado pelas expectativas populares. Eles não queriam um pacifista como Jesus, mas um general que inspirasse o povo judeu a uma revolta sangrenta contra Roma. Jesus, num certo sentido, não correspondia aos anseios populares. Mesmo operando tantos milagres e sinais, Sua mensagem era por demais pacifista. Ele, porém, já havia advertido a Seus discípulos acerca do aparecimento de falsos cristos: “Acautelai-vos, que ninguém vos engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos (...) Surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos (...) Então, se alguém vos disser: Olhai, o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito. Pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Prestai atenção, eu vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Olhai, ele está no deserto! Não saiais; ou, Olhai, ele está no interior da casa! Não acrediteis” (Mt.24:4-5, 11, 23-26).

O judaísmo apóstata provia um solo fértil para o aparecimento desses pseudocristos. E muitos deles surgiram do seio da própria igreja. Disso João atesta em sua primeira epístola, quando afirma:

“...já muitos anticristos têm surgido, pelo que conhecemos que é a última hora. Saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos. Pois se tivessem sido dos nossos, teriam ficado conosco...” 1 JOÃO 2:18.

Um exemplo clássico disso foi o caso de Simão, o Mago (At.8:9-23). Eusébio, bispo de Cesaréia, conta que “Simão tornara-se tão célebre naquele tempo e exercia tamanha influência sobre aqueles que eram enganados por suas imposturas, que o consideravam o grande poder de Deus. Esse mesmo Simão, porém, admirado com os milagres extraordinários realizados por Filipe pelo poder de Deus, astutamente assumiu e até fingiu fé em Cristo, a ponto de ser batizado; e o surpreendente é que o mesmo é feito até hoje por aqueles que adotam sua mais torpe heresia. Esses, à maneira de seu fundador, insinuando-se na igreja como uma doença pestilenta e leprosa, infectaram com a maior corrupção as pessoas em quem conseguiram infundir seu veneno secreto, irremediável e destrutivo. Muitos desses, aliás, já foram expulsos depois de apanhados em sua perversão; como o próprio Simão sofreu seu merecido castigo quando detectado por Pedro.”[1] Simão era um que preenchia todos os requisitos básicos para ser classificado, tanto como “falso cristo”, quanto como “falso profeta”.

João tinha toda razão em dizer que o espírito do anticristo já estava operando em seus dias (1 Jo.4:3).

Eusébio nos informa que “o inimigo da salvação engendrou um estratagema para conquistar para si a cidade imperial e levou até ali Simão (...) Com a ajuda de artifícios insidiosos, ele agregou a si muitos dos habitantes de Roma”. [2]

Eusébio cita a apologia de Justino Mártir endereçada ao imperador Antonino, onde se lê:

“Após a ascensão de nosso Senhor ao céu, certos homens foram subornados por demônios como seus agentes e diziam serem deuses. Esses foram não somente tolerados, sem perseguição, como até considerados dignos de honra entre vós. Um deles foi Simão, certo samaritano da vila chamada Gitão. Este, no reinado de Cláudio César, ao realizar vários rituais mágicos pela operação de demônios, foi considerado deus em vossa cidade imperial de Roma e foi por vós honrado como um deus, com uma estátua

entre as duas pontes no rio Tibre (numa ilha), tendo a subscrição em latim: Simoni Deo Sancto, ou seja, A Simão, o Santo Deus; e quase todos os samaritanos, também uns poucos de outras nações, o cultuam, confessando-o como o Deus Supremo.”[3]

Quem diria? Um samaritano figurando no panteão romano! De todos os falsos messias, nenhum obteve o destaque de Simão. Embora samaritano, suas pretensões eram de envenenar todo o mundo com suas heresias. A prova disso é que, astutamente, Simão desenvolveu uma doutrina trinitariana, proclamando-se “Pai” para os samaritanos, “Filho” para os judeus, e “Espírito Santo” para os romanos e demais nacionalidades. Jerônimo creditou a Simão a seguinte afirmação: “Sou a Palavra de Deus; eu sou o Consolador; sou o Todo-Poderoso, eu sou tudo quanto há de Deus”. [4] Não é à toa que seu nome é freqüentemente mencionado em antigos escritos fora da Bíblia, sendo considerado o arquiinimigo da igreja primitiva, e um dos principais líderes da heresia gnóstica. Irineu o considerava como uma das fontes dessa heresia. Sua influência foi tamanha que os hereges em geral eram apelidados pelos crentes primitivos de “simonianos”.

De todos os sinais que supostamente eram realizados por Simão Mago, o que mais chama a atenção é o citado por Clemente[5], que diz que Simão declarara ser capaz de transmitir vida e movimento às estátuas. De acordo com o Apocalipse, era justamente isso que a segunda besta se propunha a fazer:

"Foi-lhe concedido também que desse fôlego à imagem da besta, para que ela falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.” APOCALIPSE 13:15.

Os falsos profetas e os pseudocristos foram para a igreja primitiva o que Janes e Jambres foram para Moisés diante de Faraó. Bastava que Moisés fizesse um sinal, e logo os dois magos egípcios o copiavam. O primeiro sinal feito por Moisés foi a transformação de seu bordão em serpente. Aliás, foi Arão quem protagonizou esse sinal. Mas para surpresa deles, os

magos conseguiram realizar o mesmo sinal. Porém, “a vara de Arão trouxe as varas deles” (Êx.7:12). Assim como os sinais feitos por Filipe em Samaria desbancaram a impostura de Simão. A propósito, segundo relatos antigos, foi no Egito que Simão Mago aprendeu as artes mágicas.

Paulo advertiu a Timóteo acerca desses impostores: “E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé. Não irão, porém, avante; porque a todos será manifesta a sua insensatez, como aconteceu com a daqueles” (2 Tm.3:8-9). De fato, nenhum deles foi avante. De acordo com Hipólito, a última e mais ousada exibição de poder de Simão foi justamente a que resultou em sua morte. Ele foi capaz de sepultar-se vivo, afirmando que em três dias reapareceria vivo. Entretanto, não o fez. Por fim, foi declarado: “Ele não era o Cristo”. [6]

Pedro tinha inteira razão ao repudiar Simão em sua tentativa de adquirir o dom do Espírito Santo por dinheiro. “Tu não tens parte nem sorte neste ministério”, declarou o santo apóstolo. O ministério de Simão era outro; aquele que Paulo chamou de “mistério da injustiça”, que é “segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira” (2 Ts.2:7a,9).

Eusébio cita vários deles. Fala, por exemplo, de um tal Menander, discípulo de Simão, o Mago, que, segundo ele, “manifestou-se em sua conduta um instrumento de perversão diabólica não inferior ao predecessor (...) revelou pretensão ainda mais arrogante a milagres; dizendo ser na verdade o Salvador”. [7]

Citando Josefo, Eusébio fala sobre um impostor egípcio, citado também em Atos dos Apóstolos: “Depois de entrar no país e assumir autoridade de profeta, reuniu cerca de trinta mil que foram enganados por ele. Depois os levou do deserto para o monte das Oliveiras, determinado entrar em Jerusalém pela força e, após subjugar a guarnição romana, tomar o governo do povo, empregando seus seguidores como escolta. Mas Félix, antecipando-se ao ataque, saiu a seu encontro com o exército romano, e

todo o povo participou da defesa, de modo que quando se travou a batalha, o egípcio fugiu com uns poucos e a maior parte dos que o acompanham foi destruída ou capturada.”[8]

Josefo diz que Jerusalém estava infestada de ladrões e magos. “Enquanto os ladrões enchiam Jerusalém de crimes, os magos, por seu lado, enganavam o povo e o levavam ao deserto, prometendo-lhe mostrar milagres e prodígios. Mas Félix castigou-os imediatamente, por sua loucura; mandou prender e matar a vários. Por esse mesmo tempo veio um homem do Egito a Jerusalém, que se vangloriava de ser profeta. Persuadiu um grande número de pessoas que o seguisse ao monte das Oliveiras, que estava muito perto da cidade, apenas distante uns cinco estádios e garantiu-lhes que, depois de ter ele proferido algumas palavras, veriam cair os muros de Jerusalém, sem que mais fossem necessárias as portas para lá se entrar.”[9]

Jerônimo fala acerca de um tal Barcocabe que fingia vomitar fogo da própria boca. Esse homem, além de ser aclamado por muitos como sendo o messias, teve sua reivindicação messiânica confirmada pelo famoso rabino Akiba. Inicialmente, fora chamado de Barcocabe, que quer dizer “filho da estrela”, mas quando seu engodo foi descoberto, passou a ser chamado de Barcoziba, “filho da mentira”. [10]

Foi por ver o fim de muitos movimentos “messiânicos”, que Gamaliel emitiu o famoso veredicto acerca da uma nova “seita” que surgia no cenário judaico. Levantando-se no Sinédrio, o respeitado religioso disse:

"Israelitas, acautelai-vos a respeito do que haveis de fazer a estes homens. Algum tempo atrás levantou-se Teudas, dizendo ser alguém, e a este se ajuntou cerca de quatrocentos homens. Ele foi morto, e todos os que lhe deram ouvidos, dispersos e reduzidos a nada. Depois deste levantou-se Judas, o galileu, nos dias do recenseamento, e levou muito povo após si. Mas também este pereceu, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos. Por isso vos digo: Dai de mão a estes homens, deixai-os, pois se este conselho ou esta obra é de homens, se desfará, mas se é de Deus, não

podereis desfazê-la, para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus.” ATOS 5:35-39.

Foi aos pés desse mestre que Paulo foi educado. Parece, porém, que Paulo não deve ter ouvido tal conselho, pois ninguém combateu mais a nova “seita” naqueles dias do que ele. Porém, a sua conversão ao cristianismo demonstrou que Gamaliel tinha toda razão.

No fim o “cajado” da Igreja acabou engolindo as serpentes dos falsos profetas.

O fazer descer fogo do céu não deve ser entendido literalmente. Trata-se de uma hipérbole intencional, que visava enfatizar a malignidade e o poder com que tais profetas enganariam o povo e impressionaria a própria besta.

De acordo com Alford, “a aristocracia romana estava peculiarmente debaixo da influência dos astrólogos e dos mágicos, alguns dos quais eram judeus”. [11]

Sabe-se que as autoridades romanas eram freqüentemente atraídas por tais manifestações prodigiosas. Lucas registra em Atos que Paulo e Barnabé “acharam certo judeu mágico, falso profeta, chamado Bar-Jesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, homem prudente. Este, chamando Barnabé e Saulo, procurava muito ouvir a palavra de Deus. Mas resistia-lhes Elimas, o encantador (que assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul. Todavia Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo, fitando os olhos nele, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Agora a mão do Senhor está contra ti, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. No mesmo instante caiu sobre ele uma névoa e trevas, e, andando à roda, buscava quem o guiasse pela mão. Então o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor”(At.13:6b-12). O nome Barjesus significa literalmente “filho de Jesus”, ou “filho da salvação”; ironicamente, Paulo o chamou de “filho do diabo”, o mesmo

nome dado por Jesus aos religiosos judeus que se diziam filhos de Abraão (Jo.8:44). Assim como aconteceu com Moisés e os magos egípcios, o poder que havia em Paulo se mostrou superior à mágica daquele falso profeta.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Notas:

[1] CESARÉIA, Eusébio de, História Eclesiástica, Livro II Cap.I.

[2] Ibid., Cap.XIII

[3] Ibid., Cap.XIII

[4] CHAMPLIN, R.N., O Novo Testamento interpretado versículo por versículo, Vol.III, pág.172.

[5] Recog.iii.47 e Hom.II.32.

[6] CHAMPLIN, R.N., O Novo Testamento interpretado versículo por versículo, Vol.III, pág.172.

[7] CESARÉIA, Eusébio de, História Eclesiástica, Livro III, Cap.XXVI

[8] Ibid., Livro II, Cap. XXI

[9] JOSEFO, Flávio, História dos Hebreus, Livro XX, 6:849.

[10] CHAMPLIN, R.N., O Novo Testamento interpretado versículo por versículo, Vol.I, pág.562.[11] Ibid., Livro III, pág.261.

Os Remidos no Monte Sião

“Quem jamais ouviu tal coisa? Quem viu coisas semelhantes? Poder-se-ia fazer nascer uma terra num só dia? Nasceria uma nação de uma só vez? Mas Sião mal sentiu as dores de parto, e já deu à luz seus filhos.” O TODO-PODEROSO em Isaías 66:8

No terceiro mês após a saída do Egito, as doze tribos de Israel chegaram ao pé do monte Sinai, e ali acamparam. Moisés, então, subiu ao monte para uma audiência com Deus, “e o Senhor o chamou do monte, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó, e anunciarás aos filhos de Israel: Vistes o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim. Agora, se diligentemente ouvirdes a minha voz, e guardardes a minha aliança, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos. Embora toda a terra seja minha, e vós me sereis reino sacerdotal e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel” (Êx.19:3-6). A partir daí, Israel passou a saber o que é que o Senhor pretendia fazer. Deus os tirara do Egito com um propósito especial: fazer deles um reino de sacerdotes, uma nação santa, propriedade exclusiva de Deus entre as nações.

"Disse mais o Senhor a Moisés: Vai ao povo, e santifica-os hoje e amanhã. Lavem eles as suas vestes, e estejam prontos para o terceiro dia, porque no terceiro dia o Senhor descera à vista de todo povo sobre o monte Sinai. Marcarás limites ao povo em redor, dizendo: Guardai-vos de subir ao monte, nem toqueis o seu termo. Todo aquele que tocar no monte,

certamente será morto. Certamente será apedrejado ou flechado; nenhuma mão tocará nele. Quer seja animal, quer seja homem, não viverá. Quando soar longamente a buzina, então subirão ao monte. Então Moisés desceu do monte ao povo, e santificou o povo, e lavaram as suas vestes. Então disse ao povo: Estai prontos para o terceiro dia. Não vos chegueis a mulher. Ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e relâmpagos e uma espessa nuvem sobre o monte, e um somido de buzina muito forte. Todo povo que estava no arraial se estremeceu.” ÊXODO 19:10-16.

Que cena aterrorizante! Aquele era o início do que Paulo, mais tarde, chamou de “ministério da morte e da condenação” (2 Co.3:7-9). A Velha Aliança estava sendo oficializada diante dos olhos atônitos daqueles que compunham as doze tribos de Israel.

Depois de ditar Suas leis e Seus estatutos a Moisés, Deus “deu-lhe as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus”(31:18). Aquelas tábuas originais foram quebradas pelo próprio Moisés, quando flagrou, ao descer do monte, os filhos de Israel adorando à imagem de um bezerro de ouro (Cap.32). Deus, então, ordenou que Moisés lavrasse duas novas tábuas de pedra, como as primeiras, e lhe disse: “Eu escreverei nelas as mesmas palavras que estavam nas primeiras tábuas que tu quebraste” (34:1). A quebra das primeiras tábuas, e a ordem para que Moisés lavrasse novas tábuas de pedra, apontam para o fato de que um dia a velha aliança seria substituída por um Nova e Superior Aliança. Assim como Moisés quebrou as primeiras tábuas, Israel quebraria a primeira aliança, e esta seria substituída pela Nova Aliança feita com base no sangue de Jesus, nosso Cordeiro Pascal. O escritor de Hebreus nos informa que Jesus “alcançou ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de superior aliança, que está firmada em melhores promessas (...) Ela não será segundo a aliança que fiz com seus pais no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito, porque não permaneceram naquela minha aliança, e eu para eles não atentei, diz o Senhor. Esta é aliança que depois daqueles dias farei com a casa de Israel, diz o Senhor. Porei as minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei (...) Dizendo nova

aliança, ele tornou antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido, perto está de desaparecer” (Hb.8:6,9-10a,13).

A Nova Aliança não é uma reedição da antiga. Trata-se de algo realmente novo. O escritor de Hebreus, bem como outros escritores bíblicos nos apresentam algumas das diferenças entre elas:

Antiga Aliança

1. Mediadores: Moisés/Anjos-Hb.3:5; Gl.3:19
2. Sacerdócio Levítico - Hb.7:5,11
3. Sumo-sacerdote: Arão - Hb.5:4
4. Ministério: Morte/Condenação-2Co.3:7-9
5. Tabernáculo feito por mãos - Hb.9:1-2
6. Lei: Tábuas de Pedra - 2 Co.3:3
7. Sacrifícios de Animais - Hb.10:1-4
8. Monte Sinai - Hb.12:18-21
9. Israel

Nova Aliança

1. Mediador: Jesus - Hb.12:24
2. Sacerdócio Universal - Ap.1:6
3. Sumo-sacerdote: Jesus - Hb.3:1; 7:26
4. Ministério: Espírito e Justiça - 2Co.3:8-9
5. Santuário Celestial - Hb.9:24

6. Lei no Coração-Hb.10:16; 2 Co.3:3

7. Sacrifício Único de Jesus - Hb.10:12

8. Monte Sião - Hb.12:22

9. Igreja - Novo Israel

Cinqüenta dias após a crucificação de Cristo, a Igreja estava reunida no cenáculo, como Israel esteve reunido ao pé do Sinai, quando de repente, cumpriu-se a promessa do Pai. O Espírito Santo veio sobre a Igreja com glória superior àquela que manifestou-se no cume do Sinai. Naquele momento, o dedo de Deus escreveu no coração dos discípulos a Sua Eterna Lei. Agora, o Senhor e a Igreja tornarem-se um só espírito. Todos foram igualmente elevados ao cume do Monte Sião, para ali gozarem da presença do Seu Deus. Aquilo de que Israel foi privado por causa de sua obstinação, a Igreja passou a gozar: a presença gloriosa de Deus. Parafraseando o escritor de Hebreus, finalmente chegamos ao Monte Sião, à cidade do Deus vivo, à Jerusalém Celestial (Hb.12:22). A glória manifestada no Sinai era apenas uma sombra da glória que haveria de revelar-se em nós.

Diante de tudo o que foi dito até aqui, podemos compreender melhor a visão registrada em Apocalipse 14, onde João afirma ter visto “o Cordeiro em pé sobre o monte, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que traziam escrito na testa o seu nome e o nome de seu Pai”(v.1). E por que eles trazem tal marca em suas frentes? Porque agora, eles são o Novo Israel, “a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido” (1 Pe.2:9a). O propósito inicialmente revelado a Israel ao pé do monte Sinai, agora foi transferido para o Novo Israel. “Antes não éreis povo”, declara o apóstolo, “mas agora sois povo de Deus” (v.10a). A Igreja é o único povo na terra que pode ser chamado de “propriedade exclusiva de Deus”.

João nos informa que os 144.000 representam a totalidade daqueles que foram “comprados da terra”(14:3). $12 \times 12 \times 1000 = 144.000$. Doze é o número da redenção. Mil representa um grandioso número. Os doze

patriarcas e as suas respectivas tribos representam o total dos redimidos sob a antiga aliança. Os doze apóstolos representam a totalidade dos redimidos sob a Nova Aliança. Os cento e vinte discípulos ($12 \times 10 = 120$) que receberam o Espírito Santo em Pentecostes representam a totalidade da igreja de Cristo em um estado embrionário. Doze vezes doze vezes mil é uma equação representativa, e aponta, sem dúvida alguma, para a totalidade daqueles que serão alcançados pela ação salvífica de Deus.

“Estes”, explica o vidente João, “são os que não se contaminaram com mulheres, pois são virgens”(v.4a). Isso lembra a orientação que Moisés dá aos hebreus para que não tocassem em suas mulheres durante aqueles dois dias de santificação. Não devemos compreender isso de maneira literal, até porque, não há nada de impuro na relação sexual entre marido e mulher. As “mulheres” nesse texto representam as religiões pagãs ou mesmo o judaísmo apóstata com suas variações; as filhas da Babilônia, a grande meretriz (Ap.17:5). Ainda que muitos desses remidos tenham vindo de tais religiões, ou apostasias, tornaram-se “novas criaturas”, pelo que são chamados de “virgens”. Eles são “os que seguem o Cordeiro para onde quer que vai. Estes são os que dentre os homens foram comprados para ser as primícias para Deus e para o Cordeiro. Na sua boca não se achou engano; são irrepreensíveis”(vs.4-5). Estes dois versículos parecem abrir mais o leque, e lançar luz sobre a identidade desses 144.000. Eles não são um grupo especial dentre os escolhidos por Deus; não são os mártires, como defendem alguns; nem são os santos dos últimos dias. São simplesmente os que seguem o Cordeiro, não importando em que contexto histórico vivam ou tenham vivido. Eles são as primícias para Deus, o que parece concordar com Tiago que diz que “segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas” (Tg.1:18).

Os Cânticos de Moisés e do Cordeiro

“Vi como que um mar de vidro, mesclado de fogo, e os vencedores da besta , da sua imagem e do número do seu nome, que se achavam em pé no

mar de vidro, tendo harpas de Deus; e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das Nações! Quem não temerá, e não glorificará o teu nome, ó Senhor ? Pois só tu és santo; por isso, todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos. Depois destas coisas, olhei, e abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do Testemunho.” APOCALIPSE 15:1-5

O Livro de Apocalipse só pode ser entendido à luz de toda a Escritura. Um dos grandes empecilhos a uma interpretação correta deste livro é imaginar que a sua linguagem é peculiar, diferindo do resto da Bíblia. Não temos o direito de isolá-lo das demais Escrituras. O mesmo Espírito que inspirou a composição dos outros livros, inspirou João na Ilha de Patmos a escrever o que lhe foi revelado.

Este livro foi endereçado, originalmente, às sete igrejas da Ásia Menor, que por sua vez, eram formadas em sua maioria, de judeus convertidos ao cristianismo. Esses estavam familiarizados com a linguagem apresentada por João. Eles conheciam bem os Profetas, os Salmos, o Pentateuco, e podiam fazer conexões entre as profecias contidas nesses livros e as apresentadas no Apocalipse.

Muitos dos símbolos usados ali são usados por Daniel, Isaías, Jeremias, Ezequiel, e até, por escritores neo-testamentários como Paulo, Pedro e João.

Na passagem acima, João relata ter visto uma multidão que trazia consigo harpas e cantavam o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro.

Essa gente é a mesma que enfrentou e venceu a besta, negando-se a prestar culto ao imperador romano, e a negociar sua fé. Que cântico de Moisés seria esse?

Antes de sua morte, Deus ordenou a Moisés que congregasse todo o povo de Israel para um importante pronunciamento, que para surpresa de todos, fora em forma de um cântico. Talvez para que jamais fosse esquecido, facilitando assim sua transmissão às gerações posteriores.

Convocando primeiro os levitas, disse-lhes Moisés:

"Ajuntai perante mim todos os anciãos das vossas tribos, e os vossos oficiais, pois quero falar-lhes estas palavras, e tomar contra eles os céus e a terra por testemunhas. Pois sei que depois da minha morte certamente vos corrompereis, e vos desviareis do caminho que vos ordenei. Então este mal vos alcançará NOS ÚLTIMOS DIAS, quando fizerdes mal aos olhos do Senhor, provocando-o à ira com a obra das vossas mãos. E Moisés proferiu todas as palavras deste cântico aos ouvidos de toda a congregação de Israel". DEUTERONÔMIO 31:28-30.

Todo bom judeu conhecia desde criança o conteúdo do Cântico de Moisés. Através dele, eles já sabiam de antemão o que os aguardava nos Últimos Dias da Antiga Aliança.

Os primeiros 4 versículos do Cântico é uma exaltação da Justiça Divina, e um engrandecimento do nome do Senhor. Moisés, cheio do Espírito de Deus, convoca os céus e a terra para serem testemunhas de suas palavras: "Inclinaí os ouvidos, ó céus, e falarei, e a terra ouça as palavras da minha boca" (Deut.32:1).

A partir do verso 5, há uma mudança no tom:

"Corromperam-se contra ele; já não são seus filhos, e isso é a sua mancha, GERAÇÃO PERVERSA e depravada é" (v.5).

De quê geração Moisés está falando? Daquela que viveria nos últimos dias do velho pacto. Não há como lê esta passagem sem lembrar-nos do sermão de Pedro no dia de Pentecostes, quando dirigiu-se aos judeus que assistiam ao fenômeno pentecostal, e disse-lhes: "Salvai-vos desta GERAÇÃO PERVERSA" (At.2:40b). Foi esta a mesma expressão

empregada por Jesus em outra ocasião:“Ó GERAÇÃO INCRÉDULA E PERVERSA! Até quando estarei convosco e vos sofrerei?” (Lc.9:41a).

Há um paralelo incrível entre as palavras introdutórias desse cântico e as contidas no primeiro capítulo do livro de Isaías. Ali Deus também toma os céus e a terra por testemunhas contra o Seu povo rebelde:

"Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, ó terra, pois falou o Senhor: Criei filhos, e os engrandeci, mas eles estão revoltados contra mim. O boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono, mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende (...) Como se fez prostituta a cidade fiel!" (referindo-se a Jerusalém) ISAÍAS 1:2-3,21a.

“É assim que recompensas ao Senhor, povo louco e ignorante? Não é ele teu Pai, que te adquiriu, que te fez e te estabeleceu?” continua Moisés em seu cântico (v.6). Depois ter sido escolhida por Deus para ser o instrumento de Sua glória entre as nações, que foi que fez Israel? Qual foi a recompensa que deram a Deus? “Jerusalém, Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas o que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e tu não quiseste!” (Mt.23:37). Além de matar os que Deus lhes enviava, ainda mataram o Filho de Deus! Foi assim que aquela geração louca e ignorante recompensou o Senhor. Do alto da Cruz, o Filho de Deus ainda rogou ao Pai: “Perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”.

“Com deuses estranhos o provocaram a zelos; com abominações o irritaram. Sacrifícios ofereceram aos demônios, não a Deus (...) A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus, e com os seus ídolos me provocaram à ira. Também os provocarei a zelos com aquele que não é povo” prossegue Moisés em seu cântico em Deut.32:16-17a, 21a.

Quanta precisão profética encontramos nesse cântico! Desde a morte de Moisés até o nascimento de Jesus, a idolatria de Israel foi um mal crônico. Nem mesmo Salomão, o mais sábio rei, escapou disso.

Por fim, quando o sacrifício de Jesus fora aceito pelo Pai, todos os demais sacrifícios oferecidos no Templo de Jerusalém tornaram-se abomináveis a Deus.

Séculos antes da cruz, Deus já não Se agradava dos sacrifícios que Lhe eram oferecidos: “De que me serve a multidão dos vossos sacrifícios, diz o Senhor? Já estou farto dos holocaustos de carneiros (...) Não continueis a trazer ofertas vãs!” (Is.1:11a,13a). Quanto mais depois que Cristo ofereceu-Se a Si mesmo como um sacrifício perfeito ao Pai. Aos olhos de Deus, o sacrifício de Seu Filho fez cessar todos os demais sacrifícios. Ora, se Deus não recebia os sacrifícios feitos no Templo desde o dia em que o véu rasgou-se de cima a baixo, o quê eles representavam, senão abominação?

A palavra “zelos” significa ciúme. O Deus de Israel é um Deus ciumento, que não admite infidelidade por parte do Seu povo. “Eu sou o Senhor” brada o Altíssimo; “este é o meu Nome! A minha glória a outrem não darei, nem o meu louvor às imagens de escultura” (Is.42:8). “Não inclinarás diante de outro deus, pois o nome do Senhor é Zeloso, sim, Deus zeloso é” (Êx.34:14). Admoestações como esta são encontradas em várias partes da Bíblia (ex.: Dt.4:24; 6:15; Js.24:19; Na.1:2). E Tiago afirma que o Seu Espírito, que em nós habita, tem ciúmes (Tg.4:5).

O tipo de idolatria praticado por Israel durante o tempo de Jesus era diferente daquele com que havia se envolvido em tempos passados. Em vez de adotar os deuses romanos, como fizeram em outras ocasiões, quando se prostraram diante dos deuses dos povos pagãos, os judeus praticavam um tipo de idolatria bem mais sutil. Agora eles já não faziam passar seus filhos pelo fogo, como fizeram antes, quando adoravam a Baal (2 Reis 17:16-17); já não confeccionavam imagens de escultura, nem altares a outros deuses. Ainda assim, aquela geração que viveu nos tempos de Cristo era considerada idólatra. Jesus denuncia isso quando Se dirige aos religiosos judeus e diz: “Ai de vós, condutores cegos! Que dizeis: Aquele que jurar pelo templo, isso nada é: mas o que jurar pelo ouro do templo, esse é devedor. Insensatos cegos! Qual é maior: o ouro, ou o templo, que santifica

o ouro? Também dizeis: Aquele que jurar pelo altar, isso nada é; mas aquele que jurar pela oferta que está sobre o altar, esse é devedor. Insensatos e cegos! Qual é maior: a oferta, ou o altar que santifica a oferta? Portanto, o que jurar pelo altar jura por ele e por tudo o que sobre ele está. E o que jurar pelo templo, jura por ele e por aquele que nele habita” (Mt.23:16-21). Os judeus contemporâneos de Jesus foram responsáveis por erigir o maior de todos os ídolos diante do qual Israel havia se prostrado até então. O nome do ídolo? MAMOM. Em Seu conhecido sermão da montanha Jesus já os havia prevenido que “ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará a outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas (Originalmente, Mamom, conhecido como a entidade que personificava as riquezas)” (Mt.6:24). Por isso, Paulo classifica a avareza como sendo idolatria (Col.3:5).

Sua devoção a Mamom era tão grande, que eles foram capazes de transformar o Templo em um gigantesco mercado. E sabe o que era vendido ali? Animais para o sacrifício. Não foi à toa que Jesus tomou uma medida tão drástica, de sair derrubando as mesas dos cambistas e vendedores, acusando-os de haver transformado a casa de oração em um covil de ladrões.

O altar antes dedicado a Deus, agora era apenas um utensílio no culto que era prestado a Mamom. Cada animal ali sacrificado representava lucro para aqueles que monopolizam os interesses religiosos de Israel. O Templo originalmente construído por Salomão, e que havia passado por várias reformas, sendo a última empreendida por Herodes, já havia perdido as suas características arquitetônicas, e ainda por cima era usado como um verdadeiro shopping center religioso.

Mamom era maior que Baal, ou qualquer outro deus venerado por Israel antes. O altar de Mamom não ficava em algum monte, ou templo. Seu altar era erigido no coração daquele povo infiel.

Pouco antes de Jerusalém ser destruída (70 d.C.), muitos judeus já apoiavam o culto ao imperador promovido por Roma. E isso porque se eles se recusassem a participar, seus bolsos seriam afetados. De acordo com o decreto imperial, qualquer que se negasse a prestar culto ao imperador romano, não poderia comprar ou vender. Tudo menos isso! O que estava em jogo não era a sua fidelidade a Deus, ou ao imperador, mas a Mamom. Para participar das atividades comerciais sem ter conflitos com Roma, tinha que aliar-se a ela. Pelo contrário, os judeus sofreriam sanções extremamente prejudiciais às suas pretensões comerciais. “Se não pode com o inimigo, junte-se a ele”, diz o adágio.

Muitos judeus eram tidos por traidores pelo resto do povo por haverem se tornado cobradores de impostos. A maioria desses enriqueceu-se às custas da corrupção que havia nessa atividade. Dentre eles, encontramos o caso de Zaqueu, que após um encontro com Jesus, deliberou devolver o quádruplo daquilo que havia roubado de seus compatriotas. Um seguidor a menos pra Mamom!

João Batista, o último dos profetas da Antiga Aliança, bradava corajosamente: “Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem, e quem tiver alimento faça da mesma maneira. Chegaram também uns cobradores de impostos, para serem batizados, e lhe perguntaram: Mestre, que devemos fazer? Respondeu-lhes: Não peçais mais do que o que vos está ordenado. Então uns soldados o interrogaram: E nós, que faremos? Ele lhes disse: A ninguém trateis mal, não deis denúncia falsa, e contentai-vos com o vosso soldo” (Lc.3:11-14). Como podemos ver, a corrupção estava arraigada na cultura daquele povo. Devido à sua postura ética, João tornou-se uma ameaça ao status quo de muitas autoridades, e acabou decapitado por ordem de Herodes. Vale lembrar que foi a avidez pelo vil metal que fez com que Judas traísse a Jesus, entregando-O aos Seus inimigos por trinta moedas de prata.

Por causa da avareza, que como vimos, é a pior das idolatrias, vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência, afirma Paulo (Col.3:5-6). Esta

expressão “filhos da desobediência”, significa literalmente “filhos rebeldes” é usada pelo apóstolo em outras duas passagens, ambas encontradas em sua epístola aos Efésios. Em uma delas (2:2-3), Paulo traça um paralelo entre os gentios, que antes andavam segundo o curso deste mundo, e segundo o príncipe das potestades do ar, e aqueles nos quais esse espírito agora operava. São a esses que Paulo chama de “filhos da desobediência”. Quem seriam eles, afinal? Na outra passagem de Efésios, Paulo admoesta: “Pois bem sabeis isto: Nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com palavras vãs, pois por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência” (5:5-6). Paulo está se referindo àqueles que rejeitaram o reino de Deus, e preferiram ser fiéis a Roma, tendo em vista o lucro advindo desta fidelidade. Isaías denuncia setecentos anos antes a tentativa de Israel em buscar vantagem em cima de uma aliança feita com outro povo: “Ai dos filhos rebeldes, diz o Senhor, que tomaram conselho, mas não de mim, que se cobriram com uma cobertura, mas não do meu Espírito, para acrescentarem pecado a pecado; que descem ao Egito, sem me consultar, para se fortificarem com a força de Faraó, e para se refugiarem na sombra do Egito” (Is.30:1-2). Agora, era a vez de Israel buscar beneficiar-se à sombra de Roma. Ainda que para isso, tivesse que transigir com seus princípios, e negociar sua própria liberdade. Contanto que o lucro fosse assegurado, valia a pena correr o risco.

De fato era uma geração perversa e rebelde. Paulo desmascara sua hipocrisia indagando-os: “Mas tu que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus (...) tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, roubas os templos?”(Rm.2:17,21-22).

O Deus que os judeus contemporâneos de Jesus adoravam não era de fato o Deus de Moisés, de Abraão, Isaque e Jacó; e sim, o deus do lucro fácil, das transações ilícitas, da corrupção. Seu deus era Mamom.

O Anúncio de um Novo Povo

Através do cântico de Moisés, Deus começou a revelar o Seu propósito em levantar um novo povo, formado a partir de elementos de todas as nações da Terra. Já que Israel Lhe fora infiel, prostituindo-se com os ídolos das nações, Deus lhe incitaria o ciúme ao escolher dentre todas as nações, um povo para ser Sua propriedade exclusiva.

Ao tratar da questão que envolve a rejeição de Israel, e a eleição de um novo povo dentre os gentios, Paulo lança mão de várias passagens escriturísticas.

“Como diz em Oséias: Chamarei meu povo ao que não era o meu povo; a amada à que não era amada. No lugar em que lhes foi dito: Vós não sois meu povo, aí serão chamados filhos do Deus vivo (...) Irmãos, o desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para que se salvem. Pois lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento. Visto que não conheceram a justiça de Deus, e procuraram estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram a que vem de Deus (...) Mas nem todos obedeceram ao evangelho, pois Isaías diz: Senhor, quem creu na nossa pregação? (...) Mas digo: Não ouviram? Sim, por certo, pois por toda a terra saiu a voz deles, e as suas palavras até aos confins do mundo. Mas digo: Israel não o soube? Primeiro diz Moisés: Eu vos perei em ciúmes com aqueles que não são povo, com gente insensata vos provocarei à ira. E Isaías ousadamente diz: Fui achado pelos que não me buscavam, fui manifestado aos que não perguntavam por mim. Mas contra Israel diz: Todo dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente.”
ROMANOS 9:25-26; 10: 1-3, 16,18-21.

A rejeição do Messias por parte de Israel já estava nos planos de Deus. Como juízo por haver se entregue à idolatria, Deus endureceu o coração daquele povo para que não compreendesse e conseqüentemente aceitasse o Evangelho.

Em sua última tentativa de alcançar os judeus, havendo grande discordância entre eles, Paulo concluiu:

“Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías: Vai a este povo, dize: Ouvindo, ouvirei, e de maneira nenhuma entenderéis; vendo, vereis, e de maneira nenhuma perceberéis. Pois o coração deste povo está endurecido; com os ouvidos ouviram pesadamente, e fecharam os olhos, para que jamais vejam com os olhos nem ouçam com os ouvidos, nem entendam com o coração, e se convertam e eu os cure. Portanto, quero que saibais que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles ouvirão.” ATOS 28:25-28.

“Que diremos, pois?” indaga Paulo, “O que Israel buscava não o alcançou, mas os eleitos o alcançaram, e os outros foram endurecidos. Como está escrito: Deus lhes deu espírito de entorpecimento, olhos para não verem e ouvidos para não ouvirem até o dia de hoje. E diz Davi: Torne-se-lhes a mesa em laço e armadilha, em tropeço e retribuição. Escureçam-se-lhes os olhos para não verem, e encurvem-se-lhes continuamente as costas. Digo, pois,: Tropeçaram, para que caíssem? De modo nenhum, mas pela sua queda veio a salvação aos gentios, para os incitar ao ciúme” (Rm.11:7-11).

O cântico de Moisés joga por terra a teoria absurda defendida pelo dispensacionalismo de que a igreja foi um improvisado de Deus dentro da história. A igreja neo-testamentária sempre esteve no projeto de Deus, e ela nada mais é do que a continuação do verdadeiro Israel.

Paulo usa a figura de uma Oliveira para representar Israel (Rm.11:17). Deus quebrou os ramos naturais, que são os judeus segundo a carne, para enxertar novos ramos, que são os gentios eleitos.

As promessas feitas por Deus a Israel continuam de pé. Entretanto, são dirigidas àqueles que estão enxertados na Oliveira, e não àqueles que dela foram arrancados. Aos olhos de Deus, os verdadeiros judeus somos nós, e não os segundo a carne (Rm.2:29).

Referindo-se aos judeus do seu tempo, Paulo os chama de falsa circuncisão, e diz que verdadeira circuncisão “somos nós, que servimos a Deus em Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne” (Fp.3:3). Escrevendo aos Gálatas, Paulo chama a igreja de “o Israel de Deus” (Gl.6:16). Os verdadeiros descendentes de Abraão são os da fé, e não os segundo a carne (Gl.3:7).

Nós, os santos da Nova Aliança, somos a continuidade daquela estirpe começada em Abraão, e que trouxe Jesus ao mundo. O propósito de Deus com Israel continua inalterado. A raiz continua a mesma, mas os ramos são outros. Os propósitos divinos não são direcionados a Israel como nação, ou etnia. O Israel de Deus somos nós!

Entretanto, assim como há gentios eleitos, há judeus que foram eleitos para a salvação. Paulo, Pedro, Tiago, João, e tantos outros, eram judeus convertidos.

Jamais devemos admitir que um judeu seja salvo só por ser judeu. Isto é um absurdo desmedido. O judeu é salvo da mesma forma como o gentio: por meio de Jesus Cristo.

Se um judeu morrer sem reconhecer o senhorio de Jesus, e sem aceitar a Sua oferta de salvação, ele estará perdido, e fadado a passar toda a eternidade no inferno. Paulo diz que havia dentre os judeus “um remanescente, segundo a eleição da graça. Mas se é pela graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça” (Rm.11:5-6).

Já ouvi de pregadores que os gentios são salvos pela graça, e os judeus pela lei. Nada mais falso do que esta declaração. Os judeus eleitos por Deus são salvos da mesma maneira que os gentios.

Segundo Paulo, quando a plenitude dos gentios houver entrado, todo o Israel será salvo (Rm.11:25-26). O plano de Deus é que todas as nações se convertam a Ele, e isso inclui Israel, é claro. “Todos os reis se prostrarão perante ele, e todas as nações o servirão” garante o salmista (Sl.72:11).

“Todos os confins da terra se lembrarão, e se converterão ao Senhor; e todas as famílias das nações adorarão perante ele, pois o reino é do Senhor, e ele domina entre as nações” declara outro salmo (Sl.22:27-28).

Repare na harmonia dos textos bíblicos. De Apocalipse fomos para Deuterônimo, passamos por Isaías, Davi, Oséias, Paulo, e Jesus. Todos concordam a uma só voz: Deus age soberanamente na História dos povos.

O programa de Deus está em andamento no mundo. Ninguém há que possa reverter o que Deus já fez.

Pedro diz que os judeus “tropeçaram porque são desobedientes à palavra; para o que também foram destinados. Mas vós (a igreja) sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. ANTES NÃO ÉREIS POVO, MAS AGORA SOIS POVO DE DEUS”(1 Pe.2:8b-10a).

Jesus avisou aos judeus de Sua época que o reino lhes seria tirado e entregue a um outro povo. Mas eles não Lhe deram ouvidos.

Contando-lhes uma parábola, falou-lhes de um proprietário que plantou uma vinha e confiou-a a uns lavradores, ausentando-se do país. “Chegado o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos. Os lavradores, agarrando os servos, feriram a um, mataram a outro, e apedrejaram a outro. Então enviou outros servos, em maior número do que os primeiros, e eles fizeram-lhes o mesmo. Por último enviou-lhes o SEU FILHO, dizendo: Respeitarão a meu filho. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: ESTE É O HERDEIRO. Vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança. Assim, agarraram-no, arrastaram-no para fora da vinha, e o mataram. Portanto, quando vier o dono da vinha, que fará àqueles lavradores? Responderam-lhe: Destruirá de maneira horrível a esses infames, e arrendará a vinha a outros lavradores, que no devido tempo lhe enviem os frutos. Disse-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa se tornou a pedra angular; o Senhor fez

isto, e é maravilhoso aos nossos olhos? Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será entregue a um povo que produza os seus frutos” (Mt.21:34-43).

“É assim que recompensas ao Senhor?” ecoa o cântico de Moisés. Mataram os profetas que Deus lhes enviou, e por fim, mataram o Herdeiro da Vinha!

E o cântico profético continua: “Pois um fogo se acendeu na minha ira, e arderá até o mais profundo do inferno. Devorará a terra com seus produtos, e consumirá os fundamentos das montanhas (...) A mim pertencem a vingança e a recompensa, ao tempo em que seus pés resvalarem; o dia da sua ruína está próximo, e as coisas que lhes hão de suceder se apressam a chegar (...) Se eu afiar a minha espada reluzente, e a minha mão travar do juízo, tomarei vingança contra os meus inimigos, e retribuirei aos que me odeiam” (vs.22, 35, 41).

Era sobre isso que Jesus falava em Seu sermão profético. Sua pauta não era o fim do mundo, mas o juízo de Deus sobre o povo que O rejeitara. “Pois dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas (...) cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos” (Lc.21:22,24a).

No ano 70 d.C., cumpriu-se o Cântico de Moisés, e o sermão profético de Jesus: Jerusalém foi incendiada e destruída pelos exércitos romanos.

O cântico termina dizendo: "Regozijai-vos, ó nações, com o seu povo, pois o Senhor vingará o sangue dos seus servos, tomará vingança contra os seus inimigos, e purificará a sua terra e o seu povo.” v.43

Por que as nações deveriam regozijar-se por causa do juízo de Deus sobre Israel? Porque agora, o sangue dos profetas e apóstolos fora vingado. E a Queda da Jerusalém apóstata apontava para o fato de que Jesus Cristo estava reinando soberanamente sobre todas as nações da terra. Ele foi

rejeitado para que, em vez de ser o Rei dos judeus, pudesse ser o Rei das Nações.

Quando as nações da terra olham para Jerusalém, e vêem ali a fumaça do seu castigo, reverenciam Àquele cujos juízos são manifestos.

Convém ressaltar que o mesmo Rei que arremessou Seu Cetro de Ferro sobre Jerusalém, e posteriormente sobre a própria Roma, está observando cada nação da terra, recompensado-as e punindo-as de acordo com o Seu justo juízo. A queda de Jerusalém foi apenas o começo.

Cabe aqui a advertência do Salmo 2:

“Portanto, ó reis, sede prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra. Servir ao Senhor com temor, e alegrai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que não se ire, e pereçais no vosso caminho, pois em breve se inflamará a sua ira. Bem-aventurados todos aqueles que nele se refugiam.” Vs.10-12.

O Cântico do Cordeiro

De acordo com a visão de João em Apocalipse, os que haviam vencido a besta também cantavam o Cântico do Cordeiro.

Tanto Mateus, quanto Marcos, registram que na noite em que Jesus celebrou a Santa Ceia, Ele cantou um hino. Marcos diz que após dar de beber do cálice aos Seus discípulos, Jesus disse: “Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide, até àquele dia em que o beber, novo, no reino de Deus. Tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras” (Mc.14:25-26). Fora este episódio, não encontramos mais nenhum relato acerca de Jesus cantando.

O que foi que Ele cantou, afinal?

Talvez jamais saibamos com certeza, mas encontramos uma pista no verso 25. Ali Ele fala acerca do fruto da vide, que só seria tomado novamente quando viesse o reino de Deus (o que comprova que já vivemos

no reino de Deus agora). É razoável imaginar que o cântico que Ele entoou naquela noite falasse alguma coisa acerca disso.

Era comum entre os judeus entoar salmos, ou canções extraídas de outras partes das Escrituras.

Qual cântico nas Escrituras combinaria mais com aquela ocasião? Que tal algum que falasse sobre a vinha do Senhor? Onde é que podemos encontrar tal cântico?

Isaías foi o profeta que relatou o sofrimento de Jesus apontando-O como o Cordeiro que seria imolado para expiar o pecado do Seu povo (Is.53).

Fiquei surpreso quando soube que Isaías compôs um cântico que era conhecido na igreja primitiva como o “Cântico do Cordeiro”. Este cântico se encontra no capítulo cinco do seu livro:

"Cantarei ao meu amado o CÂNTICO DO MEU QUERIDO a respeito da sua vinha: O meu amado teve uma vinha num outeiro fértil. Ele a cavou e a limpou das pedras, e a plantou de excelentes vides. Edificou no meio dela uma torre, e construiu nela um lagar. E esperava que desse uvas, mas deu uvas bravas. Agora, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá, julgai entre mim e a minha vinha. Que mais se podia fazer à minha vinha, que eu não tenha feito? (...) Agora vos direi o que hei de fazer à minha vinha: Tirarei a sua sebe, para que sirva de pasto; derrubarei a sua parede, para que seja pisada. Torná-la-ei em deserto, não será podada nem escavada, e sarças e espinheiros crescerão nela. Darei ordem às nuvens para que não derramem chuva sobre ela. A VINHA DO SENHOR DOS EXÉRCITOS É A CASA DE ISRAEL, e os homens de Judá são a planta das suas delícias. E esperou que exercessem justiça, mas viu opressão; retidão, mas ouviu clamor."

O que foi que essa vinha produziu? Injustiça, opressão, rebeldia. Foi o cálice repleto com o que essa vinha produziu que Jesus tomou na Cruz do Calvário. Quais foram os pecados de Israel?

1. Ganância, avareza, monopólio dos bens - “Ai dos que ajuntam casa a casa, e reúnem herdade a herdade, até que não haja mais lugar, e fiquem como únicos moradores no meio da terra” (v.8). Os judeus sempre foram um povo conhecido por sua avareza. Ainda hoje, são proprietários de muitos bancos. Visando lucros e só lucros, eles monopolizavam a terra, e deixavam na penúria os excluídos. Para isso, se valiam de leis injustas, e do empréstimo com juros. Em outra passagem Isaías os previne: “Ai dos que decretam leis injustas, e dos escrivães que escrevem perversidades, para privar da justiça os pobres, e para arrebatar o direito dos aflitos do meu povo, despojando as viúvas, e roubando os órfãos” (Is.10:1-2). Jeremias também os exorta: “Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça, e os seus aposentos sem direito, que se serve do serviço do seu próximo sem paga, e não lhe dá o salário do seu trabalho”(Jr.22:13). E Habacuque adverte: “Ai daquele que multiplica o que não é seu (até quando?) e daquele que se carrega a si mesmo de penhores (...) Ai daquele que ajunta em sua casa bens mal adquiridos, para pôr o seu ninho no alto, a fim de se livrar das garras do mal!”(Hc.2:6b,9). Tais advertências caem como uma luva para o sistema financeiro do nosso país, que suga do pobre até a última gota do seu suor, fazendo com que seus rendimentos escoem pelo ralo dos juros. Deus não os deixará impunes, como não deixou impune Israel. E o Cântico do Vinhateiro continua: “Em verdade que muitas casas ficarão desertas, e até as grandes e excelentes, sem moradores” (Is.5:9). Cabe aqui as palavras de advertência de Jesus a Jerusalém: “Agora a vossa casa vos ficará deserta” (Mt.23:38). Deus sentenciou a Cidade Apóstata, que antes era a Cidade do grande Rei, e agora era considerada “A Grande Babilônia”: “Ai! Ai da grande cidade, Babilônia, a cidade forte! Numa só hora veio o teu juízo. E, sobre ela, choram e lamentam os mercadores da terra, porque ninguém mais compra a sua mercadoria (...) O fruto que a tua alma cobiçava foi-se de ti (...) Numa só hora foram assoladas tantas riquezas!” (Ap.10b-11,14a, 16b). Há muitos tipos de monopólio. Nós vivemos na era da informação, e é dito com freqüência que saber é poder. A informação é um tipo de mercadoria que hoje vale mais do que o ouro. Já naquela época isso podia ser constatado. Para os detentores do saber, Jesus adverte: “Ai de

vós doutores da lei, porque tomastes a chave da ciência. Vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam” (Lc.11:52).

2. Distração, alegria por motivos errados - “Ai dos que se levantam cedo de manhã para correr atrás da bebida, que continuam até alta noite, até que o vinho os esquente! Harpas e liras, tamborins e flautas, e vinho há nos seus banquetes, mas não olham para a obra do Senhor, nem consideram as obras das suas mãos” (Is.5:11-12). Nesta porção do cântico, Deus não condena a alegria, mas a motivação errada. O que motivava os judeus não era a glória de Deus, mas as festas, o vinho, a farra. O Senhor sentencia: “Em ti não se ouvirá mais a voz dos harpistas, de músicos, de tocadores de flautas e de clarins”(Ap.18:22a ; Compare com Is.24:8 e Jr.7:34). “Portanto o meu povo será levado cativo, por falta de entendimento; os seus nobres terão fome, e a sua multidão se secará de sede. Por isso a sepultura aumenta o seu apetite...” (v.13-14a). Não lhes faltava entretenimento, mas faltava-lhes entendimento! Se a sua força fosse a alegria do Senhor, a história seria bem diferente. Mas a sua força estava no vinho, na embriaguez, nas orgias, no pecado.

3. Irreverência, falta de temor de Deus - “Ai dos que puxam pela iniquidade com cordas de vaidade, e pelo pecado como se fosse com tirantes de carros, e dizem: Apresse-se Deus, e acabe a sua obra, para que a vejamos. Aproxime-se, e venha o conselho do Santo de Israel, para que o conheçamos” (Vs.18-19). Um dos mais tristes quadros da depravação humana se revela quando se perde o temor de Deus. Logo surgem as blasfêmias, as palavras insolentes. Disso Deus reclama pelos lábios de Malaquias: “As vossas palavras foram agressivas para mim, diz o Senhor. Mas vós dizeis: Que temos falado contra ti? Vós dizeis: Inútil é servir a Deus. O que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos”(Ml.3:13-14a)? Jesus sofreu na pele a insolência dos judeus. Eles foram capazes de afirmar que Jesus expulsava demônio pelo poder de Belzebú (Mt.12:22-32). Não O respeitaram nem enquanto era crucificado. Mateus testifica que “os que passavam, blasfemavam dele, meneando a cabeça, e dizendo: Tu que destróis o templo, e em três dias o reedificas,

salva-te a ti mesmo! Se és Filho de Deus, desce da cruz. Da mesma maneira também os principais sacerdotes, com os escribas, anciãos e fariseus, escarnecendo, diziam: Salvou a outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça agora da cruz, e creeremos nele. Confiou em Deus. Livre-o agora, se de fato o ama, pois disse: Sou Filho de Deus” (Mt.27:39-43). Aquela geração não apenas blasfemou contra o Filho do Homem, mas contra o Espírito que n'Ele operava.

4. Inversão de valores - “Ai dos que ao mal chamam bem, e ao bem mal, que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade, que põem o amargo por doce, e o doce por amargo” (Is.5:20). Quem pensa que a inversão de valores morais é algo inerente à sociedade moderna, está equivocado. Já naquele tempo havia os que chamavam bem ao mal, e vice-versa.

5. Orgulho, soberba, presunção - “Ai dos que são sábios a seus próprios olhos, e prudentes diante de si mesmos!” (v.21). Aqueles judeus se ufanavam de serem filhos de Abraão, os guardiões do pacto. Mas Jesus os desmascarou, chamando-os de filhos do diabo! (Jo.8:44). “Se alguém pensa saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber” admoesta Paulo (1 Co.8:2).

6. Insensatez, valentia carnal e injustiça - “Ai dos que são poderosos para beber vinho, e valentes para misturar bebida forte, que justificam o ímpio por suborno, e ao justo negam justiça” (v.22). O que eles fizeram quando pediram que se soltasse Barrabás, e crucificasse a Jesus? Justificaram o ímpio, e negaram justiça ao Justo! Pedro, tomado de intrepidez ímpar, os denuncia: “Mas vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homicida” (At.3:14). E mais: Foram capazes de dizer a uma só voz a Pilatos: “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt.27:25). Pois em resposta a isso, Deus trouxe juízo àquela geração perversa. “Pelo que se acende a ira do Senhor contra o seu povo, e estende a sua mão contra ele, e o fere. As montanhas tremem, e os seus cadáveres são como monturo no meio das ruas” (v.25a). Flávio Josefo nos dá um retrato

apurado de como ficaram as ruas de Jerusalém quando esta foi tomada pelos exércitos romanos em 70 d.C.

Depois de seis ais, o cântico do vinhateiro (o Cordeiro) parece entrar em uma nova estrofe:

"Ele arvora o estandarte ante as nações de longe, e lhes assobia desde a extremidade da terra. Aí vem, apressadamente. Não há entre eles cansado, nem quem tropece, ninguém que tosqueneja nem dorme (...) As suas flechas são agudas, e todos os seus arcos retesados (...) O seu rugido é como o do leão, rugem como filhos de leão; rugem e arrebata a presa, e a levam, e não há quem a livre. Bramarão contra eles naquele dia, como o bramido do mar. E se alguém olhar para a terra, só verá trevas e angústia, e a luz se escurecerá pelas nuvens." ISAÍAS 5:26-27a, 28a, 29-30.

Eis o retrato dos exércitos de Deus oriundos de todas as nações da terra. Eis um povo poderoso, cujo rugido é semelhante ao do Leão da Tribo de Judá. Esses são os que seguem o Cavaleiro Fiel e Verdadeiro, os filhos do Leão! Embora esta profecia seja às vezes aplicada aos assírios que tomaram Jerusalém, e aos romanos que a destruiriam por completo em 70 d.C., podemos enxergar nela um retrato da Igreja de Cristo, onde não há cansado, nem quem tropece, nem quem dorme, como podemos comprovar nas seguintes passagens:

"Ora, nós, os que temos crido, entramos no descanso (...) Procuremos, portanto, entrar naquele descanso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência" (dos judeus). HEBREUS 4:3a,11.

"Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de TROPEÇAR, e apresentar-vos jubilosos e imaculados diante da sua glória." JUDAS 24.

"Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios. Pois os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam, embriagam-se de noite. Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos

da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação.”
1 TESSALONICENSES 5:6-8.

Além dessas passagens, encontramos uma profecia paralela em Joel. Referindo-se ao grande exército que Deus levantaria, o profeta declara: “O Senhor tropeja diante do seu exército; muito grande é o seu arraial e poderosos são os que executam a sua palavra”(Joel 2:11).

Os assírios que tomaram Jerusalém, e os romanos que a destruíram por completo em 70 d.C. foram apenas os instrumentos do juízo de Deus sobre Israel. Mas o exército diante do qual o Senhor tropeja é a Igreja de Cristo. Nós somos poderosos na execução de Sua Palavra. E “as armas de nossa milícia”, diz Paulo, “não são carnis, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas. Derrubamos raciocínios e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento à obediência de Cristo. E estaremos prontos para punir toda desobediência, quando for cumprida a vossa obediência” (2 Co.10:4-6).

O que Paulo quis dizer ao afirmar que a igreja deve estar pronta pra punir toda desobediência? Deus nos estabeleceu como autoridades sobre as nações da terra. Através da evangelização, nós derrubamos fortalezas culturais, intelectuais, espirituais, e impomos a verdade do Evangelho. E através da oração, nós denunciemos ao Juiz de toda a terra a rebeldia daqueles que rejeitam a verdade, apegando-se a mentira. Nós acionamos o juízo de Deus através da oração. O salmista declara em seu salmo de triunfo: “Estejam na sua garganta os altos louvores de Deus, e espada de dois gumes nas suas mãos, para tomarem vingança das nações e punirem os povos (...) para executarem contra eles o juízo escrito. Esta é a glória de todos os santos. Louvai ao Senhor” (Sl.149:6-7,9).

A oração da igreja acionou o juízo de Deus sobre Israel. E é a oração da igreja que vai acionar o juízo de Deus sobre as nações da terra.

Logo no início da igreja primitiva, encontramos um episódio que nos ajuda a entender como isso se dá. Após terem sofrido ameaças por parte das

autoridades judaicas, Pedro e João, reuniram-se com a igreja que “unânimes levantaram a voz a Deus em oração: Senhor, tu és o que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há. Tu disseste pela boca de Davi, seu servo: Por que bramam as gentes, e os povos pensam coisas vãs? Levantam-se os reis da terra, e os príncipes se ajuntam à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido. Verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungeste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer. Agora, ó Senhor, OLHA PARA AS SUAS AMEAÇAS, e concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra...”(At.4:24-29). “Mas os judeus incitaram algumas mulheres devotas, de alta posição, e os principais da cidade, e levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé, e os lançaram fora da sua região. SACUDINDO, PORÉM, CONTRA ELES O PÓ DOS SEUS PÉS, partiram para Icônio” (At.13:50-51).

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Capítulo 3

O Milênio

“Pois mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite.” SALMO 90:4.

Neste capítulo, estudaremos um dos mais controversos temas do livro das Revelações: o Milênio. Há três principais linhas de interpretação deste tema. O Premilenismo acredita que o Milênio deve ser entendido de forma literal, e que vai acontecer logo após a Segunda Vinda de Cristo. O Amilenismo advoga que o Milênio já começou, e que é apenas um símbolo do reino espiritual de Cristo. Segundo os teólogos amilenistas, não se deve aguardar um tempo áureo em que as promessas alusivas ao Milênio se cumpram literalmente. Já o Posmilenismo crê que o Milênio começou com a ascensão e entronização de Cristo, e que vai alcançar o seu ápice antes da Volta de Cristo, culminando com a conversão de todas as nações ao Evangelho.

Quem estará com a razão? Vamos buscar uma conclusão analisando o texto em questão.

O Capítulo 20 de Apocalipse começa relatando uma visão de João:

"Então vi descer do céu um anjo que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na mão. Ele prendeu o dragão, antiga serpente, que é o diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos. Lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e selou sobre ele, para que não enganasse mais as nações, até que os mil

anos se completassem. Depois disto é necessário que seja solto, por um pouco de tempo.” APOCALIPSE 20:1-3.

De acordo com esta passagem, o Milênio começa com a prisão de Satanás. Conclui-se que, se ele já foi preso, logo, o Milênio começou. Porém, se ele ainda está solto e vai ser preso um dia, o Milênio ainda está por vir. Antes de tirarmos conclusões precipitadas, vamos compreender o significado desta “prisão”.

Em primeiro lugar, temos que identificar o tal anjo que desce do céu, tendo nas mãos a chave do abismo [hades]. Trata-se de uma teofania; isto é, o próprio Deus revelando-Se na forma angelical, como muitas vezes fez no Antigo Testamento, apresentando-Se como “o Anjo do Senhor”. A prova disso é que logo no primeiro capítulo de Apocalipse, Cristo Se apresenta a João como “o primeiro e o último”, e que tem “as chaves da morte e do inferno” (1:17-18). Uma teofania semelhante aparece no capítulo 10, onde um Anjo “vestido de uma nuvem”, cujo rosto era como o sol, e que rugia como leão é ninguém menos que o próprio Filho de Deus.

Um simples anjo não poderia prender Satanás. Mesmo o arcanjo Miguel, uma das mais importantes figuras angelicais das Escrituras, “quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar contra ele juízo de maldição, mas disse: o Senhor te repreenda” (Jd.9). Só Jesus, o Senhor, poderia, não apenas repreender a Satanás, mas também amarrá-lo.

Ao identificarmos Aquele que tem a chave do abismo, e que é o responsável por acorrentar o diabo, já demos o primeiro passo rumo à compreensão do Milênio. Resta saber agora se Jesus já cumpriu esta missão, ou ainda irá cumpri-la. Pois se já a cumpriu, o Milênio deve estar em andamento.

Satanás já está amarrado!

O aprisionamento de Satanás está intimamente ligado à chegada do Reino de Deus. Aprisionar é restringir a ação. Até o início do ministério de Jesus, a jurisdição de Satanás abrangia todas as nações da Terra. Somente Israel era considerada “Herança do Senhor”(Êx.34:9; Dt.32:9; Jr.10:16). Todas as demais nações estavam sob a tirania do diabo. Porém, Deus fez uma promessa a Seu Filho Jesus: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e os fins da terra por tua possessão” (Sl.2:8). Para que as nações fossem arrancadas de debaixo da tirania de Satanás, Cristo teria que amarrá-lo e despojá-lo. Foi pelos lábios de Isaías que Deus disse: “Tirar-se-ia a presa ao valente, ou os presos escapariam do tirano? Mas assim diz o Senhor: Por certo que os presos se tirarão do valente, e a presa do tirano escapará; EU CONTENDEREI COM OS QUE CONTENDEM CONTIGO, e os teus filhos eu remirei (...) Então toda a humanidade saberá que eu sou o Senhor”(Is.49:24-25,26b). Somente Deus poderia contender com o tirano, e arrancar de suas presas aquilo de que ele se assenhoreara. Para isso, Deus Se fez homem em Cristo Jesus. “Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo” (1 Jo.3:8b).

Ao encarnar-Se, Jesus entrou no terreno inimigo, e desafiou-o em sua própria jurisdição. Ao defender-Se da acusação dos fariseus de que expulsava demônios pelo poder de Belzebu, Jesus afirmou:

"Mas se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente vos é chegado o reino de Deus. Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo o que tem. Mas sobrevindo outro MAIS VALENTE do que ele, vence-o, tira-lhe toda a sua armadura em que confiava, e reparte os seus despojos." LUCAS 11:20-22.

Satanás era esse valente que guardava armado a sua casa. Somente alguém mais valente do que ele poderia vencê-lo e apropriar-se de seus bens. Aliás, é bom que se diga que, os bens de que o diabo se assenhoreara

sempre pertenceu a Deus. Foi ele quem se apropriou indevidamente de algo que não lhe pertencia. Jesus veio resgatar a propriedade de Deus (Ef.1:14). Afinal, “do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e todos os que nele habitam” (Sl.24:1).

A questão é: “Como pode alguém entrar na casa do valente e roubar os seus bens, se primeiro não amarrá-lo, saqueando então a sua casa?” (Mt.12:29).

Para despojá-lo dos seus bens, Jesus teria que primeiro amarrar o inimigo. Em Colossenses 2:15, somos informados de que Jesus já despojou “os principados e potestades” e “publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz”. Se para despojá-los, Jesus teria que antes amarrá-los, logo, concluímos que Satanás e seus asseclas já foram acorrentados por Cristo através de Sua morte na cruz. O escritor de Hebreus diz que pela Sua morte, Jesus aniquilou “o que tinha o império da morte, isto é, o diabo”. E isso com o objetivo de livrar “a todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à escravidão” (Hb.2:14-15).

Então o diabo está amarrado? Exatamente. Não só ele, como também todos os seus demônios. Pedro diz que Deus não poupou os anjos que pecaram, “antes, precipitou-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para o juízo” (2 Pe.2:4). E isso é confirmado em outra passagem que diz que os anjos “que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele [Deus] tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia” (Jd.6).

Ora, se eles já foram amarrados, então, por qual razão ainda vemos manifestações demoníacas em nossos dias? Se eles estão acorrentados e selados no abismo, de onde vêm as desgraças que abatem sobre o mundo?

Precisamos entender que estar “amarrado” não é o mesmo que estar inativo. Satanás ainda age no mundo. Ele está amarrado no sentido de não poder coibir o avanço do Evangelho, nem impedir que as almas lhe sejam saqueadas. Até a cruz, ele agia com liberdade muito maior do que hoje.

Agora, ele “opera nos filhos da desobediência” (Ef.2:2b). Sua jurisdição ficou circunscrita aos incrédulos. É como um cão que está acorrentado em uma coleira. Mesmo preso, e tem à sua volta um espaço para mobilizar-se. Qualquer que se aproximar dele poderá sofrer um ataque.

Antes de nos converter, todos estávamos ao alcance de Satanás. Eram súditos de seu nefasto império. Porém, Cristo “nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Col.1:13).

Estávamos, por assim dizer, na mesma cela que ele. Habitávamos num abismo de trevas. Mas por estar amarrado, o diabo não pôde impedir que fôssemos arrancados de lá. Agora, estamos fora do seu alcance, por termos sido transportados para o reino de Cristo Jesus. Estamos assentados nEle, acima de todo principado e potestade [Ef.1:21, 2:6].

Bastaria este fato para que nos atrevêssemos a declarar que o Milênio já começou. Mas vamos prosseguir em nosso estudo.

A Primeira Ressurreição

João afirma: “Vi também tronos, e aos que se assentaram sobre eles foi-lhes dado o poder de julgar. E vi as almas daqueles que foram degolados por causa do testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem nas mãos. Reviveram e reinaram com Cristo durante mil anos” (Ap. 20:4).

Os tronos vistos por João são os vinte e quatro tronos que cercam o Trono de Deus, e que significam a igreja do Antigo e do Novo Testamento. Estes tronos [simbólicos, é claro] são, na verdade, ocupados por todos os crentes de todas as eras. Não só os que morreram, mas também os que ainda vivem neste mundo. Isto é confirmado por Paulo em Romanos 5:17, onde diz que “os que recebem a abundância da graça, e o dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo”. Logo no início do Apocalipse, João diz que Cristo nos constituiu “reis e sacerdotes para o seu Deus e Pai” (Ap.1:6).

João também declara que aqueles que estavam sobre o trono receberam poder para julgar. O que encontra paralelo com a afirmação de Paulo de que “os santos hão de julgar o mundo” e até mesmo os anjos [1 Co.6:2,3]. O Salmo 149 diz que a glória de todos os santos é executar o juízo escrito [v.9].

Depois de ver os tronos, e os santos neles assentados para julgar as estruturas injustas do mundo, João vê as almas dos mártires. Os crentes primitivos certamente foram consolados com estas palavras. Seus parentes, amigos e irmãos, que por terem se recusado a prestarem culto ao imperador, haviam sido mortos, na verdade, estavam vivos ao lado de Cristo, reinando com Ele. Tanto os que estavam vivos, quanto os que haviam sido martirizados, desfrutavam do Reino de Deus. A morte não era capaz de impedir esta comunhão entre eles e o seu Salvador (Rm.8:35-39).

Os “mil anos” não devem ser entendidos literalmente. Assim como a maioria dos números do livro do Apocalipse, o número “mil” também é simbólico. Biblicamente, “mil” representa um número relativo. Com relação ao homem pode parecer grande, mas com relação a Deus é apenas um momento. Como afirmou Pedro: “Para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia” (2 Pe.3:8b). Reviver é o mesmo que está na presença imediata de Deus. Uma vez que nem a morte pode nos separar do amor de Deus que está em Cristo, podemos dizer que os que morrem em Cristo reviveram. Aliás, esta verdade já é desfrutada por nós antes mesmo de partirmos deste mundo. Paulo diz que “estando nós ainda mortos em nossos delitos, nos VIVIFICOU juntamente com Cristo (pela graça sois salvos) e nos RESSUSCITOU juntamente com ele, e nos fez assentar nas regiões celestiais, em Cristo Jesus” (Ef.2:5-6).

E quantos àqueles que morrem sem Cristo? “Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se completassem” (v.5). Eles só serão conduzidos à presença imediata de Cristo no Juízo Final, após o Milênio. Entretanto, após serem julgados, serão separados de Cristo para sempre, o que é chamado de “segunda morte” (Ap.20:14).

A ressurreição espiritual da qual participamos quando nos convertemos a Cristo é chamada de “Primeira Ressurreição”. “Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na PRIMEIRA RESSURREIÇÃO. Sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante os mil anos” (Ap.20:6).

A primeira morte é a biológica. Ela é fruto do pecado original. Os biólogos são concordes em dizer que o ser humano começa a morrer no momento em que nasce. Todos teremos que enfrentá-la um dia. Entretanto, ela não é a palavra final. Há uma segunda morte, que é a morte eterna. Biblicamente, morte quer dizer “separação”. Ao morrer fisicamente, a alma é separada do corpo, e por isso, este expira. A segunda morte significa o maior de todos os males: a separação do espírito humano de Deus para sempre. Na verdade, todos já nascemos espiritualmente mortos, separados de Deus. Porém, ao ouvirmos a Palavra de Deus, fomos arrebatados do império da morte, e introduzidos no Reino da Vida Eterna.

Jesus disse:

“Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas PASSOU DA MORTE PARA A VIDA. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, E JÁ CHEGOU, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão.” JOÃO 5:24-25.

Repare que não são todos que ouvem a voz do Filho de Deus. Logo, trata-se da primeira ressurreição, que é espiritual, e está limitada àqueles que ouvem a voz do Supremo Pastor. A hora da primeira ressurreição já chegou.

Em seguida, Jesus fala da ressurreição geral, que se dará no último dia, quando Ele vier para julgar os vivos e os mortos:

“Não vos maravilheis disto, pois vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão: Os que fizeram o bem sairão para

a ressurreição da vida, e os que praticaram o mal, para a ressurreição da condenação.” JOÃO 5:28-29.

Agora Jesus está falando de uma ressurreição física, que engloba todos os homens, tanto os justos quanto os injustos. Estes ressuscitarão ao mesmo tempo (“vem a hora”!). Não haverá intervalo entre a ressurreição dos justos e dos injustos. Em uma só hora, todos ouvirão a voz de Cristo, e sairão de seus sepulcros para serem julgados pelo Filho de Deus.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Nova Jerusalém - A Sociedade Definitiva

Santos de todas as eras têm pensado sobre a realidade da Nova Jerusalém. Os céticos acham que tudo não passa de utopia infantil, enquanto crentes fervorosos têm nutrido uma visão romântica sobre a Santa Cidade, e anelam pelo dia em que atravessarão os seus portões. Neste estudo vamos descortinar alguns dos gloriosos mistérios que fazem da Nova Jerusalém o foco da esperança de todos os crentes em Jesus.

Nesses tempos de mudanças políticas, econômicas, sociais e tecnológicas, todos os seres humanos, independente de credo, língua ou raça, anelam por uma sociedade mais justa, ancorada em valores que jamais sejam modificados.

É dos filhos de Coré o salmo que diz:

“Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, AINDA QUE A TERRA SE MUDE, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares; ainda que as águas rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza. Há um rio cujas correntes alegam a CIDADE DE DEUS, o santuário das moradas do Altíssimo. Deus está no meio dela, não será abalada; Deus a ajudará ao romper da manhã. As nações se embravecem, os reinos se movem; ele levanta a sua voz, e a terra se derrete. O Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio... Aquietai-vos, e sabeí que eu sou Deus;

serei exaltado entre as nações, serei exaltado sobre a terra.” SALMOS 46:1-7,10.

Ainda que a terra se mude! Ainda que a ordem estabelecida seja revertida! Há uma cidade da qual Deus é o arquiteto e o construtor; ela está bem alicerçada no Monte de Deus, e por isso, não será abalada. O próprio Deus é quem a ajudará ao romper da manhã do novo tempo.

Esta Cidade é cortada por um rio que trás alegria, refrigério e segurança aos seus habitantes. Ela é o Santuário das Moradas do Altíssimo.

A Cidade de Deus é a Jerusalém Celestial. A mesma vista por João, quando estava encerrado na Ilha de Patmos. Ali, um anjo se lhe aproximou, convidando-lhe para ver aquela que é a Noiva, a Esposa do Cordeiro.

João descreve esta aventura com as seguintes palavras:

“Então veio um dos sete anjos...e me disse: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro. E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus. Ela brilhava com a glória de Deus...” APOCALIPSE 21:9-11a

Veja que a Cidade Celestial é chamada de Esposa do Cordeiro. Isso comprova o fato de que a Igreja é, sem sombra de dúvida, a Jerusalém Celeste. Afinal, a única esposa que Jesus possui é a Sua Igreja. Nosso Rei não é bígamo.

À luz disso, não hesitamos em declarar que nós somos a Cidade inabalável apresentada no Salmo 46. Nós somos a Nova Jerusalém. Uma cidade não é meramente um espaço urbano formado por ruas, casas e prédios. Uma cidade é um povo. Quando falamos do Rio de Janeiro, não estamos falando apenas do seu espaço físico, e sim dos seus habitantes. Assim como uma nação não é apenas um território. O conceito bíblico de nação diz respeito a um povo, e não a um território. É por isso que o judeu é considerado judeu independente do lugar onde tenha nascido.

Assim também, não podemos imaginar que a Nova Jerusalém seja apenas uma Cidade com ruas de ouro, mar de cristal e etc. A Nova Jerusalém é a Igreja de Deus. Ou será que Cristo se casaria com os muros, ruas e prédios de uma cidade?

Os filhos de Coré afirmam que aquela cidade é o santuário das moradas do Altíssimo. “Moradas”, nesse texto, está no plural. E quem são as moradas do Altíssimo senão nós, os Seus filhos? Paulo diz aos Efésios que nós juntamente somos edificados para morada de Deus no Espírito (Ef.2:22). Isso também é afirmado em outros textos como 1 Co.3:16; 6:19; Hb.3:6 e 1 Pe.2:5.

Talvez alguém objete, dizendo: - E quanto à procedência da cidade? João diz que ela descia do céu, da parte de Deus. Precisamos examinar isso à luz de outras passagens. Por exemplo, em João 17, em Sua oração sacerdotal, Jesus afirma com respeito à Igreja: “Eles não são do mundo, como eu do mundo não sou... Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo”(Jo. 17:16,18).

De fato a origem da Igreja é o céu. Não somos procedentes deste mundo. Em Hebreus lemos que “tanto o que santifica (Jesus) como os que são santificados, vêm todos de um só” (Hb.2:11).

É bom deixar claro que quando falamos da Igreja, não estamos fazendo menção de uma instituição humana, ou de uma denominação religiosa. Estamos falando, sim, de uma instituição divina, criada por Deus antes mesmo da fundação do mundo. Esta igreja é chamada de “universal assembléia e igreja dos primogênitos inscritos nos céus” (Hb.12:23).

Não cremos na igreja como um improvisado de Deus, haja vista a rejeição do Messias por parte de Israel. Absolutamente, não. Deus não possui dois povos. Ele possui unicamente um povo, um rebanho, uma Igreja. E esta Igreja é formada por todos aqueles que nasceram de novo, quer sejam judeus, ou gentios.

Uma Cidade no Monte

Outro detalhe interessante é que o anjo conduziu João a um alto monte, para que pudesse ver a Cidade de Deus. Não será esse o monte Sião, no qual chegamos por meio de Cristo Jesus? O Escritor sagrado afirma que nós já temos “chegado ao monte Sião, e a cidade do Deus vivo, à Jerusalém Celestial” (Hb.12:22).

No momento em que abraçamos o evangelho, atravessamos os portões da Cidade, e tornamo-nos seus habitantes eternos. No dizer de Paulo, fomos arrebatados do império das trevas, e transportados para o reino do Filho do Seu amor (Col.1:13).

A Cidade Celestial está edificada sobre o monte, e seu resplendor é visto pelas nações da terra. Ela não pode ser localizada geograficamente, pois transcende os conceitos geopolíticos. Ela é Celestial por ter sua origem em Deus. É Nova por ser o início de uma nova ordem estabelecida pelo próprio Criador.

Nós somos esta Cidade! Fomos edificados no Monte de Deus, e por isso jamais seremos abalados! Jesus disse:

“Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte.” MATEUS 5:14.

Este texto dirime quaisquer dúvidas de que a cidade edificada sobre o monte (a mesma vista por João) somos nós, a quem Jesus chamou de “luz do mundo”. Não foi sem propósito que João afirmou acerca da Nova Jerusalém, que “as nações andarão à sua luz” (Ap.21:24a).

Por esta Cidade anelavam os santos da antiga aliança. O Escritor Sagrado diz que Abraão “esperava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor” (Hb. 11:10).

O que Abraão esperava, nós, os santos da Nova Aliança, já temos experimentado. A cidade que o patriarca aguardava é aquela cujos fundamentos foram lançados pelos apóstolos e profetas, sendo Cristo a principal pedra angular (Ef.2:20).

Não será por isso que João descreve os fundamentos do muro da cidade como sendo doze fundamentos contendo os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro (Ap.21:14) ?

O Escritor de Hebreus também diz que os santos do Antigo Testamento buscavam uma pátria (Hb.11:14). Não seria esta pátria a que Pedro chamou de “Nação santa”, a qual somos nós, a Igreja do Deus Vivo (1 Pe.2:9)?

Cristo é a Pedra Fundamental da Cidade de Deus, e esta, é a pedra fundamental do Novo Mundo.

O Limiar de uma Nova Civilização

“Os nossos pés estão dentro das tuas portas, ó Jerusalém... Haja paz dentro dos teus muros e prosperidade dentro dos teus palácios”. SALMO 122:2, 7.

Deus está trabalhando na edificação de Sua Cidade na Terra. Aquilo que João viu, e relatou nos últimos capítulos de Apocalipse, era o protótipo deste enorme empreendimento no qual todo o povo de Deus está envolvido.

Em Hebreus lemos que o povo da antiga aliança servia “num santuário que é figura e sombra das coisas celestiais. É por isso que Moisés divinamente foi avisado, quando estava a construir o tabernáculo: “Vê que faças tudo conforme o modelo que te foi mostrado no monte” (Hb.8:5).

Coube a Moisés construir o tabernáculo de acordo com as medidas que lhe foram mostradas no monte. Da mesma forma, Deus deu a João uma imagem daquilo que seria a Cidade Santa, o tabernáculo de Deus com os homens (Ap.21:2-3). Cada medida ali apresentada tem um significado específico. Nenhum detalhe pode passar despercebido! Cada descrição da

Nova Jerusalém aponta para a perfeição dessa nova sociedade construída ao redor do Trono de Deus.

Segundo o relato sagrado, Deus é o Arquiteto e o construtor dessa Cidade (Hb.11:10). Porém, é-nos dado o privilégio de sermos Seus cooperadores.

Paulo diz que somos ao mesmo tempo, cooperadores de Deus, lavoura e edifício de Deus (1 Co.3:9).

Estamos trabalhando na construção de uma nova sociedade, uma civilização que tem como molde a Nova Jerusalém apresentada em Apocalipse 21. E quais são as características dessa nova civilização? É o que vamos estudar a seguir.

Um Empreendimento Celestial

A primeira característica encontrada no relato de João é que ela é um empreendimento celestial. Não se trata de uma iniciativa humana. Não é fruto do desenvolvimento humano, ou tecnológico. João diz que a santa Jerusalém “descia do céu, da parte de Deus”(v.10).

Desde os primórdios, o homem tem sonhado com uma sociedade ideal. O marxismo sonhou, mas se frustrou. O humanismo tem sonhado, e certamente vai dar com os burros n'água. O que o ser humano precisa entender é que, em seu estado pecaminoso, ele não possui a mínima possibilidade de construir uma sociedade justa. Somente Deus, o arquiteto e construtor da Santa Cidade, tem condição de edificar essa tão sonhada sociedade. Não se trata de uma utopia, e sim, de um empreendimento celestial. É Aquele que está assentado no trono que diz: “Faço novas todas as coisas!” (Ap.21:5).

Foram os sonhos e as utopias humanas que levantaram as grandes civilizações; todas elas caíram! Os impérios egípcio, assírio, babilônico, medo-persa, grego e romano foram todos reduzidos a nada. A sua glória desvaneceu-se, posto que estavam fundamentados nos homens. Porém, o

Império de Cristo jamais será abalado, pois o próprio Deus Quem O levantou.

Em razão disso, a Cidade de Deus brilha com a glória do seu idealizador e construtor. Se fosse um empreendimento humano, seu brilho seria passageiro. Mas é, de fato, uma obra empreendida pelo próprio Criador. Portanto, tem Sua assinatura, sua rubrica. Fala-se muito na falência da civilização ocidental, como se isso significasse a queda da cristandade. Entretanto, mesmo que nossa civilização tenha sido construída sobre bases cristãs, já há muito ela tem tido suas bases minadas por filosofias anticristãs, tais como o humanismo, o secularismo, e tantos outros “ismos”. Mas a Cidade de Deus, porquanto fora edificada sobre a rocha, continuará de pé, inabalável diante de qualquer mudança sofrida pelo mundo à sua volta (Sl.46) Afinal, a promessa de Seu fundador é que as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Embora seja Deus o construtor dessa Cidade, nós somos convocados por Ele a cooperarmos nessa imensa obra. Se os líderes da igreja tivessem esta visão, eles trabalhariam menos em prol de seus próprios ministérios, e se uniriam em torno do maior empreendimento de todas as eras: a edificação da Santa Cidade. Deus não nos chamou para que construamos nossos impérios particulares. Porém, às vezes, a impressão que se tem é que, a maioria dos líderes de hoje estão trabalhando para edificar seu próprio “reino”, e não o Reino de Deus. E sabe qual é a desculpa de muitos deles? A mesma que Israel apresentava nos dias de Ageu: “Não veio ainda o tempo, o tempo em que a casa do Senhor deve ser edificada” (Ag.1:2). Tal justificativa é fruto de uma Escatologia doentia, que coloca o Reino de Deus como um evento futuro, tirando de nossos ombros a responsabilidade de cooperarmos na construção da Cidade de Deus. A Cidade Santa é a capital do Reino de Deus na Terra. Portanto, se não há a Cidade, também não há Trono, tampouco Reino. Quando falamos na Igreja como Templo de Deus, estamos focalizando apenas o seu aspecto espiritual. Ao enxergarmos a Igreja como a Cidade de Deus, estamos ampliando nosso foco, e considerando os demais aspectos de nossa vocação como povo de Deus,

inclusive o aspecto social. O papel da Igreja não pode estar restringido às coisas espirituais. Não somos apenas um povo escolhido, sacerdócio real; somos também uma Nação Santa (1 Pe. 2:9).

Muitos ministérios estão sucumbindo. Alguns deles pareciam inabaláveis. E sabe por quê Deus tem permitido isso? Sabe por quê muitas expectativas têm sido frustradas ? O Senhor nos responde pelos lábios de Ageu, Seu profeta:

“Esperastes o muito, e eis que veio a ser pouco. Esse pouco, quando o trouxeste para casa, eu o dissipei com um assopro. Por quê? Diz o Senhor dos Exércitos. Por causa da minha casa, que está deserta, enquanto que cada um de vós se ocupa com a sua própria casa.” AGEU 1:9.

Eis o problema! Cada um por si. Como diz o ditado: Cada qual puxando a brasa para a sua sardinha.

A questão levantada por Deus é: “É para vós tempo de habitardes nas vossas casas apaineladas, enquanto esta casa fica deserta?” (Ag.1:4). Está na hora de nos despertarmos e trabalharmos visando o Reino de Deus, e não os nossos impérios particulares.

Ageu não estava falando apenas sobre o Templo de Jerusalém que estava em ruínas, e que deveria ser reedificado por Zorobabel e Josué. Sua profecia apontava para o futuro, quando o Templo definitivo de Deus seria erguido. Esse Templo, como veremos adiante, é a Igreja de Deus, a Cidade Santa.

E Ageu ainda profetiza:

“Assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro em pouco, abalarei os céus, e a terra, e o mar, e a terra seca. Abalarei todas nações, e O DESEJADO DE TODAS AS NAÇÕES VIRÁ, e encherei esta casa de glória, diz o Senhor dos Exércitos. Minha é a prata, e meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos. A glória DESTA ÚLTIMA CASA será maior do que

a da primeira (...) Abalarei os céus e a terra. Derrubarei o trono dos reinos, e destruirei a força dos reinos das nações...”AGEU 2:6-9, 21-22a

Não nos resta a menor dúvida de que Ageu estivesse falando acerca da Igreja, e do Reino de Deus. E isso pode ser comprovado pelo fato de ter o autor de Hebreus usado essa mesma passagem para falar do Reino de Deus. Ele escreveu: “Ainda uma vez abalarei, não só a terra, mas também o céu. Ora, esta palavra: Ainda uma vez, mostra a remoção das coisas abaláveis, como coisas criadas, para que as inabaláveis permaneçam. Pelo que, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e santo temor” (Hb. 12:26-28). E que coisas abaláveis são estas? As estruturas humanas. Tudo aquilo cuja origem é humana será removido para dar lugar às novas estruturas originadas em Deus. Aos poucos, o sistema humano vai sendo substituído por um sistema divino. A Jerusalém terrestre caiu, para dar lugar à Jerusalém Celestial. Os reinos deste mundo estão em polvorosa, as suas estruturas estão ruindo, para dar lugar à plenitude do Reino de Cristo. Quando as estruturas humanas houverem ruído por completo, e a Cidade de Deus houver alcançado sua plenitude, então, virá o Desejado das nações. Infelizmente, a ordem tem sido invertida. Estamos esperando que Ele venha para implantar o Reino. Porém, isso Ele fez em Sua primeira vinda.

Paulo afirma taxativamente:

“Então virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver destruído todo domínio, e toda autoridade e todo poder. Pois convém que ele reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo dos seus pés.” I CORÍNTIOS 15:24-25.

Quando virá o fim? A resposta é: Quando Cristo houver destruído todas as estruturas humanas de poder, domínio e autoridade. Ao mesmo tempo, enquanto os sistemas caem, a glória de Deus enche a segunda casa, a Nova Jerusalém, a Igreja do Deus vivo. O fim virá quando Cristo foi o Desejado de todas as nações, e isso somente vai acontecer mediante o trabalho

desenvolvido pela Igreja de Cristo, discipulando as nações, e pregando o evangelho do Reino.

Nesse exato momento, Cristo está reinando sobre a Terra. Seu poder é exercido com Cetro de Ferro sobre as nações.

Isso já havia sido profetizado por Balaão:

“Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto. Uma estrela procederá de Jacó, e de Israel subirá UM CETRO QUE QUEBRARÁ as têmperas de Moabe, e destruirá todos os filhos de Sete. Edom será conquistado, e Seir, seu inimigo, também será conquistado, mas Israel fará proezas. UM DOMINADOR SAIRÁ DE JACÓ e destruirá os sobreviventes da cidade.” NÚMEROS 24:17-19.

A “cidade” aqui referida, diz respeito ao sistema do mundo. Essa cidade seria o oposto da Cidade de Deus.

Enquanto a Igreja trabalha na construção desta Cidade, Cristo, nosso Rei, trabalha na destruição dos sistemas mundanos.

Por isso, Cristo é apresentado em Apocalipse como o “varão que há de reger todas as nações com cetro de ferro” (Ap.12:5).

Precisamos compreender que o instrumento usado por Cristo, tanto para construir a Cidade de Deus, quanto para destruir a “cidade” do homem, é a Igreja. Ele promete que a Igreja vencedora terá “autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá, quebrando-as como são quebrados os vasos de oleiro” (Ap.2:26-27). Através da pregação do Evangelho do Reino, as estruturas humanas vão ruir! As palavras de Deus a Jeremias servem adequadamente para a Igreja de Jesus:

“Vê, ponho-te hoje sobre as nações, e sobre os reinos, para arrancares e derrubares, para destruíres e arruinares, e para edificares e plantares (...) EU TE PUS POR CIDADE FORTIFICADA, e por COLUNA de ferro, e por muros de bronze, contra toda a terra (...) Pelejarão contra ti, mas não

prevalecerão, pois eu sou contigo, diz o Senhor, para te livrar.” JEREMIAS 1:10, 18-19.

Ou não é a Igreja a “casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a COLUNA e esteio da verdade” (1 Tm.3:15)? Ela é a Cidade Fortificada, a Coluna de Ferro, a Casa de Deus, o Esteio da Verdade.

Não podemos ignorar o fato de que há algo que precisa ser arrancando, para que algo seja plantado em seu lugar. Algo precisa ser destruído, para que algo seja edificado em seu lugar. O que é “abalável”, precisa ser removido, e dar lugar ao Reino Inabalável do Senhor Jesus Cristo.

E como isso se dará? Pela simples pregação do Reino de Deus, incluindo os seus princípios para cada área da vida humana.

Vemos, portanto, que a Cidade de Deus é um empreendimento divino, mas que envolve a participação e cooperação de todos os santos.

Uma Cidade Murada

“Vê, nas palmas das minhas mãos te gravei; os teus muros estão continuamente na minha presença.” Isaías 49:16.

A segunda característica que quero ressaltar é que essa Cidade tem um “grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel” (v.12).

Eis mais uma prova de que a Nova Jerusalém deve ser edificada neste mundo, e não na Eternidade. As cidades antigas eram cercadas por altos muros para que fossem protegidas contra ataques repentinos dos inimigos. Se a Nova Jerusalém fosse uma realidade fora deste mundo, não haveria necessidade de muros. Se ela deve ser esperada na eternidade, então, por que razão ela teria muros, se o inimigo já terá sido lançado no Lago de Fogo? Existirá alguma outra ameaça à Cidade de Deus, senão Satanás, nosso arquiadversário? Absolutamente. É pelo fato de sermos a Cidade de

Deus aqui e agora, é que necessitamos de estar protegidos das investidas do Inferno. E para isso, a Nova Jerusalém está cercada pelo próprio Deus. Ele mesmo nos afiançou: “Pois eu, diz o Senhor, serei para ela um muro de fogo em redor, e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória” (Zc.2:5).

A muralha que rodeia a Cidade Santa é o próprio Deus! Ele não só é O que a edifica, mas também é O que a guarda. Por isso, o salmista disse: “Se o Senhor não edificar a casa, e vão trabalham os que a edificam. Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela” (Sl.127:1). Observe que Deus dispensa um trato especial à Sua obra prima. Ele é quem lhe dá a garantia de preservação. Ele a edifica com os mesmos cuidados com que a preserva.

Pelos lábios de Isaías, o Senhor Deus afirma que os muros de Sua Santa Cidade serão chamados de Salvação (Is.60:18). “Uma forte cidade temos, a que Deus pôs a salvação por muro e antemuros” (Is.26:1). O que isso quer dizer? Os muros de uma cidade não lhe serviam apenas de proteção, mas também demarcavam os seus limites. E quais são os limites da Cidade de Deus? Ela está limitada ao número de pessoas salvas por Cristo Jesus.

Segundo o relato de João, o anjo que lhe acompanha em sua expedição à Santa Cidade, tinha nas mãos “uma cana de ouro para medir a cidade, e as suas portas, e o seu muro. A cidade era quadrangular, o seu comprimento era igual à sua largura. Mediu a cidade com a cana e tinha ela doze mil estádios de comprimento, e a largura e a altura eram iguais. Ele mediu o seu muro, e era de cento e quarenta e quatro côvados, segundo a medida de homem, que o anjo estava usando” (vs.15-17). Embora esta Cidade ainda não esteja concluída, seus limites já foram fixados, mesmo antes da fundação do mundo. Seu tamanho jamais excederá àquilo que Deus planejou. Suas dimensões são ideais para comportar os salvos de todas as eras. E por quê seus muros são chamados de Salvação ? Pelo simples fato de que, somente os salvos são contados como cidadãos dessa Cidade.

Os habitantes da Cidade de Deus são pessoas nascidas de novo, que têm certeza da sua salvação. A nova civilização criada por Deus não é formada

por crentes nominais, e sim, por pessoas regeneradas, que trazem em suas frentes o selo do Seu Deus e o capacete da salvação (Ef.6:17, Ap.7:2; 14:1).

Um dos maiores equívocos vividos pelo cristianismo em toda a sua história, ocorreu quando Constantino, imperador de Roma, se arrogou cabeça visível da igreja. Usando sua autoridade de imperador, ordenou que todos os seus súditos se tornassem cristãos, transformando o cristianismo na religião oficial do seu império. Infelizmente, muitos bispos da igreja pensaram que aquela era a grande oportunidade para que o cristianismo desse início a uma nova civilização, tornando-se numa religião universal.

Todos os que não tiverem um encontro pessoal com Jesus Cristo, confessando-O como seu Senhor e Salvador pessoal, estão de fora dessa nova sociedade. E não há a mínima possibilidade desse muro ser transposto. Sua altura é a mesma de seu comprimento e largura. Ele, portanto, é simplesmente intransponível! Por isso mesmo, João pôde afirmar:

“Não entrará nela coisa alguma impura, nem o que pratica abominação ou mentira, mas somente os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro (...) Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes no sangue do Cordeiro para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas. Ficarão de fora os cães, os feiticeiros, os adúlteros, os homicidas, os idólatras, e todo aquele que ama e pratica a mentira.”APOCALIPSE 21:27; 22:14-15.

E quem são os salvos? Quais os parâmetros que definem os que têm direito de participar dessa nova sociedade?

De acordo com a visão de João, “o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro (...) Os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda espécie de pedras preciosas...” (vs.14,10a).

Se o muro diz respeito à salvação, logo, os fundamentos desse muro são os alicerces da salvação. Onde encontrá-los! João nos informa que esses fundamentos estão adornados de pedras preciosas. Esses fundamentos são os ensinamentos dos apóstolos. Por isso, é dito que são doze fundamentos, e que neles estão os nomes dos doze apóstolos.

Não podemos construir sobre bases falsas.

No segundo século, a igreja cometeu o erro de tentar construir sobre os fundamentos lançados pelos filósofos gregos. Foi um desastre! E o fruto desta tentativa é a igreja católica com o seu ensino apóstata.

A nova sociedade não vai emergir da filosofia platônica, ou aristotélica, nem da dialética marxista, ou das teorias psicológicas de Freud, ou de qualquer outra elucubração humana. Ela vai emergir dos ensinamentos dos santos apóstolos do Cordeiro.

A sociedade de Deus é formada de “concidadãos dos santos, e da família de Deus, edificadas sobre o FUNDAMENTO DOS APÓSTOLOS e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra angular” (Ef.2:19-20).

Hoje em dia, encontramos livros evangélicos que expõem e legitimam alguns ensinamentos orientais, tais como visualização, meditação transcendental, e outros, além de técnicas psicológicas como regressão, hipnose, e até teorias freudianas.

Há também os que estão construindo ministérios sobre a base do misticismo, da superstição e do sincretismo religioso. Se quisermos cooperar com Cristo na construção de uma sociedade ideal, precisamos ter parâmetros bem fixos. Não podemos buscar inspiração, nem material algum do lado de fora para usarmos nos fundamentos da Santa Cidade.

Tem-se falado muito em unidade da Igreja. Em nome de uma “unidade aparente”, muitos são capazes de sacrificarem a sã doutrina. A palavra da moda é “comunhão”. O importante é estar em comunhão com todos,

inclusive com os que pensam de maneira diferente (!) Quero deixar bem claro que não somos contrários à unidade, nem tão pouco à comunhão entre os irmãos. Entretanto, não podemos admitir que em nome dessa suposta unidade, a verdade seja descartada. Não podemos ter comunhão com aquele que não anda segundo a verdade exposta pelos profetas e apóstolos de Cristo. Não podemos enfatizar apenas o fato de que os cristãos primitivos perseveravam na comunhão, e ignorarmos que antes, eles perseveravam na doutrina dos apóstolos (At.2:42). A verdadeira comunhão só é possível quando está baseada na verdade das Escrituras. Por isso João escreveu: “O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que tenhais comunhão conosco” (1 Jo.1:3a).

Se a pessoa não crê naquilo em que cremos, nossa comunhão é impossível. E quanto à unidade que Jesus desejou à Sua Igreja? Esta unidade já é real. Se não o é, logo, a oração de Jesus não foi atendida. Sua oração não foi dirigida a nós, e sim ao Pai. Não temos que buscar a unidade, e sim, preservá-la. Além do mais, nossa unidade está estreitamente ligada à verdade na qual cremos. Jesus diz em Sua oração:

“Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade (...) Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela TUA PALAVRA hão de crer em mim. Para que sejam um...” JOÃO 17:17,20-21a.

Diante disto, todo aquele que não tem a sua fé fundamentada na Palavra, no ensino apostólico, está fora da comunhão, e não participa da unidade do Corpo de Cristo.

Os apóstolos de Jerusalém, Tiago, Pedro e João, só deram as destras da comunhão a Paulo, após ouvi-lo falar acerca do Evangelho que ele anunciava aos gentios (Gl.2:9).

Não podemos nos enganar pelas formas, mas devemos examinar o conteúdo. Se alguma ramificação do cristianismo faz uso dos mesmos métodos evangelísticos que nós, canta as mesmas canções, mas não tem a sua fé fundamentada no ensino das Escrituras, não podemos unir-nos a ela.

Às vezes, temos dado maior valor à forma, do que ao conteúdo. Não podemos nos dividir por causa de coisas que não descaracterizam o Evangelho. Os usos e costumes, a liturgia, o tipo de música, e coisas semelhantes não devem dividir o que Deus já uniu. Porém, devemos estar atentos para que não nos unamos àqueles que professam uma fé supersticiosa e idólatra, que em nada lembra a santíssima fé que de uma vez por todas foi dada a nós os santos (Jd.3).

Segundo Paulo, “ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto” (1 Co.3:11).

Veja, Jesus é a pedra angular da Cidade, enquanto que, o ensino que Ele legou aos Seus apóstolos e profetas é o fundamento dos seus muros.

Não precisamos buscar em qualquer outra religião as bases para a nossa salvação. Nem Kardec, nem Joseph Smith, nem Moon, nem algum outro mentor espiritual de nossa época possui autoridade para lançar novos fundamentos além do que já foi lançado pelos apóstolos de Jesus.

Nada pode ser acrescentado à revelação exposta no Novo Testamento. Ninguém está autorizado a ir além dela, ou lhe acrescentar alguma coisa (1 Co.4:6; Ap.22:18-19). Os muros da Cidade já foram medidos, e sua medida em nada poderá ser alterada. Portanto, não devemos esperar novas revelações. O que tinha de ser revelado, já o foi. De forma que, “ainda que nós mesmos” admoesta Paulo, “ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos anunciamos, seja anátema” (Gl.1:8).

O Acesso à Cidade Santa

“Abri as portas, para que entre nela a nação justa, que observa a verdade”.
Isaías 26:2.

O muro da Cidade de Deus possui doze portas, sendo três voltadas para cada direção. Três para o oriente, três para o ocidente, três para o norte e, finalmente, três para o sul. O que quer dizer tudo isso?

A nova sociedade construída por Deus está acessível à todas as culturas, línguas, nações e etnias. Não há lugar para o racismo, ou qualquer outro tipo de preconceito dentro da Cidade de Deus. Não há uma raça ou cultura que possa ser considerada superior às demais.

Todos têm igual acesso, e idêntico valor.

Ainda há, em nossos dias, muitos missionários que pensam que, levar o evangelho a um povo estrangeiro, é o mesmo que impor a sua cultura, persuadindo-o a abandonar todas as suas expressões culturais. Foi assim que os missionários americanos foram acusados de promoverem a expansão do imperialismo americano. A Nova Civilização proposta por Cristo abre espaço para a diversidade cultural.

Ela não é uma sociedade uniformizada. O chinês continua sendo chinês. Ele não precisa comer hambúrguer para se dizer cristão. Ele pode continuar comendo com pauzinhos, sem com isso, sentir-se inferior aos demais povos.

É claro que todas as culturas, inclusive a americana e a brasileira, estão marcadas pelo pecado. Porém, muito de sua beleza pode ser preservado, e até “cristianizado”, por assim dizer.

A nova sociedade iniciada por Jesus é formada por pessoas de todas as raças, que, a despeito de suas diferenças, formam um só Corpo em Cristo, tendo igual acesso à presença de Deus, e à Sua Santa Cidade. Observe o que Paulo diz aos Efésios:

“Por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito. Assim já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas **CONCIDADÃOS** dos santos, e da família de Deus.” EFÉSIOS 2:18-19.

Ser concidadão é pertencer à mesma cidade. Não importa a nossa cidadania terrena; quer pertençamos a uma megalópole como São Paulo, Nova Iorque, ou a uma cidadezinha do interior, o que realmente conta é que somos todos cidadãos da Nova Jerusalém.

Portanto, não há esse negócio de supremacia racial ou cultural. “Desta forma” conclui Paulo, “não há judeu nem grego, não há servo nem livre, não há macho nem fêmea, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl.3:28). É bom que se diga que em momento algum Paulo esta propondo uma uniformidade social, racial ou sexual. As diferenças continuam a existir, porém, já não possuem a mesma importância que antes. O judeu continua judeu, o grego continua grego. Homem continua homem, mulher continua mulher. Não obstante a isso, suas diferenças já não constituem empecilho para que vivam em comunhão e harmonia por meio de Cristo Jesus. Na nova civilização há diferenças, e ao mesmo tempo, há igualdade. Há igualdade em termos de unidade. Uma vez que todos somos “um” em Cristo, não há sentido darmos maior importância a uns que a outros. Esta unidade, porém, sobrevive na diversidade. Isto significa que, ocidentais e orientais, brancos e negros, ricos e pobres, empresários e operários, todos dão as mãos quando adentram os muros da Cidade Celestial.

Lembre-se que há três portas viradas para cada direção. Não há quatro portas viradas para o norte, e apenas duas para o sul. Todos têm igual oportunidade de acesso à Cidade de Deus. Não há uma classe ou uma raça que possa ser considerada privilegiada. Desde o europeu nórdico, até o aborígene australiano, todos possuem o mesmo valor.

Riquezas Culturais na Cidade de Deus

João ainda afirma que “as suas portas não se fecharão de dia, e noite ali não haverá. E a ela trarão a glória e a honra das nações” (vs.25-26). Veja que as portas da Cidade Santa não estão abertas apenas às pessoas, mas também às riquezas das nações. “As tuas portas” profetiza Isaías, “estarão abertas de contínuo, nem de dia nem de noite se fecharão, para que tragam a ti as riquezas das nações” (Is.60:11). Que riquezas são estas? Em cada cultura do mundo, Deus depositou algum tesouro para que seja levado à Sua Cidade. Não há cultura alguma na terra que não possua alguma coisa valiosa que possa ser utilizada na Sociedade de Deus. Mesmo as mais remotas possuem algum bem proveniente de Deus que pode ser

aproveitado. Assim como Jesus recebeu os tesouros tragos pelos magos do oriente, devemos estar dispostos a receber os tesouros culturais tragos pelos povos que reconhecerem a Soberania do Filho de Deus.

De acordo com o Pacto de Lausane, “a cultura deve sempre ser testada e julgada pelas Escrituras (Mc.7:8,9,13). Por ser o homem criatura de Deus, algo de sua cultura é rico em beleza e bondade (Mt.7:11; Gn.4:21,22). Por ser decaído, toda ela é contaminada com o pecado e parte dela é demoníaca. O evangelho não pressupõe a superioridade de nenhuma cultura sobre a outra, mas avalia todas as culturas de acordo com o seu critério de verdade e justiça, insistindo nos absolutos morais da cada cultura.”

Há beleza em muitas manifestações culturais. Essas riquezas são bem-vindas à Cidade de Deus. Desde que não se confrontem com a verdade do Evangelho, qualquer expressão cultural é legítima, e deve ser respeitada, e até aproveitada na sociedade dos santos.

Por exemplo: Faz parte da cultura brasileira o receber bem os estrangeiros. Não podemos abrir mão desta riqueza. O povo japonês é reconhecido como um povo trabalhador e perseverante; portanto, essa parte de sua cultura não pode ser negligenciada. O respeito que o povo asiático tem pela memória dos seus antepassados pode ser admirado e até imitado pelos demais povos. O espírito ordeiro e a pontualidade do povo britânico também é um aspecto positivo de sua cultura. A espontaneidade e o carisma são traços característicos do povo latino. Tudo isso se traduz em um patrimônio cultural riquíssimo que deve ser incorporado à sociedade dos santos.

Devemos estar abertos a qualquer expressão cultural, e isso inclui as artes plásticas (quadros, esculturas etc.), a dramaturgia (teatro, cinema), a literatura, a música, a dança etc. Mas será que isso não comprometeria a pureza do cristianismo? Afinal, a mesma passagem que diz que as portas da Cidade estaria abertas pra receber as riquezas das nações, também diz que “não entrará nela coisa alguma impura” (Ap.21:27a). Temos que entender o que é e o que não é impuro. Quando Deus tirou Seu povo do Egito, fez com

que saísse com prata e ouro (Sl.105:37), para que mais tarde fossem utilizados na confecção dos utensílios do Tabernáculo. Infelizmente, enquanto Moisés estava no monte, os filhos de Israel utilizaram a prata e ouro que trouxeram do Egito para confeccionar um bezerro de ouro para adoração. Não havia nada de errado com a prata e ouro tragos do Egito. O que os tornou impuro foi a utilização que deram a eles. O que faz algo impuro não é sua origem, e sim o destino que lhe damos. Com uma mesma faca, pode-se fatiar um pão, ou tirar uma vida. Isso não faz da faca um instrumento assassino. O assassino é quem a utiliza pra matar. Assim também é a cultura de uma forma geral. Ela não é ruim, ou impura em si mesma.

Portanto, não temos o direito de rotular qualquer manifestação cultural como sendo demoníaca, ou maligna em si mesma. E isso inclui a música, as danças, as comidas típicas, indumentária, e etc.

É Paulo quem declara convictamente:

“Eu sei, e estou certo no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesmo imunda. Mas se alguém a tem por imunda, então para esse é imunda”. Romanos 14:14.

E em outra passagem ele ratifica: “Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os corrompidos e descrentes. Antes a sua mente como a sua consciência estão contaminadas” (Tt.1:15).O ouro do Egito torna-se santo quando adentra o arraial dos salvos. A prata antes usada na confecção de ídolos, agora é santificada quando usada para a glória de Deus. Afinal de contas, de quem é a prata e o ouro que há nesta terra (Ag.2:8)? Mesmo que tenham passado nas mãos dos egípcios, e que tenham sido usados para fins errados, a sua origem real é o Senhor. E tudo “tudo o que Deus criou é bom, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças; porque pela palavra de Deus, e pela oração, é santificada” (1 Tm.4:4-5).

Muitas das expressões culturais foram inspiradas pela chamada Graça Comum. Não se trata da graça salvífica, que visa libertar o homem do pecado, e sim de uma graça habilitadora. A mesma graça que capacitou Bezalel, enchendo-o “de habilidade, inteligência, e conhecimento, em todo o artifício, para inventar obras artísticas, para trabalhar em ouro, em prata e em bronze, em lavramento de pedras de engaste, em entalhadura de madeira, para trabalhar em toda obra fina. Também lhe dispôs o coração para ensinar a outrem (...) Encheu-os de habilidade, para fazerem toda obra de mestre, até a mais engenhosa, e a do bordador (...) e a do tecelão; toda sorte de obra, e a elaborar desenhos” (Êx.35:31-34a,35). Não há como negar a inspiração divina quando ficamos extasiados diante de uma obra de arte. Mesmo que o artista não tenha tido conhecimento de Deus, nada o impede de ter sido por Ele inspirado, desde que sua obra não esteja em dissonância com as verdades do Evangelho. Não foi à toa que Jesus escolheu ser carpinteiro durante Sua estada na Terra. Tal como o Pai celestial, Ele é Artista por excelência! Ninguém tem um gosto tão apurado quanto o dEle. Basta olharmos a criação à nossa volta, para percebermos o quão inspirado Ele estava ao concebê-la. E ainda por cima, ficamos maravilhados por sabermos que Sua musa inspiradora somos nós, a humanidade recriada em Cristo. Foi pensando nela, que o Supremo Artista elaborou Sua obra-prima: o universo.

Ausência de Templo

“Porém quem seria capaz de lhe edificar uma casa, visto que os céus e até os céus dos céus não o podem conter?” 2 CRÔNICAS 2:6a.

Uma das mais surpreendentes características da Cidade vista por João, é que ela não possuía templo. A razão para isso é que “o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro” (Ap.21:22). Não era à toa que os cristãos primitivos eram acusados de serem ateus pelas autoridades romanas. Era, simplesmente, inadmissível um deus que não possuísse pelo menos um templo dedicado a seu culto. O fato de eles não possuírem um templo dedicado ao seu Deus, fazia com que fossem considerados ateus.

Somente no século quarto, com a paganização do cristianismo, templos foram erigidos para o culto a Deus.

A bem da verdade, nos primeiros anos do cristianismo, os cristãos adoravam no Templo de Jerusalém. Porém, uma vez tendo sido rejeitados pelos judeus, não lhes restou alternativa, a não ser cultuar em reuniões realizadas em suas próprias casas.

Deixar o Templo em Jerusalém foi de crucial importância para o desenvolvimento do cristianismo. Ele deixava de ser um mero reavivamento do judaísmo, para tornar-se algo completamente novo, independente, sem o ranço religioso que caracterizava a apostasia dos judeus. Não fosse isso, o cristianismo provavelmente teria sido sufocado, limitando-se a ser apenas mais um movimento religioso, como o dos essênios e dos zelotes.

Jesus já havia previsto que o Templo judaico haveria de cair; o que veio a acontecer no ano 70 d.C., quando Tito, general romano, tomou Jerusalém e a reduziu a escombros. Agora, dentro da Nova Aliança, uma Nova Jerusalém substituiu a cidade apóstata, e um novo tempo está sendo erigido: a Igreja de Cristo.

Em nossos dias, há uma forte corrente entre os evangélicos que defende a idéia de que no fim dos tempos Deus reergueria o Templo de Jerusalém. Porém, um olhar mais acurado nas profecias contidas nas Escrituras acaba por jogar por terra toda previsão nesse sentido. Deus não vai mais erguer um templo de pedra para que nele seja adorado. Ele já tem erguido um templo definitivo para que nele habite a Sua glória. Ainda que os judeus reergam um templo no mesmo local, não será habitado por Deus.

Longe de nós o opor-nos à adoração pública em um lugar específico, dedicado exclusivamente a isso. Porém, não podemos admitir que haja, dentro dos termos da Nova Aliança, algum espaço geográfico que deva ser considerado mais sagrado que outro, onde a glória de Deus esteja habitando de forma especial. É em nome dessa superstição que Jerusalém tem sido tão

idolatrada e mercadejada pelas três maiores religiões do mundo: o judaísmo, o islamismo, e o cristianismo (tanto católico quanto evangélico).

Quando argüido pela mulher samaritana acerca do lugar ideal para adorar a Deus, Jesus disse que havia chegado a hora em que O adorariam no Espírito e na Verdade, e não em algum templo ou lugar especial.

Penso não ser necessário apresentar versículos bíblicos que comprovam nossa posição. De qualquer forma, se ainda pairar alguma dúvida acerca disso, sugiro que sejam lidas as seguintes passagens: I Co.3:16; II Co.6:16; Ef.2:21-22; I Pe.2:5. Dentre estas passagens, quero destacar a encontrada em II Coríntios 6:16: “Pois vós sois santuário do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei, e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo”.

A razão que me leva a destacá-la é que ela encontra um importante paralelo com a passagem onde João descreve a Santa Cidade. Leia e compare:

“Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, ataviada como uma noiva para o seu noivo. E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: AGORA o tabernáculo de Deus está com os homens. Deus habitará com eles, e eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles, e será o seu Deus”. Vs.2,3.

Comparando estas duas passagens, chegamos a algumas importantes conclusões: primeiro, se a Nova Jerusalém é a noiva do Cordeiro (v.9), então, ela só pode ser a Igreja. Segundo, o fato de não haver templo na Cidade de Deus comprova que a própria Cidade é, por assim dizer, o santuário de Deus, o Seu tabernáculo definitivo. Portanto, a Nova Jerusalém não é uma coisa futura, mas algo real e presente, por meio da Igreja. Quando falamos da Igreja, estamos nos referindo ao Corpo Místico de Cristo, que constitui a chamada Raça Eleita, Nação Santa, Cidade de Deus, Jerusalém Celestial, Santuário do Deus Vivente. Não está em foco, aqui, alguma instituição. A verdadeira Igreja de Jesus não possui CNPJ,

nome fantasia, placa, ou coisa parecida. Não se trata de uma organização, mas de um organismo vivo!

Quando João diz que o templo da Santa Cidade é o Cordeiro, está se referindo ao Seu Corpo, a Igreja. Em vista disto, afirmar que Deus pretende reerguer o Templo de Jerusalém, é, no mínimo, uma ofensa Àquele que está trabalhando na edificação de um templo vivo, definitivo, formado, não de pedras mortas, mas de pedras vivas, que são os Seus próprios filhos.

O que importa não é o lugar em si, mas a reunião dos filhos de Deus. Onde quer que se congreguem, eles formam o Templo do Deus Vivo. Em alguns países, como a China, os cristãos são obrigados a congregarem em refúgios subterrâneos, para escaparem da perseguição empreendida por um governo ateu. Não importa o lugar: seja em cavernas, palácios, favelas, coberturas, ou mesmo ao ar livre, onde quer que se reúnam os filhos de Deus, ali está a Cidade Santa. Daí a importância de nos congregarmos. Sozinhos, somos apenas tijolos. Mas quando nos reunimos, somos a Cidade de Deus.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Civilização do Reino

Levantando as Paredes

Cada ministério levantado por Deus deve trabalhar para edificar uma parede deste Templo Definitivo. Os tijolos nada mais são do que os filhos de Deus. E quem são os filhos de Deus? Aqueles que foram regenerados pela ação conjunta do Espírito Santo e da Palavra. Não se pode assentar em uma mesma parede, tijolos de tamanhos e formas diferentes. Lembremos que Cristo é a Pedra Angular, que serve de padrão, e dá o ângulo para que a parede fique perfeita. Pessoas que não se conformarem ao molde proposto em Sua Palavra, estarão comprometendo a perfeição da obra.

Não se pode confundir religiosidade com regeneração. A primeira é a tentativa do homem em conformar-se a um padrão de espiritualidade a partir de seus próprios esforços. A segunda é iniciativa do próprio Deus. Ser religioso não nos garante um lugar na Cidade de Deus. Somente os regenerados são agregados a ela.

Preocupado com isso, Paulo escreve:

“Pois nós somos cooperados de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus. Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio construtor, o fundamento, e outro edifica sobre ele. Mas veja cada um como edifica sobre ele. Pois ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento

levantar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a obra de cada um se manifestará, porque o dia a demonstrará. Pelo fogo será revelada, e o fogo provará qual seja a obra de cada um (...) Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?” 1 Coríntios 3:9-14,16.

O mais importante em qualquer construção é a base, o fundamento. O Templo no qual estamos trabalhando tem o mais sólido de todos os fundamentos: Jesus Cristo.

Entretanto, devemos tomar redobrados cuidados com o tipo de material que temos usado em sua construção. Não podemos construir palafitas na Cidade de Deus. Afinal, trata-se da edificação do Santuário do Deus Vivo! No texto acima, Paulo afirma que ainda que o fundamento seja Cristo, o que vai trazer aprovação de Deus a um determinado ministério é o tipo de material usado na obra que empreendeu. Paulo diz que é possível um edifício bem alicerçado, mas feito de madeira, feno e palha. De quê adiantou todo o alicerce? Seria como lançar pérolas aos porcos. Desperdício!

Com a pseudoconversão de Constantino, Imperador romano, muita palha foi introduzida no seio da Igreja. Houve gente que se “converteu” só para receber benefícios fiscais. Hoje não é diferente. Tem muita gente se convertendo porque virou moda ser crente, ou melhor, ser gospel. Outros se convertem em busca de apoio político. E ainda outros por serem convencidos por líderes gananciosos que “a piedade é fonte de lucro” (1 Tm.6:5). Descobriram que ser cristão é algo extremamente rentável. Em outras palavras, é um grande negócio. O que não faltam são pastores para enumerar as vantagens de pertencer à sua igreja. Por conta desse marketing, nem sempre ético, muita palha tem sido introduzida na Cidade de Deus.

Não queremos dizer com isso que não haja vantagem em ser cristão. De fato, as bênçãos de Deus são manifestas não só na vida espiritual, mas também na financeira, física e familiar. Entretanto, as pessoas deveriam ser atraídas à Igreja em busca do Abençoador, e não apenas das bênçãos. Além

do mais, não podemos esconder as eventuais “desvantagens” que podem sobrevir na vida dos que servem a Deus, entre eles, as perseguições.

Aliás, são essas perseguições que Deus permite para que a palha seja queimada, e o ouro seja depurado (1 Pe.1:7). Se servir a Cristo só trouxesse lucro, todos desejariam servi-IO. Mas isso faria com que o fizessem por interesse, e não por amor. Quem de fato é regenerado, deve dispor-se a sofrer por Ele, e não apenas crer nEle (Fp.1:29). Ainda que, a exemplo de Paulo, sofra a perda de todas as coisas (Fp.3:8).

Além da qualidade dos tijolos usados nas paredes que constituem o Templo Vivo de Deus, devemos nos preocupar com o tipo de argamassa que usamos para assentá-los. Esses tijolos não podem estar soltos na parede. Eles precisam ser fixados, no prumo, um conectado ao outro.

Os líderes evangélicos devem refletir sobre duas importantes questões: Primeiro: O que deve atrair as pessoas à igreja? E segundo: O que vai mantê-las lá?

Se usarmos certos métodos de marketing, atrairemos muitas pessoas à igreja. Mas a questão é: quantas delas permanecerão lá? Alguns acham que para levar gente à igreja, vale tudo. Vale até visões mentirosas, profecias armadas, sensacionalismo, sincretismo, e tudo mais. Para esses, o importante é ter a igreja cheia, não importa o preço que se tenha que pagar. Alguns alegam, talvez para driblar a consciência, que depois de atraírem as pessoas ao culto, conta-lhes a verdade sobre o Evangelho. Será que a verdade por si só não seria o suficiente para atrair as pessoas? Será que devemos usar sempre subterfúgios? O problema é que depois fica evidenciado que o mesmo expediente usado para trazer as pessoas, deverá ser usado também para mantê-las lá.

Em Ezequiel 13, Deus denuncia tais procedimentos:

“A minha mão será contra os profetas que têm visões falsas e que adinham mentira; na congregação do meu povo não estarão (...) Visto que

andam enganando o meu povo, dizendo: Paz, não havendo paz, e quando EDIFICA A PAREDE, rebocam-na de argamassa fraca”. Ezequiel 13:9a,10b

Quantos irmãos têm sido manipulados por profecias e visões falsas? Tornam-se joguetes nas mãos de pessoas inescrupulosas, que em vez de serem usadas por Deus, usam o nome de Deus para seus próprios interesses. Devemos ter cuidados com todos os excessos. Misticismo exacerbado gera fanatismo doentio. Os profetas denunciados por Ezequiel chegaram a ponto de confeccionarem “pulseiras mágicas”, para serem usadas como amuletos, e para justificarem tal prática, diziam que seu objetivo era “caçar almas” (v.18). Para eles, o fim justificava os meios. Por causa disso, o próprio Deus ameaça derrubar a parede que eles haviam rebocado com argamassa fraca.

Qual deve ser a argamassa usada para fixar os tijolos vivos nas paredes do Templo Vivo de Deus? A mesma usada pela Igreja primitiva, e que era um misto de vários ingredientes, apontados em Atos 2:42-43. São eles: Doutrina Apostólica, Comunhão, Eucaristia (partir do pão), Orações, Temor e Milagres.

Não precisamos de subterfúgios, de “pulseiras mágicas”, de sincretismo. Temos à nossa disposição a melhor de todas as argamassas. Se pregarmos a Verdade (Doutrina Apostólica), e vivermos o Amor (Comunhão) e o temor do Senhor, então teremos nossas orações respondidas, e assistiremos a uma grande manifestação de milagres, como na era apostólica. Isso, por si só, será suficiente, tanto para atrair pessoas à igreja, quanto para mantê-las lá.

Vivendo na Sociedade dos Santos

“No meio da sua praça e de uma e da outra banda do rio, estava a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a saúde das nações.”APOCALIPSE 22:2

Fico entusiasmado quando leio que na Cidade de Deus há uma praça. Isso mesmo, eu disse uma praça!

Veja que interessante: na Cidade de Deus não há templo, mas há praça.

Nas cidades antigas, a praça era o lugar onde a vida social acontecia. Era ali que as crianças brincavam, as pessoas conversavam com tranqüilidade, deixando sua privacidade, e buscando comunhão.

Mais do que nunca, a sociedade ocidental precisa intensificar sua vida social. Alguns visionários arriscam dizer que daqui mais alguns anos, as pessoas terão poucas razões de saírem de suas casas.

Com o advento da internet, tudo pode ser feito sem sair de casa. Através de um microcomputador, é possível trabalhar, estudar, fazer compras, e até namorar! Precisamos de praças urgentemente! Precisamos estar juntos, bater papo, comungar. A Igreja de Cristo precisa prover isso ao seu povo.

Há uma profecia belíssima acerca disso em Zacarias 8:4-5, onde lemos:

“Ainda nas praças de Jerusalém habitarão velhos e velhas, levando cada um na mão o seu bordão, por causa da sua muita idade. As praças da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão.”

Deus promete restaurar a vida social do Seu povo, na nova ordem criada. Nessa nova ordem social, as pessoas têm prazer de estarem juntas.

É por isso que os shoppings se tornaram uma verdadeira febre em nossos dias. Eles acabam por suprir a necessidade que o homem tem de praça. Eles se tornaram em verdadeiros points. As pessoas não vão a um shopping só para comprar; elas vão para encontrarem outras pessoas. Elas querem ver caras novas, construir novas amizades, namorar, trocar idéia.

Há muitas igrejas onde as pessoas sequer se conhecem. Quando o culto se encerra, todos saem apressadamente. Ninguém quer gastar tempo conhecendo outros. Assistir a um culto passou a ser visto como um

entretenimento como outro qualquer. Poucos são os que realmente entendem o que é congregação.

Na cultura grega, quando as pessoas queriam se encontrar, iam ao teatro. Na cultura judaica, elas iam à praça. Parece que o cristianismo que vivemos tem mais a ver com Atenas, do que com Jerusalém. Num teatro, as pessoas vão com o intuito de assistirem a um espetáculo. Porém, numa praça as pessoas vão para se encontrar.

Na Cidade de Deus as pessoas são incentivadas à comunhão. Estar juntos passa a ser mais importante do que ouvir uma bela música, ou assistir a uma bela preleção. Não estamos diminuindo em nada o valor da pregação. Óbvio que não! O que queremos enfatizar é que, quando há maior interatividade na comunidade dos santos, a vida cristã é vivida com mais intensidade.

Se observarmos a vida social da igreja primitiva, veremos que havia uma grande interatividade entre as pessoas. O culto em si promovia a possibilidade das pessoas se expressarem, e compartilharem umas com as outras. Elas eram incentivadas a ensinarem e admoestarem umas às outras, falando entre elas com salmos, hinos, e cânticos espirituais (Ef.5:19; Col.3:16). Paulo chega a determinar que quando os santos se reunissem, cada um deveria trazer salmo, doutrina, revelação, língua, interpretação. “Faça-se tudo para edificação”, enfatiza o apóstolo (1 Co.14:26).

Foi o catolicismo que inventou o clausulo, o isolamento. Ficar só passou a ser sinônimo de santificação. Porém, o verdadeiro cristianismo percebe o valor da celebração comunitária, da vida social. Em vez de nos enclausurarmos, devemos, sim, considerarmo-nos “uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, não deixando de congregar-nos, como é costume de alguns” (Hb.10:24-25a).

Um detalhe importante é que, segundo João, “a praça da cidade era de ouro puro, como vidro transparente” (v.21).

Você já ouviu falar em ouro transparente? Certamente que não. Trata-se de uma figura de linguagem, é claro. Não podemos entender isso literalmente. O que Deus parece deixar claro aqui, é que, a vida social nesta nova sociedade é baseada na transparência. Não há lugar para relacionamentos escusos, ou relações clandestinas. A vida social nesta cidade é pautada em valores eternos. Não pode haver interesses sujos, indecentes, egoístas. Não há segundas intenções. Tudo é muito transparente. Os contratos, os negócios, as sociedades, enfim, tudo é feito com transparência.

Ali, o que tem que acontecer na vida social daquela sociedade não acontece entre quatro paredes. A vida pública é tão importante quanto a privada. Não há tratos sendo feitos às escuras. Tudo é feito às claras. Talvez por isso, Jesus tenha dito: “O que vos digo no escuro, dissei-o na luz; e o que escutais ao ouvido, pregai-o sobre os telhados” (Mt.10:27).

Paulo parece ter entendido isso de forma bem clara, quando diz que “rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam” (2 Co.4:2).

Não há lugar para uma vida ambígua. O que somos dentro de casa, somos na rua. O que somos no gabinete pastoral, somos no púlpito. Nada de hipocrisia, falsidade e bajulações.

Na mesma passagem em que Deus promete restaurar as praças de Jerusalém (o que entendemos de forma figurativa, como uma alusão à vida social do Seu povo) , Ele também diz:

“Assim diz o Senhor: Voltarei para Sião, e habitarei no meio de Jerusalém. Então Jerusalém chamar-se-á a CIDADE DA VERDADE, e o monte do Senhor dos Exércitos o monte santo (...) São estas coisas que deveis fazer: Falai a verdade cada um com o seu próximo, e executai juízo de verdade e de paz nas vossas portas; nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ame o juramento falso. Eu aborreço a todas estas coisas, diz o Senhor.” ZACARIAS 8:3, 16.

A vida social do povo de Deus é tão importante, que Paulo gasta grande parte de suas epístolas buscando regulá-la. Ele sabia que se não fosse respaldada na verdade, na transparência, ela seria inviável. “Deixai a mentira” instava Paulo, “e falai a verdade cada um com o seu próximo, pois somos membros uns dos outros (...) Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que quer for boa para promover a edificação, conforme a necessidade, para que beneficie aos que a ouvem” (Ef.4:25,29).

Dentro da nova sociedade criada por Deus, o “outro” tem sempre primazia sobre o “eu”. Tudo é feito tendo em vista o bem comum.

O grande problema de nossa sociedade é a supremacia do “eu”. Assim como Galileu defendeu a idéia de que a Terra não era o centro do universo, como insistia a maioria, a Igreja precisa anunciar ao mundo que o ego não é o centro da existência humana.

Só é possível uma vida social transparente, e saudável, quando as pessoas são motivadas a servirem umas às outras. A mentira, na maioria das vezes, só serve para preservar os interesses de alguns. Quando se leva a sério o interesse alheio, não há razão para mentir.

Não há anarquia na Cidade de Deus. Isso se deve ao fato de cada um considerar os outros superiores a si mesmo (Fp.2:3). Há, portanto, um respeito mútuo. Mesmo aqueles em quem está investido algum tipo de autoridade, consideram o fato de que nada mais são do que servos dos que estão sob os seus cuidados.

Até mesmo a questão dos bens é reavaliada dentro dos conceitos da nova sociedade. Dentro dessa nova ordem, a propriedade particular é respeitada, de forma que cada um dos seus cidadãos aprende a dar igual valor tanto aos seus pertences, quanto aos dos outros (Fp.2:4). Aqueles que gozam de uma posição econômica mais elevada, não devem por a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente dá todas as coisas para que delas usufruamos.

Esses também são ensinados a promoverem o bem comum, sendo ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir, acumulando, assim, um bom fundamento para o futuro (1 Tm.6:17-19). De acordo com os regulamentos desta nova sociedade, os patrões devem pagar um salário justo aos seus empregados (Col.4:1). Em contrapartida, os empregados devem obedecer em tudo aos seus empregadores, não servindo só na aparência, como para agradar aos homens, mas em simplicidade de coração (Col.3:22; 4:1).

E quanto à ordem familiar? Bem, a despeito do que digam as feministas, na sociedade de Deus, as mulheres devem ser submissas aos seus próprios maridos. Cabe ao marido o papel de governo da família. Porém, uma vez que o marido, cidadão da Cidade de Deus, compreende que como cabeça, na verdade ele é servo dos demais, ele há de cuidar pelo bem-estar dos seus, dando-lhes sustento, carinho, amor e compreensão (Ef.5:24-29). Jamais o marido deve aproveitar-se de sua posição de autoridade para tratar asperamente a sua esposa, sob pena de ter a sua comunhão com Deus prejudicada (Col.3:19 e 1 Pe.3:7). E quanto à relação entre pais e filhos? O filho deve obedecer em tudo a seus pais, enquanto que, os pais, não têm o direito de irritar os filhos, fazendo com que se desanimem (Col.3:20-21).

E como ficam os velhos na Sociedade de Deus? Devem ser descartados como na sociedade ímpia? É claro que não! Eles devem ser respeitados e acolhidos. Além disso, os velhos devem ser ouvidos, pois possuem sabedoria suficiente para aconselhar aos mais novos (Pv.23:22; Lv.19:32).

Não é nossa pretensão esgotar esse assunto aqui. Apenas desejamos fazer um esboço para que, em outra oportunidade, possamos dissecá-lo.

Uma vida social que se baseie nos parâmetros esboçados acima, não precisa acontecer entre quatro paredes. A praça é o lugar ideal para que ela aconteça. A vida pública acaba se tornando uma extensão da vida privada.

Praça: Lugar de Luz e Juízo

A Praça também era o lugar onde as pessoas recorriam aos magistrados para julgarem suas causas. O objetivo disso era garantir que cada julgamento fosse feito às claras, sem parcialidade.

Trazer à praça significa trazer à luz, expor a avaliação. Na sociedade de Deus, todas as coisas devem ser expostas à avaliação, ao juízo dos santos.

Paulo argumenta com os crentes Coríntios:

“Aventura-se algum de vós, tendo questão contra o outro, a submete-lo a juízo perante os injustos e não perante os santos? Ou não sabeis que os santos não de julgar o mundo? Ora, se o mundo deverá ser julgado por vós, sois, acaso, indignos de julgar as cousas mínimas? Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as cousas desta vida! Entretanto, vós, quando tendes a julgar negócios terrenos, constituís um tribunal daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja. Para vergonha vo-lo digo. Não há, porventura, nem ao menos um sábio entre vós, que possa julgar no meio da irmandade? Mas irá um irmão a juízo contra outro irmão, e isto perante incrédulos! O só existir entre vós demandas, já é completa derrota para vós outros...” 1 CORÍNTIOS 6:1-7a.

De acordo com esta passagem, os componentes da sociedade de Deus jamais deveriam recorrer aos tribunais de mundo para resolver questões entre irmãos. Na verdade, tais questões sequer deveriam existir. Entretanto, quando ocorressem, deveriam ser resolvidas entre os próprios irmãos. Levar um irmão às barras de um tribunal é expor a obra de Deus, e submetê-la a uma avaliação errada por parte dos incrédulos.

Nossas demandas devem ser expostas, julgadas e resolvidas na praça da Nova Jerusalém, isto é, perante o povo de Deus, e não perante os incrédulos, dando a eles a oportunidade de escarnecerem de nossa fé.

Que modelo deveríamos seguir? Jesus nos orienta:

“Se teu irmão pecar contra ti, vai argüi-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo que desligardes na terra terá sido desligado nos céus”. MATEUS 18:15-18.

O tribunal que se ergue na Praça Celestial possui várias instâncias. Na primeira, a questão deve ser resolvida entre os envolvidos apenas. Na segunda, introduz-se uma ou duas testemunhas. Na terceira, traz-se ao conhecimento da igreja. Se na terceira instância, o problema não se resolver, e a pessoa insistir em permanecer no erro, caberá à igreja desligá-la de seu rol de membros, e considerá-la como um incrédulo. Somente aí, se justifica levar a pessoa ao tribunal terreno. Agora, ela já não é considerada um irmão, e por isso, deverá responder por seus erros diante dos magistrados do mundo.

A Cidade Luz

De acordo com a descrição de João, “a cidade não necessita nem do sol, nem da lua, para que nela resplandeçam, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada”(v.23).

Mais uma vez, precisamos entender isso de maneira figurativa. Em Gênesis encontramos que Deus criou o sol para governar o dia, e a lua para presidir a noite, e fez também as estrelas (1:16). Dentre os astros celestes, o sol e a lua se destacam pelo seu resplendor. Durante o dia, por exemplo, o sol é tão forte em seu resplendor, que é impossível ver as estrelas. Elas não se retiram durante o dia; apenas, deixam de ser vistas. Já à noite, podemos vê-las, porém, é para lua que nossa atenção se volta. Entretanto, na nova ordem, as estrelas passam a resplandecer mais do que nunca, pois recebem a glória do próprio Criador. E quem são essas estrelas? Os filhos de Deus.

Talvez por isso Paulo tenha dito que cabe aos filhos de Deus resplandecerem como astros no mundo (Fp.2:15). Nada mais pode neutralizar, ou ofuscar o brilho dos filhos de Deus. Não devemos pensar que o sol e a lua deixarão de existir, promovendo um colapso universal, como muitos imaginam. Repare o paralelo encontrado entre Apocalipse 21:23 e Isaías 60:19-20:

“Nunca mais te servirá o sol para luz do dia, nem com o seu resplendor a lua te iluminará, pois o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória. Nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará; o Senhor será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto findarão.”

Na nova ordem, o sol continua existindo, porém, já não é, por assim dizer, a fonte suprema de luz. Agora, Deus é a nossa luz, e o Cordeiro é a Sua lâmpada. E nós, Seus filhos, somos os astros através dos quais a luz divina é refletida ao mundo. “Levanta-te, resplandece, pois já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti. As trevas cobrem a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor vem surgindo, e a sua glória se vê sobre ti. As nações caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu” (Is.60:1-3). Quanto paralelo entre Ap.21 e Is. 60!!! A nova sociedade deve brilhar com a glória de Deus! A lei continua existindo, porém, não é ela a fonte de nossa fidelidade para com Deus. O sol representa a Lei dada por Deus a Moisés, enquanto a lua representa a parte cerimonial da Lei, refletindo o esplendor da Lei Moral de Deus. Quando adentrarmos a Nova Jerusalém, já não precisamos das tábuas recebidas no Sinai, nem tampouco necessitamos observar as cerimônias da Lei.

Parafrazeando as palavras extraídas da oração de Zacarias, pai de João Batista, Jesus é o sol nascente das alturas que nos visitou, para iluminar os que jaziam nas trevas, e na sombra da morte (Lc.1:78-79). Agora, o “Sol da Justiça” está habitando permanentemente em nós. O próprio Cristo, que fez habitar em nós o Seu Espírito, fez-nos participantes de Sua glória.

Em Jeremias 31:33-36, encontramos essa promessa de forma mais explícita:

“Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor. Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração. Eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará alguém mais a seu próximo, nem alguém a seu irmão, dizendo: Conheci ao Senhor, porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior, diz o Senhor. Pois lhes perdorei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados. Assim diz o Senhor, que dá o SOL PARA LUZ DO DIA, E AS LEIS FIXAS DA LUA E DAS ESTRELAS PARA LUZ DA NOITE, que fende o mar, e faz bramir as suas ondas; o Senhor dos Exércitos é o seu nome. SOMENTE SE ESTES DECRETOS DESAPARECEREM DE DIANTE DE MIM, diz o Senhor, deixará a descendência de Israel de ser uma nação na minha presença.”

Consideremos o fato de que, em lugar algum, as Escrituras sugerem que haverá um colapso de âmbito universal, que fará com que o sol e a lua se escureçam literalmente, e as estrelas caiam do firmamento. Se devêssemos entender isso de forma literal, teríamos que encontrar uma explicação plausível para o salmo que diz que Cristo “permanecerá enquanto durar o sol e a lua, de geração em geração” (Sl.72:5). Ora, se isso deve ser entendido ao pé da letra, teremos que admitir que Cristo não é Eterno, ou então, admitir que nossa interpretação está equivocada.

Quando as Escrituras falam acerca do escurecimento do sol e da lua, e a queda das estrelas, elas estão falando acerca de uma nova ordem que deveria ser estabelecida a partir da Nova Aliança. O sol, a lua, e as estrelas simbolizam a ordem que teria que ser removida, para que uma nova ordem emergisse. A partir desta compreensão, podemos entender melhor o que Deus quis dizer, ao prometer que abalaria, não só a terra, mas também o céu, removendo as coisas abaláveis, para que as inabaláveis permaneçam. E o autor sagrado conclui, dizendo:

“Pelo que, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e santo temor.” HEBREUS 12:26-28.

Fica claro que o Escritor tem em mente a remoção da velha ordem, para dar lugar a uma nova ordem, que aqui, ele denomina “reino”.

Agora, nessa nova ordem, a Lei já não nos serve de aio, nem tampouco de luzeiro para nós, as cerimônias e os ritos já não passam de sombras passageiras. E as estrelas, que aqui podem simbolizar o povo da Antiga Aliança, já não ocupam o seu lugar de proeminência. Uma nova ordem foi estabelecida! A velha Jerusalém cai, e dá lugar a uma nova cidade. A velha ordem já passou, e com ela todas as coisas velhas. Eis que tudo se fez novo! Já não precisamos da luz que refletia no rosto de Moisés, pois ela era desvanecente (2 Co.3:7) Na Nova Cidade Santa, “todos nós, com o rosto descoberto, refletindo a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (v.18).

As estrelas do velho sistema caíram, e o seu lugar foi cedido ao povo da Nova Aliança. Daniel profetiza acerca desse tempo, quando diz que “os que forem sábios resplandecerão como o fulgor do firmamento, e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente” (Dn.12:3).

Quando Deus deu as tábuas da Lei a Israel, Moisés declarou ao seu povo: “Agora, o Senhor teu Deus te pôs como as estrelas dos céus em multidão” (Deut.10:22). Aquelas “estrelas” foram colocadas para iluminar a escuridão da noite. Durante a antiga aliança, o mundo jazia em densas trevas, e foi Israel, com a Lei Moral e Cerimonial, quem serviu de luzeiro para o mundo de então. Agora, porém, a noite já passou, e o dia é chegado, de forma que não pertencemos à noite, ou melhor, àquela velha ordem. Paulo diz que somos do dia, e não da noite (1 Ts.5:5). Aquele era um tempo de sombras, de tipos, de símbolos. Hoje, vivemos na realidade que é Cristo. Somos da ordem da Estrela da Manhã, que prenuncia um novo tempo, o tempo da restauração de todas as coisas.

A festa da Lua Nova, prescrita na lei cerimonial, constituía-se num dos pontos altos nas celebrações de Israel. Nela, cada israelita deveria fazer um sacrifício como oferta pelo seu pecado (Nm.28:14). Além desta festa, o povo da antiga aliança também comemorava três festas anuais, a saber, a festa dos pães asmos, a festa das semanas, e a festa dos tabernáculos, sem contar os sábados (2 Cro.8:13) Todas essas festas eram sombras daquilo que haveria de manifestar-se em Cristo. Já naquele tempo, Deus não estava Se agradando de todas aquelas cerimônias. Embora, Ele mesmo as tenha ordenado, o povo de Israel não conseguia compreender o seu real significado, comemorando-as de forma ritualística apenas (Is.1:13-14) Por isso, o próprio Deus prometeu que faria cessar “as suas festas, as suas luas novas, e os seus sábados, e todas as suas solenidades” (Os.2:11). Não adianta alguns irmãos tentarem induzir a Igreja de Cristo a voltar à prática dessas festas judaicas. Elas são coisas do passado. Elas constituem-se na lua que deixou de dar seu brilho. Paulo nos admoesta, dizendo:

“Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber ou por causa dos dias de festa, ou de LUA NOVA, ou de sábados. Estas são SOMBRAS das coisas futuras; a realidade, porém, encontra-se em Cristo.” COLOSSENSES 2:16-17.

Há uma forte tendência judaizante no arraial evangélico. Alguns irmãos, ao visitarem Israel, ficam tão impressionados com as manifestações culturais daquele povo, que querem adotá-las na Igreja de Jesus. Isso é simplesmente ridículo. Há pouco, li em uma apostila evangélica que a Igreja deveria deixar de comemorar as datas cristãs, para adotar um calendário judaico, celebrando as festas prescritas na Lei Mosaica. Confesso que fiquei pasmado. Não precisamos comemorar a Páscoa judaica, pois ela não passa de sombra. Cristo é a nossa Páscoa. Se temos a realidade, para quê a sombra? Não precisamos festejar o Pentecostes, pois tal festa aponta para a colheita realizada pelo Espírito Santo. Nós somos as primícias desta colheita. Com que propósito celebraríamos a festa dos tabernáculos, se nós mesmos, a igreja, somos o tabernáculo de Deus com os homens?

Já não precisamos guardar o sábado, pois que, Cristo, nosso Sábado Eterno, é quem nos guarda. Já entramos no Sábado Eterno que é Jesus Cristo, nosso descanso. Já não precisamos de Luas Novas. Os ritos foram removidos, e em seu lugar, recebemos um reino real, que não pode ser abalado! A lua escureceu-se, a noite já passou. Somos do dia! Pertencemos a uma Cidade, onde é sempre dia, e a noite ali jamais haverá (Ap.21:25).

Adeus Maldição!

João afirma que nessa Cidade “Deus enxugará de seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, pois já as primeiras coisas são passadas” (Ap.21:4). À primeira vista, podemos incorrer no erro de achar que João está falando de algo futuro, que só se tornará real quando adentrarmos a glória eterna. Porém, temos defendido a idéia de que a Jerusalém Celestial vista por João é a Igreja de Jesus Cristo, a Sociedade dos Santos. Portanto, todas as promessas contidas nesse relato, devem ser entendidas como sendo para agora, no tempo em que vivemos. Alguns poderão dizer: - Deus ainda não enxugou toda lágrima! E quanto à morte, ela ainda não foi banida, foi? E as primeiras coisas, já se passaram?

Precisamos compreender isso à luz de outras passagens bíblicas. Na medida em que o Evangelho do Reino é anunciado, ele provoca alegria no coração dos homens (Lc.2:10). Foi isso que aconteceu em Samaria, quando Filipe pregava a Cristo. Lucas nos certifica que “havia grande alegria naquela cidade” (At.8:8). Quando pregamos o Evangelho do Reino, as cinzas são removidas, e em seu lugar é colocada uma coroa. Em lugar de tristeza, as pessoas recebem o óleo da alegria, e em lugar de espírito angustiado, elas recebem vestes de louvor.

De acordo com Isaías 61, a nossa missão é consolar todos os tristes, e ordenar acerca daqueles que estão de luto. Se a Igreja não tem feito isso, deve-se ao fato de ela não estar pregando as Boas Novas de Alegria, que nada mais é, do que o Evangelho do Reino de Deus. Paulo afirma que “o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e ALEGRIA no Espírito Santo” (Rm.14:17). Diante disso, não podemos negar que, ao

adentrarmos os portões da Santa Cidade, nossas lágrimas foram de todo enxugadas. Cristo tornou a nossa tristeza em alegria, e a nossa alegria ninguém pode tirar (Jo.16:20,22). Mas, não é verdade que às vezes, nosso coração é tomado de tristeza repentina? Precisamos compreender que, embora nosso espírito se alegre em Deus, nossa carne, às vezes, tende a se deixar levar pelas adversidades da vida. Porém, ainda que nosso homem exterior se corrompa, nosso homem interior se renova dia a dia (2 Co.4:16). De forma que, nas palavras de Paulo, às vezes parecemos tristes, mas no fundo estamos sempre alegres (leia 2 Co.6:10).

E quanto à morte? Foi ela banida? Para aqueles que adentraram os portais eternos da Cidade de Deus, a resposta é SIM. Paulo nos informa em sua epístola a Timóteo, que Cristo Jesus “destruiu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho” (2 Tm.1:10). João diz que “sabemos que já passamos da morte para a vida” (1 Jo.3:14). E o próprio Jesus afirmou que se alguém guardar a Sua Palavra, “jamais verá a morte” (Jo.8:51). Penso que estes versículos já nos fornecem luz suficiente sobre esse assunto. Cada cidadão da Cidade de Deus já passou da morte para a vida.

E afinal, o que dizer acerca das primeiras coisas, que a esta altura já deveriam ter passado? E quem ousa dizer que não, se a própria Escritura afirma que “se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Co.5:17)? Essa afirmação encontra eco na mesma passagem em Apocalipse, onde João fala da Nova Jerusalém.

Depois de assistir a todos os flagelos e pragas destinados ao povo que rejeitara a provisão de Deus, e de ter assistido às maravilhosas promessas feitas aos santos de todas as eras, João ouve atônito o pronunciamento oficial dAquele que estava assentado no Trono:

“E o que estava assentado no trono disse: Faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve, pois estas palavras são verdadeiras e fiéis. Disse-me mais: Está cumprido”. Apocalipse 21:5-6a

Ora, se Ele diz que está cumprido, quem somos nós pra dizer que não? Quem se atreve a invalidar a Palavra de Deus?

Maldição Nunca Mais!

Uma outra característica dessa Cidade é que seus moradores estão isentos de qualquer tipo de maldição. “Ali nunca mais haverá maldição” afirma o apóstolo vidente (Ap.22:3a).

Se os pregadores contemporâneos entendessem isso, não perderiam tempo quebrando maldição da vida de quem já adentrou as portas da Jerusalém Celeste.

A promessa contida no Apocalipse é que os habitantes da Santa Cidade “nunca mais terão fome; nunca mais terão sede. Nem sol nem calor algum cairá sobre eles. Pois o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e os conduzirá às fontes das águas da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima” (Ap.7:16-17).

Acredito que esse calor mencionado diz respeito à maldição advinda da Lei. Isso é comprovado em Deuteronômio 28:22, onde a Escritura enumera o calor ardente como uma das maldições contidas na Lei. Assim como o Sol representa a Lei, o calor que ele produz simboliza a maldição contida na Lei. Uma vez que o Sol se escureceu, o seu calor já não é sentido.

Paulo afirma que “todos aqueles que são das obras da lei estão debaixo da maldição, pois está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las” (Gl.3:10). É óbvio que, se a pessoa está exposta ao sol, ela terá que arcar com as conseqüências. O calor é inevitável.

Assim também, todo aquele que teima em permanecer debaixo da Lei, está sob maldição.

Porém, “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, pois está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” (Gl.3:13).

É interessante observar que, enquanto a maldição da Lei é comparada ao calor do sol, as cerimônias da Lei constituem a sombra. Através dos símbolos contidos nas cerimônias da Lei, o povo de Israel podia nutrir a esperança de que um dia aquele calor cessaria. Cada festa, cada rito, cada sacrifício, cada objeto usado nas cerimônias, tudo isso era a sombra sob qual Israel se refrescava, ante o calor da Lei. Assim como aquela coluna que pairava sobre Israel, que de dia era uma nuvem, e de noite uma labareda de fogo, a Lei tanto produzia imenso calor, quanto refrigerava a alma daquele povo.

Os habitantes da Cidade de Deus já não necessitam se expor ao calor abrasador da Lei, nem tampouco necessitam refugiar-se à sombra dos seus ritos. Para nós, o sol e a lua já não são necessários, pois vivemos à luz do Cordeiro, e à sombra do Altíssimo.

A Diplomacia da Nação Santa

Quando a plenitude dos gentios for alcançada pelo Evangelho, a Cidade de Deus terá abrangido toda a Terra, e finalmente, o mundo terá sido restaurado.

Porém, enquanto isso não acontece, a Cidade Santa não pode fechar-se para as nações que estão à sua volta. Ela terá que relacionar-se com todos os povos, de maneira a servir-lhes como um modelo de uma sociedade justa e santa. Ela, afinal, é chamada de Nação Santa.

Quando lemos que Cristo regeria as nações com cetro de ferro, quebrando-as como se quebra um vaso de barro, não podemos entender que as nações aqui em vista são os seus respectivos povos.

Na verdade, “nações” ali é uma alusão às estruturas de domínio. As instituições humanas serão removidas paulatinamente, até que o mundo

seja regido pelos santos, em uma nova estrutura teocrática. A quebra das bolsas de valores na Ásia nada mais é do que o peso do Cetro de Cristo contra esta estrutura econômica que só visa o lucro, e que valoriza mais o capital do que o trabalhador. A falência do comunismo no Leste Europeu e na Rússia, a crise econômica no Japão, a queda das Torres Gêmeas em Nova Iorque, a derrubada do governo de Saddam Hussein e a tomada de Bagdá, e tantos outros eventos demonstram a instabilidade das instituições humanas.

A vocação da Cidade de Deus é ser luz para as nações. João diz que “as nações andarão à sua luz, e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra” (Ap.21:24). Isaías parece ir ainda mais longe, quando profetiza:

“Pois a nação ou reino que não te servirem, perecerão; essas nações de todo serão assoladas.” ISAÍAS 60:12.

Trata-se de uma verdadeira revolução. As nações, reconhecendo a sua total dependência da luz emitida pela Igreja, passam a servi-la. Sua sobrevivência passa a depender do trato dispensado à Igreja de Deus. Isso é simplesmente tremendo!

O fim do comunismo se deu, sobretudo, por haver ele procurado arruinar a Igreja de Cristo. Toda estrutura humana que se levantar contra o conhecimento de Deus será derribada. Seja um sistema político, ou uma filosofia, ou ciência, ou qualquer outra coisa. As armas de que nos valem são poderosas em Deus para demolir quaisquer fortalezas que se levantem contra o conhecimento de Deus. Todo pensamento deve ser levado cativo à obediência de Cristo. E estamos prontos, em Cristo, para punir toda desobediência (2 Co.10:4-6).

Na visão de João, da boca de Cristo saía uma espada afiada, para ferir com elas as nações. Ele as rege com cetro de ferro (Ap.19:15). É claro que esta espada que saía da boca de Cristo nada mais é do que a Sua Palavra. Ela é a Espada do Espírito, a Palavra da Verdade. Como bons soldados da causa do Reino somos convocados a tomar posição, e participarmos do

bom combate da fé. Nas palavras de Judas, devemos “batalhar pela fé que de uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd.30. Através da pregação da Palavra as estruturas ruem, e uma nova sociedade emerge das cinzas.

A espada é a Palavra, enquanto que o Cetro de ferro pode representar o meio através do qual a Igreja reina: a oração. Através da oração dos santos, o juízo de Deus vem sobre as nações. De acordo com o relato de João, ele viu quando veio um anjo, “e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro. Foi-lhe dado muito incenso, para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono. E da mão do anjo subiu diante de Deus a fumaça do incenso com as orações dos santos. Então o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o lançou sobre a terra; e houve trovões, vozes, relâmpagos e terremotos. Então os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar” (Ap.8:3-6). Podemos dizer que através da oração, os santos conspiram contra os sistemas deste mundo, contrários ao Reino de nosso Senhor. Quando essas orações são oferecidas a Deus, Seu Cetro desce sobre esses sistemas, e os derruba. É, de fato, uma santa conspiração. Estamos completamente envolvidos nela. Dessa maneira, estamos punindo toda desobediência, e destruindo toda a resistência contrária à Verdade de Deus.

O Evangelho de Jesus poderia ser comparado a um rolo compressor, que vai derrubando tudo o que se opõe a ele.

Não podemos viver um cristianismo sem “Espada”, nem tampouco sem “Cetro”. A proclamação da Palavra e a oração devem andar de mãos dadas. É desta forma que a Igreja cumprirá o seu papel de reino sacerdotal dentro da história, deixando de ser um mero coadjuvante, para ser o seu protagonista.

Estamos vivendo na era do Reino. Cumpre-se agora a profecia que diz que “o reino e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo. O seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão” (Dn.7:27).

Como toda nação na face da Terra, a Nação Santa também tem sua representação diplomática, através da qual ela deve exercer diálogo com todos os povos, e convocá-los à reconciliação com o Rei dos Reis.

Na mesma passagem em que lemos que Ele recebeu as nações por herança, e que as rege com cetro de ferro, o salmista, na qualidade de embaixador do Reino de Deus, admoesta:

“Portanto, ó reis, sede prudentes; deixai-vos instruir, juízes da terra. Servi ao Senhor com temor, e alegrai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que não se ire, e pereçais no vosso caminho, pois em breve se inflamará a sua ira. Bem-aventurados todos aqueles que nele se refugiam.” Salmo 2:10-12

Nas culturas antigas o beijo tinha uma conotação de reconciliação. Quando Esaú reencontrou seu irmão Jacó, que o havia trapaceado, e a quem não via havia vinte anos, para demonstrar sua disposição de perdôá-lo “abraçou-o, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou” (Gn.33:4). O mesmo se deu quando José reencontrou seus irmãos que o haviam vendido (Gn.45:15). Ao sugerir que os reis deveriam beijar o Filho de Deus, o salmista está pressionando-os a reconciliarem-se com Deus.

Para que os reis não pereçam em seus caminhos, só lhes resta esta alternativa: submeter-se ao Supremo Imperador das Nações.

Agora é a vez do povo da Nova Aliança. Paulo afirma que Deus “nos deu o ministério da reconciliação”, e ao fazê-lo, Ele “nos confiou a palavra da reconciliação” (2 Co.5:18,19). Que voto de confiança o Senhor nos tem dado!

A parte de Deus já foi cumprida: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (v.19a). Resta-nos agora cumprir o que nos cabe. Ainda que tenhamos que rogar, não hesitaremos fazê-lo. Afinal, “somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamos-vos da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus” (v.20). Deus nos autorizou a falar em Seu nome, e mesmo podendo “ordenar”, Ele nos

manda “rogar” aos homens a fim de aderirem ao processo de paz desencadeado na Cruz. É o testemunho dos embaixadores do Reino que produzirão a saúde das nações. Por isso, o sábio Salomão declara que “o embaixador fiel é saúde” (Pv.13:17b).

“A misericórdia triunfa sobre o juízo!” (Tg.2:13b). O juízo só é sancionado quando a misericórdia é rejeitada. Devemos, portanto, oferecer a misericórdia de Deus aos homens, avisando-os das conseqüências que advirão caso a negligenciem.

Que Deus possa despertar o Seu povo para assumir o seu lugar de domínio, exercendo a autoridade que advém do Trono no qual estamos assentados em Cristo Jesus. Amém!

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

A Visão do Trono de Deus e a Corte Celestial

“Depois destas coisas, olhei, e vi que estava uma porta aberta no céu, e a primeira voz que ouvi, como de som de trombeta falando comigo, disse: Sobe para aqui, e te mostrarei as coisas que depois destas devem acontecer. Imediatamente fui arrebatado em espírito, e um Trono estava posto no céu, e Alguém assentado sobre ele.”Apocalipse 4:1-2.

Depois de presenciar e registrar a avaliação de Deus acerca das igrejas da Ásia, João é subitamente arrebatado em espírito ao céu. É lhe dito que a partir daquele momento, ele assistiria ao que deveria suceder ao mundo, após Deus ter começado o Seu juízo por Sua própria Casa, a Igreja. Uma vez que a Casa estava em ordem, chegara a hora de julgar as nações, começando por Israel, e sua capital, Jerusalém.

Antes, porém, João precisava compreender que por trás de todo juízo, há um propósito redentor, e que, o destino das nações estava bem seguro nas mãos d’Aquele que recebera do Pai toda a autoridade nos céus e na terra. Por isso, antes de assistir às manifestações dos juízos divinos, João precisava receber algumas revelações preliminares.

A primeira dessas revelações foi acerca do Governo de Deus sobre o Universo. Chegando às regiões celestes, João viu o que poucos homens puderam ver: o Trono de Deus. E ele faz questão de frisar que havia Alguém assentado ali. O Trono não estava vazio. “Alguém”, e não “algo”, estava no comando de toda a situação. Não se trata de uma força impessoal, como defendem os seguidores da Nova Era e de algumas seitas orientais, mas de um Ser Pessoal, que tem nas mãos as rédeas do destino de toda a Sua Criação. A mensagem subliminar que encontramos nesta passagem é: “Está tudo sob controle.” As coisas não acontecem por acaso, nem tampouco são frutos de contingências. Há um Deus que não apenas assiste à história da Criação, mas também a dirige, e, de certo modo, a protagoniza.

O Significado de Sua Aparência

Embora João não se preocupe em nos dar a identidade d’Aquele que estava no Trono, podemos afirmar com convicção, que se trata do próprio Senhor Jesus, em Seu estado de glória. João se limita a descrever a aparência d’Aquele glorioso ser: “E o que estava assentado era, na aparência, semelhante a uma pedra de jaspe e de sardônio” (v.3a).

O Sardônio

Para entendermos o significado destas pedras preciosas, precisamos recorrer ao Antigo Testamento. Em Êxodo 28:15-21 lemos que o peitoral usado pelo Sumo Sacerdote exibia doze pedras preciosas, arrumadas em quatro fileiras, que simbolizavam as doze tribos de Israel. A primeira delas era o sardônio, uma pedra de cor avermelhada, e que tinha gravado o nome de Rúben, o primogênito de Israel. A pedra vermelha como sangue aponta para a expiação realizada por Cristo na Cruz, em Sua primeira vinda. Por causa de Sua morte e ressurreição, Ele foi chamado de “o primogênito dentre os mortos” (Col.1:18; Ap.1:5). Cristo é o “primogênito” do Novo Israel, e da Nova Criação, assim como Rúben era o primogênito dos filhos de Jacó. Ser o primogênito Lhe confere uma posição de primazia sobre a herança de Deus. Referindo-se ao Filho, o escritor de Hebreus diz que Deus

o “constituiu herdeiro de tudo, por quem fez o mundo (...) ao introduzir o primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem” (Hb.1:2b, 6b). Infelizmente, muitos entendem de maneira errada a herança que Deus legou a Cristo, e que por sua vez, foi estendida a nós. A maioria dos cristãos buscam espiritualizar esta herança. É verdade que as Escrituras falam de uma “herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, guardada nos céus” (1 Pe. 1:4), porém esta herança guardada nos céus é ninguém menos que Cristo. Mas as Escrituras também afirmam que Deus, o Pai, disse a Cristo: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e os fins da terra por tua possessão” (Sl.2:8). Uma vez que somos co-herdeiros com Ele, podemos inferir que o mundo também é nossa herança (Rm.8:17). Paulo diz que Abraão recebeu de Deus a promessa de que seria “herdeiro do mundo” (Rm.4:13); logo, “se sois de Cristo, então sois descendentes de Abraão, e herdeiros conforme a promessa” (Gl.3:29). Portanto, o sardônio, a pedra de Rúben, aponta para a primogenitura de Cristo, e Sua primazia sobre toda a Criação, tanto a material, quanto a espiritual. Cristo é, ao mesmo tempo, o Herdeiro e o Testador (Aquele que compõe o testamento que consta a herança). Basta lermos com atenção a passagem que se segue, para termos uma nova compreensão acerca da morte de Cristo:

“Onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador, porque um testamento só é confirmado onde houve morte; ou terá ele algum valor enquanto o testador vive?” Hebreus 9:16-17.

O sardônio também aponta para a morte de Cristo, através da qual o Testamento foi confirmado, e a herança foi legada àqueles que O reconhecem como Senhor e Herdeiro de tudo. Ele morreu como testador, e ressuscitou como o primogênito da Nova Criação.

O Jaspe

Última pedra preciosa que compunha o peitoral do Sumo Sacerdote era o jaspe, que trazia o nome de Benjamim, a última das tribos de Israel. Fica claro aqui que a aparência d’Aquele que estava no trono representa o cumprimento do propósito de Deus para a Criação como um todo. Ele é o

primeiro e o último, o Alfa e o Ômega, o autor e consumidor de todas as coisas. Se o sardônio simboliza Sua primeira vinda, através da qual Ele fez a expiação dos nossos pecados, e confirmou o testamento, o jaspe simboliza Sua segunda vinda, quando Seu propósito restaurador será concluído. Ele começou a boa obra, e há de consumá-la até o dia final.

A Esmeralda

Além disso, é dito que “ao redor do trono havia um arco-íris semelhante, na aparência, à esmeralda” (Ap.4:3). No peitoral do Sumo Sacerdote, a esmeralda era a pedra de Judá, a tribo de onde viria o Rei. É interessante frisar que o arco-íris contém sete cores, enquanto que, a esmeralda é de cor verde. Como conciliar uma coisa com a outra? Tanto o arco-íris, com suas sete cores distintas, quanto a verde esmeralda possuem um significado comum: esperança.

Aqui, o arco-íris aparece em uma forma completa. Não se trata de um arco, propriamente dito, mas de um círculo perfeito. Talvez, o lado inferior do círculo nada mais seja do que o reflexo do arco-íris no “mar de vidro, semelhante ao cristal” que havia diante do trono (v.6a). Se for assim, podemos dizer que o arco-íris (do lado superior do trono) é a Nova Aliança, cujo reflexo se vê na Antiga Aliança. Tal interpretação encontra apoio em passagens como aquela que claramente afirma que “a lei, tendo a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas” (Hb.10:1a). Referindo-se às ordenanças contidas no Velho Pacto, Paulo diz: “Tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir” (Col.2:17a). Devido à conexão entre o arco-íris ao redor do trono e a esmeralda, que representa Judá, a tribo de onde Jesus originou-Se segundo a carne, podemos inferir que a realidade por trás deste símbolo é o Reino de Deus, que vem aos homens como cumprimento de Sua promessa, contida tanto no Velho quanto no Novo Pacto. Na Antiga Aliança, o Reino se manifestou de forma figurativa através de Davi, e seus sucessores; mas na Nova Aliança, este Reino se manifesta em plenitude, através d’Aquele que é, ao mesmo tempo, o Filho de Deus, e o Filho de Davi.

O arco-íris também aponta para uma nova ordem, que por sua vez, emerge da ordem até então estabelecida. Uma vez que esta velha ordem é alvo do juízo divino, e recebe os golpes de Seu Cetro de Justiça, faz-se mister que uma nova ordem seja instaurada, assim como foi nos dias de Noé. Deus fez uma aliança com toda a Criação após o Dilúvio, garantindo que jamais voltaria a destruí-la novamente. Agora, Deus confirma tal aliança, e assegura que a Nova Criação começada em Cristo jamais poderá ser banida. É bem verdade que a atual criação geme, como se estivesse com dores de parto, porém, nutrindo a esperança de que a corrupção que a mantém cativa há de ser desfeita, assim que os filhos de Deus forem manifestados (Rm.8:19-22).

Até aqui encontramos três pedras preciosas: o sardônio, simbolizando a obra feita na Cruz em Sua primeira Vinda; o jaspe, simbolizando Sua Vinda em glória no último dia; e a esmeralda representando o Seu reino agora. Assim sendo, nestas três pedras encontramos Aquele que era, que é, e que há de vir. Como disse o escritor sagrado: “Jesus é o mesmo ontem, hoje e eternamente” (Hb.13:8). Ele é o princípio, o meio, e o fim. Como Rúben, Ele é o primogênito (Hb.1:6), a origem de tudo; como Judá, Ele é Aquele que reina, “mediante quem tudo existe” (Hb.2:10), “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb.1:3). E como Benjamim, Ele é o último, “aquele, para quem são todas as coisas” (Hb.2:10). Resumindo: “Dele, por ele e para ele são todas as coisas” (Rm.11:36a). Todas as coisas são dEle, porque Ele é o primogênito (Criador). Todas existem por meio dEle, porque Ele é quem as governa e sustenta (Rei); e finalmente, todas as coisas são para Ele, porque Ele é o fim objetivo de tudo o que há (Herdeiro).

A Corte Celestial

“Pois quem nos céus é comparável ao Senhor? Entre os seres celestiais, quem é semelhante ao Senhor? Deus é sobremodo tremendo na assembléia dos santos e temível sobre todos os que o rodeiam.” Salmos 89:6-7.

A atenção de João se volta para a realidade em torno do Trono de Deus. “Ao redor do trono” diz o apóstolo vidente, “havia vinte e quatro tronos, e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos, vestidos de branco, que tinham nas suas cabeças coroas de ouro” (Ap.4:4). Quem seriam eles, ou, o quê eles representariam? Para respondermos a estas intrigantes indagações, teremos que fazer uma breve incursão pelas páginas das Escrituras.

Em seu registro profético, Daniel conta ter visto quando “foram postos uns tronos, e um Ancião de Dias se assentou. A sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como lã puríssima (...) Assentou-se o Tribunal, e abriram-se os Livros (...) foi dado o Juízo aos Santos do Altíssimo, e chegou o tempo em que o santos possuíram o reino” (Dn. 7:9a, 22b). Partindo do princípio de que a Bíblia deve interpretar a Bíblia, concluímos por este texto que os vinte e quatro anciãos são agentes do Juízo de Deus. Trata-se de um tribunal armado com o objetivo de manifestar o veredicto divino. Surge, então, a seguinte questão: quem comporia este tribunal?

Ao ser indagado por Pedro acerca do destino daqueles discípulos que haviam deixado tudo para segui-IO, Jesus lhe respondeu: “Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentarei sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel” (Mt.19:28). Se levarmos em conta esta declaração feita por Cristo, chegaremos à identidade de pelo menos doze dos vinte e quatro anciãos. Trata-se dos doze apóstolos do Cordeiro, que, ao redor do trono de Deus, representam a totalidade do povo da Nova Aliança. E quanto aos outros doze? Por inferência, podemos afirmar que são os doze patriarcas das tribos de Israel. Em sua descrição da Cidade Celestial, João faz a conexão entre cada um desses dois grupos. Ali é dito que sobre as doze portas da Nova Jerusalém estão “os nomes das doze tribos dos filhos de Israel” (21:12), enquanto que “o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro” (v.14). Feita a conexão, não fica dúvida de que os vinte e quatro

anciãos sejam os cabeças do velho e do novo Israel, e representam a totalidade dos remidos do Senhor, sob ambas as alianças. Foi por ter a convicção de que aos santos seria confiado o juízo, que Paulo indagou aos seus leitores Coríntios: “Não sabeis vós que os Santos hão de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois indignos de julgar as coisas mínimas? Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida?” (1 Co.6:2-3).

O Juízo de Deus, como já vimos, deve começar pela Igreja. Não se trata de um juízo com objetivo condenatório, mas disciplinar (1 Co.11:32). Com a Sua própria Casa em ordem, Deus agora passa a julgar as nações do mundo, começando por Israel. Por fim, há o julgamento dos anjos, do qual a Igreja também deve participar ativamente. Mais adiante vamos tratar deste importante tema novamente. Basta, por enquanto, entendermos que os vinte e quatro anciãos representam os santos da Antiga e da Nova Aliança.

O Juízo emitido por Deus e executado por esses anciãos é prefigurado no verso 5, onde lemos que “do trono saíam relâmpagos, vozes e trovões”. Além disso, é dito que “diante do trono ardiavam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete espíritos de Deus. Também havia diante do trono como que um mar de vidro, semelhante ao cristal” (vs.5b-6a). As sete lâmpadas apontam para o fato de que o Espírito de Deus perscruta todas as coisas. Ele é, no dizer de Paulo, “a luz que a tudo manifesta” (Ef.5:13b). O mar de vidro aponta para a transparência que as coisas possuem aos olhos do Supremo Juiz. “Não há criatura alguma encoberta diante dele” argumenta o autor sagrado, “todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas” (Hb.4:13).

Os Quatro Seres Viventes

Entra em cena algumas das mais enigmáticas figuras do Apocalipse. Segundo João, havia “ao redor do trono, um ao meio de cada lado, quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás. O primeiro ser era semelhante a um Leão, o segundo semelhante a um Touro, o terceiro tinha

o rosto como de Homem, e o quarto era semelhante a uma Águia Voando” (Ap.4:6b-7).

Estas quatro figuras simbolizam a Revelação Plena de Deus no Evangelho de Jesus Cristo. O Evangelho é a base pela qual os homens serão julgados. Paulo diz que Deus “tomará vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus” (2 Ts.1:8b). E mais: “Isto sucederá no dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por meio de Jesus Cristo, segundo o meu Evangelho” (Rm.2:16). Estes quatro seres viventes são os Guardiães do Mistério de Deus, apresentados em Isaías 6 como Serafins, em Ezequiel 1:10, e 10:20 como Querubins. Não importa o nome que recebam, e sim a função que exercem. Na revelação de Isaías, os seres viventes cobriam seus rostos com suas asas, porque o Mistério ainda não deveria ser revelado. Mas na visão de João, os quatro seres viventes estavam cheios de olhos por diante e por detrás. Isso se dá porque “o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos” (Col.1:26). Paulo chama este mistério de “Mistério do Evangelho” (Ef.6:19b). Em outra passagem, Paulo sintetiza este mistério, e arremata:

“É, sem dúvida alguma grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória.” 1 Timóteo 3:16.

Neste único verso, encontramos os quatro seres viventes, simbolizando os quatro ângulos do mistério do Evangelho. Primeiro, Paulo diz que Cristo manifestou-Se em carne. Aqui vemos a figura do “Homem”. A encarnação é o começo da revelação do Evangelho. Em segundo lugar, Paulo afirma que Cristo foi justificado em espírito, o que aponta para Sua morte vicária, simbolizada na figura do “Touro”. Pedro diz que Ele foi “morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito” (1 Pe.3:19). Em seguida, Paulo diz que ao ser justificado no espírito (ressurreição), Ele foi visto dos anjos, pregado aos gentios e crido no mundo; uma clara alusão à Sua condição de “Leão”. Aqui o Evangelho é apresentado como o Evangelho do Reino, que

apresenta às nações o Cristo-Rei, que veio estabelecer Seu império no mundo. Finalmente, o apóstolo diz que Cristo foi recebido acima na glória, significando a ascensão, exaltação e entronização do Filho de Deus. Nesta declaração, encontramos a figura da “Águia”. Depois de um vôo rasante, a águia volta ao seu ninho de origem nas alturas. Depois de passar por cada etapa da chamada Kenósis (grego: esvaziamento) descrita por Paulo em Filipenses 2:5-8, Jesus retorna à Sua glória original (Jo.17:5), sendo exaltado soberanamente, e recebendo um nome que é sobre todo o nome (Fp.2:9-11). Convém salientar que o quarto ser visto por João tinha a aparência de uma águia voando, o que dá a idéia de dinamismo, movimento. O Reino de Deus não é algo estático, mas que deve se manifestar de maneira crescente, até que alcance a plenitude da Terra. Jesus explicou isso em parábolas. Em uma delas, Ele diz que “o reino dos céus é semelhante ao grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. Embora seja a mais pequena de todas as sementes, contudo, quando cresce, é maior do que todas as hortaliças, e se transforma em árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham nos seus ramos. Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo seja levedado” (Mt.13:31-33). O que estas parábolas têm em comum com a águia voando? Ambas falam do Reino como uma realidade em franca expansão. O destino da águia são as alturas da terra. E este é também o destino dos cidadãos do Reino de Deus. O que Deus fez com Israel é um sinal daquilo que fará com Sua Igreja:

“Como a águia desperta a sua ninhada, ajeita sobre os seus filhotes e, estendendo as suas asas, toma-os, e os leva sobre as asas, assim só o Senhor o guiou, e não havia com ele deus estranho. Ele o fez cavalgar sobre as alturas da terra...” Deuteronômio 32:11-13a.

Não há mais de um Evangelho. O que existem são os vários ângulos de um mesmo Evangelho. Expressões como “Evangelho da Graça”, “Evangelho do Reino”, “Evangelho Eterno”, “Evangelho da Salvação”,

apontam para os vários aspectos do mesmo Evangelho, apresentado por Mateus, Marcos, Lucas, João.

Antigos manuscritos do Novo Testamento trazem gravuras que vinculam os seres viventes do Apocalipse aos quatro evangelhos. Geralmente trazem Marcos sentado sobre um leão; Lucas, sobre um touro; Mateus, sobre um homem; e João sobre uma águia. Há certa verdade por trás desta compreensão, haja visto que, cada um desses escritores sagrados enfatizou uma característica da missão de Cristo.

Marcos, por exemplo, sequer registra o nascimento de Jesus, demonstrando assim que, sua ênfase não recai sobre a encarnação, mas sobre o Reino de Cristo. A prova disso é que, as primeiras palavras que Marcos coloca nos lábios de Jesus são: “O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Mc.1:15). Portanto, parece correto traçar um paralelo entre o Evangelho Segundo Marcos com a figura do Leão de Apocalipse.

A preocupação de Mateus é a de apresentar Jesus como o “Filho do Homem” (ex.:Mt.24:30), e por isso, faz questão de detalhar a Sua genealogia, e Sua gestação, enfatizando assim a Sua humanidade. Nada mais justo do que relacionar o Evangelho Segundo Mateus com a figura do ser vivente cujo rosto era de um Homem.

Já Lucas registra várias profecias do sofrimento e da morte de Cristo, e dedica muito espaço a isso, mostrando que tudo o que Jesus passou visava o cumprimento de tais profecias. À luz disso, parece-nos correto identificar o Evangelho Segundo Lucas com a figura do Touro (Em tempo: o Touro era um dos animais sacrificados de acordo com as prescrições da Lei. Hb.9:13; 10:4).

Finalmente, chegamos a João, e percebemos a sua insistência em apresentar-nos Cristo como Aquele que existe desde a Eternidade (Jo.1:1), sendo, na verdade, igual ao Pai (Jo.10:30). João não parece preocupado com os detalhes que envolveram o nascimento de Jesus. Sua preocupação é

a de ressaltar a divindade de Cristo. É também ele quem registra a oração em que Jesus pede ao Pai para que retornasse à Sua glória original (17:5). Diante disso, fica óbvio o motivo pelo qual os crentes primitivos associavam o Evangelho de João com o ser vivente cuja aparência era a de uma Águia voando.

Adoração e Reconhecimento

João diz que “os quatro seres viventes tinham, cada um, seis asas, e ao redor, e por dentro, estavam cheios de olhos. Não descansam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, e que é, e que há de vir. Quando os seres viventes davam glória, honra e ações de graça ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre, os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam ao que vive para todo o sempre, e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: Digno és, Senhor nosso e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, pois tu criaste toda as coisas, e por tua vontade existem e foram criadas” (Ap.4:8-11).

Aprendemos com isso que, o objetivo do Evangelho é glorificar ao Deus Triúno, e não ao homem. É por isso que Paulo o chama de “o Evangelho da Glória de Deus” (2 Co.4:4). É a glória que o Evangelho confere a Cristo que faz com que os vinte e quatro anciãos, que representam o povo de Deus em sua totalidade, se prostrem e adorem a Deus. Ao se prostrarem diante d’Aquele que ocupa o Trono, os anciãos lançavam suas coroas aos Seus pés, reconhecendo que toda a autoridade que possuíam derivava-se d’Ele, e que por isso, Ele era o único digno de receber a glória, a honra e o poder. Tal dignidade se deve principalmente ao fato de Ele ter criado todas as coisas por Sua própria vontade. Aqui aprendemos que a adoração que os anciãos fazem é consciente, racional, e deve ser o protótipo do culto que prestamos a Deus (Rm.12:2) Eles sabiam a razão pela qual prestavam culto ao Cristo de Deus. Não o faziam por mero formalismo ou emocionalismo irracional. Sua atitude de reconhecimento e entrega encontra eco na

instrução dada por Paulo aos crentes Romanos: “Portanto, rogo-vos, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm.12:2). Culto racional é todo aquele que encontra uma razão de ser. Pedro diz que devemos estar preparados para responder a todo aquele que nos pedir a razão da esperança que há em nós (1 Pe.3:15). O Apocalipse não se preocupa apenas em pintar um quadro onde os seres celestiais e terrenos adoram a Deus, mas também se preocupa em explicar a razão que os leva a agir assim. Em outras palavras: não basta freqüentar uma igreja, é preciso entender o “por quê” devemos fazê-lo. Não é suficiente que dizimemos, é necessário que saibamos a razão pela qual separamos a décima parte de nossa renda para depositarmos no gazofilácio da obra de Deus. Qualquer atitude de culto deve ser respaldada em razões objetivas, sob pena de ser mero ritualismo, fanatismo ou emocionalismo.

No capítulo quatro de Apocalipse encontramos a primeira razão que nos deve conduzir à adoração: Deus criou todas as coisas, e é a Sua vontade que as mantém existindo. Embora esta fosse uma razão suficiente para O adorarmos, encontraremos ainda outras razões no decorrer de nosso estudo.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

O Plano Secreto de Deus

“Vi na mão direita do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos”. Apocalipse 5:1.

Este livro é o propósito eterno de Deus que engloba toda a Criação. É o mesmo livro sobre o qual profetiza Isaías: “Buscai no livro do Senhor, e lede: Nenhuma destas coisas falhará, nem uma nem outra faltará. Pois a sua própria boca o ordenou, e o seu Espírito mesmo as ajuntará” (Is.34:16). O verbo “ajuntar” pode ser sinônimo de “convergir”, “reunir”, “agrupar”. E qual é o propósito eterno de Deus, afinal?

Deixemos que Paulo nos responda:

“E desvendou-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer Convergir em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus (coisas espirituais), como as que estão na terra (coisas materiais).” Efésios 1:10.

O livro está escrito por dentro e por fora porque seu conteúdo diz respeito às coisas invisíveis e visíveis, isto é, às realidades espiritual e material, ou no dizer de Paulo, as coisas que estão nos céus, e as que estão na terra. O propósito de Deus não se restringe às coisas espirituais, como crêem alguns. Deus deseja restaurar todas as coisas ao seu estado original. E para isso, Ele determinou que através da Cruz, todas as coisas, tanto as celestiais quanto as terrenas, fossem reunidas em Cristo, a fim de que fossem n'Ele

reconciliadas (Col.1:20). Este eterno propósito pode ser encontrado esboçado na oração do Pai Nosso, quando Jesus nos ensina a pedir ao Pai que seja feita a Sua vontade “assim na terra como no céu” (Mt.6:10).

Este livro pode ser identificado com as Escrituras Sagradas. Nelas encontramos a revelação dos propósitos divinos. E por quê o livro se apresenta selado, se a Bíblia é, na verdade, um livro aberto e acessível a todos? O fato é que, embora as Escrituras estivessem disponíveis, elas estavam “seladas” no sentido de serem incompreendidas. A parte de fora do livro visto por João podia ser lida por qualquer um, haja vista que o selo protegia somente a parte interior. Qualquer um tinha acesso aos fatos narrados em suas páginas, mas não podia compreender claramente o propósito de Deus por trás desses fatos. A Bíblia não é apenas um livro histórico, mas também meta-histórico; isto é, ela não apenas contém a história, mas revela o propósito eterno de Deus contidos nas entrelinhas de suas narrativas. Repare no que Isaías diz acerca disso: “Pelo que toda visão vos é como as palavras de um livro selado que se dá ao que sabe ler, dizendo: Por favor, lê isto; ele dirá: Não posso; está selado” (Is.29:11). Somente com o rompimento de tais selos, o mistério da vontade de Deus seria revelado.

Portanto, o livro é selado por tratar-se de um mistério que jamais poderia ser desvendado pelo homem caído, ainda que estivesse por todo o tempo diante dos seus olhos.

João continua o seu relato:

“Vi também um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro, e de lhe romper os selos? E ninguém no céu, e na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele. E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele.” Vs.2-4.

O próprio João ficou incomodado com o fato de não haver alguém digno de desvendar aquele mistério. Nem entre os anjos, tampouco entre os

homens havia alguém que pudesse romper os selos, explicando e deflagrando o seu propósito. “Todavia” prossegue João, “um dos anciãos me disse: Não chores ! Olha, o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos. Então vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes, e entre os anciãos, em pé, um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados por toda a terra” (vs.5-6).

Aquele Cordeiro é ninguém menos que o próprio Cristo. Ele venceu para poder romper os selos daquele livro e desvendar-nos o mistério da vontade de Deus. Lucas conta que logo após Sua ressurreição, Jesus deparou-Se com dois dos Seus discípulos, que iam pelo caminho de Emaús. Ambos estavam tristes e decepcionados com as últimas notícias. Para eles, a morte de Jesus tinha sido o fim trágico de um sonho. Mesmo tendo Jesus Se aproximado deles, não O puderam reconhecer. “Então Jesus lhes disse: Ó néscios, e tardios de coração para crer em tudo o que os profetas disseram! Não era necessário que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória? E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicou-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras” (Lc.24:25-27). Era necessário que Jesus, o Leão da Tribo de Judá, enfrentasse a morte, e ressuscitasse ao terceiro dia, para que os Seus discípulos entendessem o que até então estava selado diante dos seus olhos. Após o episódio em Emaús, Jesus reuniu-Se com os demais discípulos, e lhes disse: “São estas as palavras que vos falei estando ainda convosco, que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e nos Profetas e nos Salmos. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras, e disse: Eis que está escrito: O Cristo padecerá, e ao terceiro dia ressurgirá dentre os mortos, e em seu nome se pregará o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém” (Lc.24:44-47).

No relato apocalíptico, Ele é apresentado como um Cordeiro “como havendo sido morto”, devido ao preço que Ele precisou pagar a fim de poder revelar-nos o mistério de Deus, e desencadear o seu cumprimento.

Ele também é apresentado como tendo sete chifres e sete olhos. Dentro do simbolismo bíblico, chifre é autoridade, portanto, se o Cordeiro possui sete chifres (e sete representa plenitude, totalidade), Ele tem toda autoridade. Já os sete olhos simbolizam a Onisciência e a Onipresença; Ele vê em todas as direções, e por isso, sabe todas as coisas. Esta passagem comprova a divindade de Cristo, uma vez que, somente Deus é Onipotente, Onipresente e Onisciente.

João também diz que os sete chifres e os sete olhos são os sete espíritos de Deus, isto é, a plenitude do Espírito. E Paulo testifica disto quando afirma que “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Col.2:9).

Observe que Ele só poderia ser o Cordeiro de Deus se fosse homem, a fim de morrer pelos nossos pecados. Portanto, em algumas linhas, João nos coloca de frente com um ser sui generis: Jesus Cristo, o Deus-Homem. Somente Ele poderia romper os selos daquele livro, desvendando os seus mistérios, e desencadeando o processo de convergência e restauração proposto por Deus.

E João viu quando Aquele Ser magnífico “veio e tomou o livro da mão direita do que estava assentado no trono. Logo que tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos PROSTRARAM-SE DIANTE DO CORDEIRO, tendo todos eles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos” (vs.7-8).

Aqueles quatro seres viventes, além de representarem os quatro ângulos da revelação contida no Evangelho, também representam a abrangência da obra restauradora que Deus propusera em Cristo. O número quatro trás em si este significado. Quando se diz “os quatro cantos da terra”, está se dizendo “todos os termos da terra”. Portanto, os quatro seres viventes apontam para a restauração de toda a criação (visível e invisível) à sua ordem original. Já os vinte e quatro anciãos, como já vimos anteriormente, representam a totalidade dos santos das duas alianças. Doze é o número da redenção, ao mesmo tempo em que representa os fundamentos de um povo.

A história da redenção é dividida em duas fases, a da Antiga e a da Nova Aliança; uma antes, e outra depois da Cruz. Os vinte e quatro anciãos representam a totalidade da obra redentora de Deus. São os redimidos de todas as eras que formam a base fundamental para a restauração de toda a criação. A Igreja de Deus, que abrange os santos de ambas as alianças, é o instrumento que Ele usa para promover a restauração do mundo. É por isso que Paulo afirma que a criação aguarda com expectativa a manifestação dos filhos de Deus, a fim de que seja libertada da tirania da corrupção. Quando esses anciãos avistaram o Cordeiro, eles se prostraram e O adoraram.

“E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos, porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo e nação. Para o nosso Deus os fizeste reino e sacerdotes, e eles REINARÃO SOBRE A TERRA.” Vs.9-10.

Os vinte e quatro anciãos, porquanto representem a totalidade da Igreja, formam o grupo dos primeiros a convergirem em Cristo. Por isso mesmo, nós, os santos, somos chamados de “as primícias da Criação”, e recebemos as “primícias do Espírito”.

Os anciãos não somente O adoraram, como também expuseram através daquele cântico a razão que os levava a adorá-IO. E a razão é que o Cordeiro comprou para Deus o que se havia perdido. O Cordeiro fez reaver a propriedade de Deus através de Sua morte.

Tudo o que foi feito por meio dEle, agora tornava-se para Ele novamente. Em outra passagem lemos que os mesmos vinte e quatro anciãos, “que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos, e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, porque tomaste o teu grande poder, e reinaste” (Ap.11:16-17).

E de quê forma Deus retomou o que era d'Ele? Comprando homens de toda tribo, língua, povo e nação, tornando-os, por meio de Cristo, reis e

sacerdotes para reinarem sobre a terra. Isso já havia sido profetizado por Daniel no Antigo Testamento. Ele relata: “Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e vi que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem. Ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado o domínio, a honra e o reino; todos os povos, nações e línguas o adoraram. O seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino o único que não será destruído... O reino e o domínio, e a majestade dos reinos Debaixo De Todo Céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo. O seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão” (Dn.7:13-14,27).

Aleluia! Este é o propósito de Deus para a Sua Igreja: reinar sobre a Terra.

Repare na ordem dos fatos: primeiro o Cordeiro comparece diante do Pai, e recebe dEle o Poder; depois aqueles que possuem autoridade prostram-se diante dEle e reconhecem a Sua soberania. Veja agora o que se sucede depois disto:

“Então olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos seres viventes, e dos anciãos; e o número deles era milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando com grande voz: Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. Então ouvi a TODA CRIATURA QUE ESTÁ NO CÉU, E NA TERRA, E DEBAIXO DA TERRA, E NO MAR, e a todas as coisas que neles há, dizerem: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o poder para todo sempre. E os quatro seres viventes diziam: Amém. E os anciãos prostraram-se e adoraram.” Vs.11-14.

Gradativamente, todas as coisas vão sujeitando-se a Cristo. Não só as invisíveis, mas também as visíveis. Uma das coisas mais impressionantes neste texto é a forma como o céu e a terra são apresentados unindo-se para formar um enorme coral em adoração ao Cordeiro.

Aos poucos o que parece um caos vai se tornando em harmonia; o barulho se transforma numa orquestra! Cada evento vai encontrando o seu lugar na majestosa sinfonia composta pelo Cordeiro.

Nada fica de fora de escopo desta restauração! O reino animal, o reino vegetal, e o reino mineral, se unem para saudar o Rei dos Reis.

No capítulo anterior, João diz que viu um trono, e Alguém assentado sobre ele, e “ao redor do trono havia um arco-íris” (4:3). Este arco-íris nos remete ao episódio em que Deus fez uma aliança com Noé, e estabeleceu o arco-íris como símbolo dessa aliança. O que poucos observam é que aquela aliança de preservação não se limita ao ser humano, mas abrange toda a criação. Assim afirmou o Senhor: “Agora estabeleço a minha aliança convosco e com a vossa descendência depois de vós, e com Todos Os Seres Viventes que convosco estão; assim as aves, os animais domésticos e os animais selvagens que saíram da arca, como todos os animais da terra (...) Este é o sinal da aliança que ponho entre mim e vós e entre todos os seres viventes que estão convosco, Por Gerações Perpétuas; O meu arco tenho posto nas nuvens, e ele será por sinal de haver uma aliança entre mim e a terra (...) O arco estará nas nuvens, e eu o verei, para me lembrar da Aliança Eterna entre Deus e todos os seres viventes de todas as espécies, que estão sobre a terra” (Gn.9:9-10,12-13,16).

Esta aliança jamais vai caducar, pois é eterna. Não tem prazo de validade a ser vencido. Por ser eterna, ela não perdeu a validade com o lançamento da Nova Aliança, antes foi confirmada. Oséias, profetizando acerca da Nova Aliança, disse: “Naquele dia farei por eles aliança com os animais do campo, com as aves do céu e com os répteis da terra” (2:18). A Nova Aliança diz respeito à salvação do homem, e, por conseguinte, à restauração da ordem criada.

O coral só estará completo quando as vozes angelicais, e as vozes humanas unirem-se às vozes de toda criatura, incluindo os pássaros, os répteis, os mamíferos e os peixes. E assim, cumprir-se-á o versículo que

fecha o último salmo: “Tudo que tem fôlego louve ao Senhor. Louvai ao Senhor” (Sl.150:6).

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Selos Rompidos

A Execução dos Propósitos Divinos

Há um Deus nos céus, o qual revela mistérios.” Daniel 2:28a

Temos visto que o livro selado que é entregue ao Cordeiro contém o propósito de Deus que visa a restauração de todas as coisas. Tal propósito era um mistério que estava oculto desde os tempos eternos, mas que agora nos é revelado por meio do Espírito de Cristo.

Para que o propósito de Deus fosse executado, o Cordeiro teria que romper cada um dos sete selos com que o livro estava lacrado. À medida em que fossem rompidos, o propósito divino se desencadearia, passo a passo.

Ao romper o primeiro selo, João é convidado por um dos quatro seres viventes a ver “um cavalo branco. O seu cavaleiro tinha um arco, e foi-lhe dada uma coroa, e ele saiu vencendo e pra vencer” (Ap.6:2).

Quem seria esse enigmático cavaleiro?

Há muita especulação acerca de sua identidade. Há até quem afirme com certeza que se trata do Anticristo! Partindo do princípio básico de Hermenêutica de que a Bíblia deve interpretar a Bíblia, isto é, de que textos

obscuros devem ser compreendidos à luz de outros textos mais claros, podemos afirmar que esse cavaleiro é o próprio Cristo.

Não precisamos ir muito longe. Ainda em Apocalipse, no capítulo 19, versículo 11, João vê o mesmo personagem, que ali é identificado como o cavaleiro Fiel e Verdadeiro, que julga e peleja com justiça, “e o nome pelo qual se chama é o Verbo de Deus... Rei dos reis, e Senhor dos senhores” (vs.13,16). Quem mais poderia encabeçar a execução do plano de Deus? Ele é, ao mesmo tempo, o Cordeiro que possibilita a execução dos propósitos divinos, e o primeiro Cavaleiro que aparece no cenário apocalíptico para executar tais desígnios.

Mas para não ficarmos somente neste livro, que tal uma breve incursão pelas Escrituras?

Em um dos mais belos salmos da Bíblia, encontramos:

“Cinge a tua espada à coxa, ó valente; cinge-te de glória e majestade. Nessa majestade cavalga VITORIOSAMENTE, pela causa da verdade, da humildade e da retidão; que a tua destra mostre coisas terríveis . As tuas flechas são agudas no coração dos inimigos do rei; por meio delas os povos caem debaixo de ti. O teu trono, ó Deus, é eterno e perpétuo; o cetro do teu reino é um cetro de equidade.” Salmo 45:3-6.

Eis o retrato fiel d’Aquele que, por ser mais valente do que o valente (Satanás), é o único capaz de amarrá-lo e tomar os seus bens (Mt.12:29; Lc.11:21-22; Is.49:24-25). Nosso rei cavalga vitoriosamente pela causa da verdade, da humildade e da retidão! Como disse João, Ele saiu vencendo e pra vencer!

E que tal a afirmação paulina de que Deus nos conduz em triunfo através de Cristo Jesus (2 Co.2:14)? Paulo tinha em mente os desfiles triunfais promovidos pelos generais romanos após uma vitória sobre algum exército inimigo. Geralmente, o imperador romano vinha à frente dos seus generais, montado em um deslumbrante corcel branco, enquanto seus inimigos eram

exibidos publicamente, amarrados, despojados e humilhados. No pensar de Paulo, Cristo é o Imperador dos céus e da terra, que venceu os seus inimigos e que agora, os exhibe publicamente em Seu desfile triunfal. Era isso também que ele tinha em mente quando afirmou que Cristo, “tendo despojado os principados e potestades os expôs publicamente ao desprezo, e deles triunfou na cruz” (Col.2:15).

Quando diz que Ele saiu vencendo, está em foco o Seu ministério terreno. Enquanto esteve aqui na terra, Jesus enfrentou o Diabo por diversas vezes, tanto na tentação no deserto, quanto nas vezes em que confrontou-se com demônios que possuíam pessoas, expulsando-os de seus corpos.

Quando diz que Ele saiu pra vencer, o foco recai sobre a Sua grande vitória conquistada na Cruz. Foi ali que ele obteve a vitória decisiva sobre o Inferno e a Morte. Esta vitória, embora já obtida na Cruz, é agora proclamada pela Igreja, que vai tomando o terreno antes pertencente ao inimigo. Portanto, compete a Igreja promover o desfile triunfal de Cristo por todos os quadrantes da terra. A vitória da Igreja é, por assim dizer, a confirmação da vitória de Cristo na Cruz. Na Cruz a serpente foi ferida, porém, é sob os pés da Igreja que ela deve ser esmagada (Rm16:20). “Convém que ele (Cristo) reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo dos seus pés” (1 Co.15:25).

Por mais que Seus inimigos se levantem contra Ele, “o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os que estão com ele, chamados eleitos, e fiéis” (Ap.17:14).

O Segundo Selo - O Cavalo Vermelho

O primeiro Cavaleiro vem sobre um cavalo branco, o que parece apontar para o fato de que Ele veio trazer paz. Entretanto, os homens rejeitaram o Príncipe da Paz. O próprio Cristo, quando ia chegando à Jerusalém, com imenso pesar e lágrimas nos olhos disse:

“Ah! Se tu conhecesses, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isso está encoberto aos teus olhos. Dias irão sobre ti e que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão e te apertarão de todos os lados. Derrubar-te-ão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem. Não deixarão e ti pedra sobre pedra porque não reconheceste o tempo da tua visitação.” Lucas 19:42-44.

Tendo negligenciado a mensagem do Cavaleiro da Paz, no “tempo da visitação”, os judeus agora experimentariam um dramático período de sucessivos conflitos e guerras, que culminaria na invasão e destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. A própria espada de Deus fora colocada nas mãos de Tito, general romano, para exercer juízo sobre o povo que rejeitara o Príncipe da Paz.

Jesus já havia avisado aos Seus discípulos acerca desse tempo: “Quando ouvirdes falar de guerras e revoluções, não vos assusteis. É necessário que isto aconteça, mas o fim não será logo. Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino (...) Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabereis que é chegada a sua desolação” Lucas 21:9-10, 20.

A rejeição da paz celestial sempre trará como conseqüência o conflito entre os homens. Só haverá paz entre as criaturas, quando estas estiverem em paz com o seu Criador. Deus sempre anuncia primeiro a misericórdia, para então manifestar Seu juízo. Se Sua misericórdia for rejeitada, o Juízo é inevitável. A Escritura diz que “o juízo será sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo!” (Tg.2:13). O maior gesto de misericórdia da parte de Deus se deu ao enviar-nos Seu Amado Filho Jesus. Ele “veio para o que era seu, mas os seus (judeus) não o receberam” (Jo.1:11). Rejeitada a Paz, só lhes restava a guerra. Rejeitada a misericórdia, só lhes restava o Juízo.

O Terceiro Selo - O Cavalo Preto

O próximo a entrar em cena é um cavaleiro que monta um cavalo preto, tendo na mão uma balança. De repente, do meio dos seres viventes, ouve-se uma voz: “Uma medida de trigo por um denário, e três medidas de cevada por um denário, e não danifiques o azeite e o vinho” (Vs.5-6). Fica claro que a missão desse cavaleiro é promover a fome e a miséria, resultados óbvios da atuação do segundo cavaleiro.

Encontramos em registros históricos, principalmente nos deixados por Flávio Josefo, que os habitantes de Jerusalém, depois de sofrerem o cerco romano por muito tempo, antes da destruição em 70 d.C., enfrentaram uma fome sem precedentes. Josefo conta que eles “comiam até mesmo a sola dos sapatos, o couro dos escudos” e até “feno podre”. Os pais chegavam a comer seus próprios filhos. Os soldados romanos ficavam revoltados quando se deparavam com corpinhos de crianças, ainda não inteiramente consumidos, mas guardados para esse propósito.

Sobre isso Jesus também profetizou (Mt.24:7). Ao alimentar uma grande multidão com apenas cinco pães e dois peixinhos, Jesus estava demonstrando que o Pai Celestial também Se preocupa com o sustento material dos Seus filhos. Entretanto, mais importante do que “a comida que perece” é a “comida que permanece para a vida eterna” (Jo.6:27). “Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim jamais terá sede” afirmou Jesus (v.35). Os judeus pareciam não entender que somente buscando o Reino de Deus como absoluta prioridade na vida é que as demais coisas são acrescentadas (Mt.6:33). Por haverem invertido a ordem estabelecida por Deus, priorizando os valores materiais em vez dos espirituais, o Juízo de Deus viria sobre eles, privando-os daquilo que eles mais almejavam. Se eles houvessem se alimentado do Pão da Vida que é Cristo, jamais lhes faltaria o pão de cada dia.

Com o cerco romano, nenhum dos moradores de Jerusalém poderia sair para comprar mantimentos fora da cidade. Depois de algumas semanas, já não havia qualquer suprimento nos armazéns de Jerusalém.

O Quarto Selo - O Cavalo Amarelo

Se tão-somente Israel houvesse recebido o seu Rei! A rejeição da paz trouxe a guerra, a guerra trouxe a fome, e esta, por sua vez, trouxe a morte. O único cavaleiro que recebe nome nesta visão é o que monta o cavalo amarelo. Ele chama-se Morte, e é seguido pelo Inferno (Hades). “Foi-lhes dado poder sobre a quarta parte da terra para matar com a espada, com a fome, com a peste e com as feras da terra” (6:8).

Não podemos perder de vista que o rompimento de cada um dos selos visa executar o juízo de Deus sobre Israel, por haver rejeitado o seu Messias. Tanto a rejeição por parte de Israel, como os juízos decorridos daí, visam o estabelecimento do propósito de Deus que deve abarcar toda a criação. É sobre isso que Paulo fala, ao afirmar que a queda de Israel é “a riqueza do mundo”, e a sua rejeição é “a reconciliação do mundo” (Rm.11:12,15).

Nenhum desses cavaleiros age por conta própria. Eles são agentes do juízo divino sobre a terra (a terra de Israel, lógico!). Até mesmo a Morte e o Inferno não agem com autonomia. Afinal, quem é que Se apresenta logo no início do Livro como tendo as chaves da Morte e do Inferno (Ver Ap.1:18)?

Compreendendo os Juízos de Deus

Embora as misericórdias de Deus sejam infinitas, elas se esbarram em um limite estabelecido pelo próprio Deus. É Ele quem decide quando e com quem deve usar de misericórdia. Foi Ele mesmo que afirmou: “Terei misericórdia de quem me aprovar ter misericórdia” (Rm.9:15a). Se Ele simplesmente preferir não agir misericordiosamente, Sua justiça em nada é maculada. Ser justo é dar a cada um o que é merecido. Se alguém merece castigo, castigo deve receber. Porém, Deus, em Sua infinita misericórdia,

“não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades (...) Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem; pois ele conhece a nossa estrutura, e se lembra de que somos pó” (Sl.103:10,13-14). A quem é destinada a misericórdia do Senhor? Àqueles que O temem. Ao agir com misericórdia, muitas vezes Deus nos poupa de colher aquilo que plantamos. Entretanto, há muitos que acham que podem se aproveitar da misericórdia divina para continuar em uma vida de pecados. Os que assim agem estão zombando de Deus. De acordo com a Escritura, “o que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia” (Pv.28:13). Um coisa é pecar eventualmente, outra completamente diferente é viver no pecado. Quem vive no pecado está abusando da misericórdia de Deus, e poderá ser alvo de Seu juízo disciplinador. “Não vos enganéis” adverte Paulo, “de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl.6:7). Deus disciplina o homem ao permitir que ele colha exatamente o que está plantando. Com habilidade inigualável, o apóstolo Paulo demonstra claramente como se dá isso. Aqueles que “tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças”, “Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si”(Rm.1:21,24). Quanto àqueles que “mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram a criatura em lugar do Criador (...) Deus os abandonou às paixões infames” (vs.25-26). “Semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, inflamaram-se em sua sensualidade uns para com os outros, homem com homem, cometendo torpeza, e recebendo em si mesmos a penalidade devida do seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, ele os entregou a um sentimento pervertido, para fazerem coisas inconvenientes. Estão cheios de toda iniquidade, prostituição, malícia, avareza, maldade, inveja, homicídio, contenda, engano e malignidade. São murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; são néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia. Embora tenham

conhecimento da justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também aprovam os que as praticam” (Rm.1:25a,26-32).

Eram essas as condições dos judeus à época de Jesus e de Paulo. Por isso, o Juízo de Deus os atingiu. Devemos tomar isso como exemplo, e atentar às advertências que o Senhor nos faz em Sua Palavra, para que não incorramos nos mesmos erros daqueles que constituíam o povo da Antiga Aliança.

“Um abismo chama outro abismo” dizia o salmista (Sl.42:7a). Os judeus rejeitaram o Cavaleiro Fiel, o Príncipe da Paz, e por isso, Deus os entregou aos que montavam os cavalos vermelho, preto e amarelo. Ao rejeitar a paz, os judeus colheram os frutos de suas próprias ações. A Guerra trouxe a Fome, e esta trouxe a Morte.

O Quinto Selo: O Clamor dos Mártires

“Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que os faça esperar?” Lucas 18:7.

O livro que o Cordeiro recebeu das mãos do Ancião de Dias era escrito por dentro e por fora. Isto significa que o propósito de Deus abarca a criação como um todo, tanto a visível, quanto a invisível; tanto a material, e física, quanto a espiritual. Estar escrito por dentro aponta para a realidade invisível aos olhos humanos, portanto, espiritual; enquanto que, estar escrito por fora aponta para a realidade material e visível.

O juízo de Deus sobre Israel visava a implementação do Seu eterno propósito para toda a criação visível, incluindo todas as nações da terra. Agora, porém, a atenção de João se volta deste mundo para o mundo invisível. Ele relata:

“Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que deram.” Apocalipse 6:9.

Temos boas razões para acreditarmos que as almas ali vistas eram dos santos que foram martirizados ainda sob a Antiga Aliança. Uma delas é o fato de elas estarem sob o altar de Deus, e não sobre o altar, como estariam os que fossem martirizados sob a Nova Aliança (Fp.2:17).

Aqueles santos mártires estavam sob a proteção do Altíssimo, mas ainda não haviam sido recompensados. E o que eles estariam fazendo ali? Estariam dormindo, como defendem aqueles que pregam a doutrina do sono da alma? Absolutamente, não! João diz que eles “clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Soberano, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (V.10).

Essas orações imprecatórias fazem parte do propósito de Deus. Davi diz em seu salmo que a sua oração seria sempre contra os feitos dos ímpios (Sl.141:5b). Não se trata aqui de orar contra pessoas, mas contra os seus feitos. Orar também é denunciar o que está errado em nossa sociedade; é clamar por justiça (Leia Is.59:4); é conspirar contra as estruturas injustas.

Em resposta aos seus anseios, “foram dadas a cada um deles compridas vestes brancas, e foi-lhes dito que repousassem ainda por pouco tempo, até que se com-pletasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos, como também eles foram” (v.11).

Que significado teriam essas vestes brancas? É ponto pacífico que tais vestes simbolizem a Justiça de Cristo. Foi a morte de Cristo que possibilitou que os santos da Antiga Aliança fossem aperfeiçoados, e recebidos na Plenitude da Glória Celeste. Até aquele momento, eles estavam sob o altar de Deus, mas agora, eles eram aperfeiçoados (lit. completados). Eles são aqueles de quem o Escritor Sagrado diz que “experimentaram escárnios e açoites, e até algemas e prisões. Foram apedrejados; foram tentados; foram serrados pelo meio; foram mortos ao fio da espada. Andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos e montes, e pelas covas e cavernas da terra. E todos estes, embora tendo recebido bom testemunho pela fé, contudo não

alcançaram a promessa. Deus havia provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados” (Hb.11:36-40).

Embora o clamor daqueles santos chegasse a Deus, eles somente seriam aperfeiçoados a partir do momento em que, na Cruz, Cristo fizesse provisão completa pelos santos de todas as eras. Podemos então compreender o motivo pelo qual, sem nós, eles não seriam aperfeiçoados. Na Cruz, Cristo atraiu para Si os santos de todas as eras, e com uma só oferta os aperfeiçoou para sempre (Hb.10:14). Por meio de Cristo, tanto nós que vivemos sob a Nova Aliança, quanto os que viveram sob a Antiga, alcançamos a plenitude. Fomos aperfeiçoados; atingimos a maturidade espiritual. No dizer de Paulo, o sacrifício de Cristo nos fez idôneos à parte que nos cabe da herança dos santos na luz (Col.1:12). E mais: “Nele estais aperfeiçoados”, garante o apóstolo (2:10). Agora, os santos de todas as eras formam um só grupo: A universal assembléia, formada pelos espíritos dos justos aperfeiçoados (Hb.10:23).

Podemos ainda compreender isso de outro ângulo: os santos que morreram sob a Antiga Aliança só seriam atendidos e vindicados, quando fossem “completados” em seu número. “Aperfeiçoar” também significa completar. A galeria dos heróis da fé não estaria completa enquanto não fosse completada pelos mártires da Nova Aliança. Assim, podemos entender o aperfeiçoamento dos santos da Antiga Aliança como sendo a obra realizada pelo sacrifício da Cruz, e ao mesmo tempo como sendo a totalidade dos que deveriam experimentar martírio semelhante aos que eles experimentaram.

Uma vez completado o número daqueles que deveriam morrer por causa do testemunho de Cristo naqueles dias (que precederam a queda de Jerusalém), a medida dos pecados de Israel teria chegado ao seu limite, e a ira de Deus cairia sobre o povo que O rejeitara.

Jesus falou claramente sobre isso:

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Edificais os sepulcros dos profetas, adornais os monumentos dos justos e dizeis: Se estivéssemos vivos no tempo de nossos pais, não teríamos sido cúmplices seus no derramar o sangue dos profetas. Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. ENCHEI VÓS, POIS, A MEDIDA DE VOSSOS PAIS. Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do Inferno? Portanto, eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade. Assim recairá sobre vós todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração. Jerusalém, Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e tu não quiseste Agora a vossa casa ficará deserta.” Mateus 23: 29-38.

Caberia àquela geração completar a medida de iniquidades praticadas pelas gerações anteriores. Paulo parece corroborar com tal pensamento ao escrever aos crentes Tessalonicenses:

“Padeceste de vossos próprios concidadãos o mesmo que eles padeceram dos judeus, os quais mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e a nós nos perseguiram. Eles não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens, e nos impedem de falar aos gentios para que estes sejam salvos. Desta forma sempre enchem a medida de seus pecados. A ira de deus caiu sobre eles afinal.” I Tessalonicenses 2:14b-16.

Foram os mártires da igreja primitiva que completaram o número daqueles que deveriam sofrer até que a medida dos judeus fosse completada, e o juízo de Deus os atingisse. Paulo se achava uns dos tais, e por isso não hesitava em declarar que cumpria em sua carne “o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a Igreja” (Col.1:24). Não devemos supor que o sofrimento de Paulo, ou de qualquer outro crente primitivo tivesse algum valor expiatório; cumprir o resto das aflições de Cristo era completar o número daqueles que deveriam morrer por causa do testemunho de Deus, para que assim, o clamor dos antigos mártires fosse respondido, e o juízo de Deus executado.

Por isso, Jesus avisou aos Seus discípulos:

“Mas antes de todas estas coisas, lançarão mão de vós, e vos perseguirão entregando-vos às sinagogas e às prisões, e conduzindo-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome. Isto vos acontecerá para testemunho (...) Na vossa perseverança ganhareis as vossas almas. Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabereis que é chegada a sua desolação (...) Pois dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas (...) Haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo. Cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos. Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos deles se completem.” Lucas 21: 12-24.

Ao se completar o número daqueles que deveriam ser martirizados por amor de Cristo, o número de testemunhas estaria completo, e o Tribunal de Deus seria armado, para que Jerusalém, agora conhecida como a Grande Prostituta, fosse julgada.[1]

O juízo só viria sobre Israel quando todos os tronos fossem ocupados, e o Tribunal estivesse devidamente armado. Jesus havia prometido aos Seus apóstolos:

“Assim como meu Pai me confiou um reino, eu o confio a vós, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos para julgar as doze tribos da Israel.” Lucas 22:29-30.

No ano 70 d.C., quando o Juízo de Deus foi executado sobre Israel, todos os apóstolos, inclusive Paulo, já haviam morrido, com exceção de João. Parece-nos possível que tenha sido Paulo aquele que completou o número, para que todos os tronos estivessem ocupados (simbolicamente eram 24 tronos, sendo 12 para os santos da Antiga Aliança e os outros 12 para os da Nova Aliança). O fato de João ter sido o único apóstolo vivo durante a invasão e destruição de Jerusalém já havia sido predito por Jesus (leia João 21:22-23; Mt.16:28 e ainda Mt.10:23).

A Grande Tribulação sofrida pela Igreja primitiva forneceu os mártires que deveriam testemunhar diante do Tribunal de Deus contra a Cidade que se prostituiu com os reis da terra.

Daniel também profetizou sobre isso.

Referindo-se ao Império Romano, que seria o último grande império a levantar-se antes do advento do Reino de Deus, Daniel diz que ele destruiria “os santos do Altíssimo” e que eles seriam “entregues nas suas mãos” por algum tempo. “Mas o tribunal se assentará em juízo, e lhe tirará o seu domínio para o destruir e para o desfazer até o fim. O reino e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo” (Dn.7:25-27).

Através da Igreja, não somente Israel seria julgado, como também o próprio Império Romano, que fora o agente do Juízo de Deus sobre Israel. E assim, cumprir-se-ia o que fora dito por Isaías: “Ai de ti destruidor (...) quando parares de destruir serás destruído” (Is.33:1). Jamais aquele Império poderia imaginar que enquanto perseguia os crentes, e os matava, estava, na verdade, preenchendo cada cadeira do tribunal que o sentenciaria à destruição. Por isso, os cristãos primitivos eram entregues a morte esboçando alegria em suas faces. Eles sabiam que sendo fiéis até a morte,

eles receberiam a coroa da vida (Ap.2:10). Cristo lhes havia garantido que os que vencessem, perseverando até o fim, receberiam autoridade sobre as nações, e com vara de ferro as regeria, quebrando-as como são quebrados os vasos de oleiro (Ap.2:26-27).

Diante de tais promessas, não poderia ser outra a postura de Paulo diante de sua morte. Ele escreveu a Timóteo:

“Quanto a mim, já estou sendo derramado como libação, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. DESDE AGORA, A COROA DA JUSTIÇA me está guardada, a qual o Senhor, JUSTO JUIZ, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.” II Timóteo 4:6-8.

É claro que Paulo não está se referindo à vinda de Jesus para o estabelecimento do Juízo Final. Ele está falando sobre Sua Vinda em Juízo sobre Israel. Naquele “dia”, Paulo e todos os santos receberiam a Coroa da Justiça para julgar Israel, e todas as nações da Terra.

Esta Coroa da Justiça pertence à Igreja como um todo. Nós, a Igreja de Cristo, estamos assentados nos lugares celestiais em Cristo, e nos foi dado o poder de julgar e de exercer autoridade sobre todas as nações (Ap.20:4; Ef.2:6; Rm.5:17). “O Senhor se agrada do seu povo” exclama o salmista, “ele coroa os humildes com a salvação. Exultem os santos de glória, e cantem de alegria nos seus leitos. Estejam na sua garganta os altos louvores de Deus, e espada de dois gumes nas suas mãos, para tomarem vingança das nações e punirem os povos, para prenderem os seus reis com cadeias, e os seus nobres com grilhões de ferro, para executarem contra eles o juízo escrito. esta é a glória de todos os santos” (Sl.149:4-9). Aleluia!

O SEXTO SELO: Colapso nas Estruturas

“Todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide, e como cai o figo da figueira.” Isaías 34:4.

O clamor dos mártires foi ouvido! Ao romper o sexto selo, catástrofes ocorrem, e a ordem é subvertida. Tudo começa com um grande terremoto. No capítulo 16, lemos acerca deste mesmo abalo sísmico. Sua amplitude foi tamanha que João afirma que nunca antes tinha havido tão poderoso terremoto. Como resultado, “a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram (...) Todas as ilhas fugiram, e os montes não mais se acharam” (v.19-20). O objetivo de Deus ao provocar tal abalo é fazer com que os homens se sintam inseguros naquilo em que estão firmados. De repente, o que parecia sólido como uma rocha, se torna como areia movediça. Nada pior do que sentir o solo mover-se sob os nossos pés! Imagine o que é uma cidade partir em três! Tudo aquilo em que o homem confiava, desmorona diante dos seus olhos.

Além do terremoto, é dito que “o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua como sangue” (6:12). O escurecimento do sol aponta para a desordem social, e o descrédito nas instituições governamentais. Aquilo que deveria ser motivo de orgulho para o povo, torna-se em sua maior vergonha. Cilício significa isso: vergonha, opróbrio. Um saco de cilício (cinzas) é o que sobrou de alguma coisa que já se queimou. Assim estava Jerusalém antes de sua queda. Seu povo vivia da saudade dos tempos áureos, quando o sol ainda ardia em todo o seu esplendor. Agora, tudo o que havia restado eram cinzas. Foi-se a glória de Israel.

Quanto à lua, aponta para a ordem religiosa. Ela tornou-se como sangue porque o que deveria unir as pessoas, agora era motivo de guerra entre elas. Desde há muito tempo, as pessoas se matam por causa de suas convicções

religiosas. Até mesmo o altar do Templo em Jerusalém foi testemunha de assassinatos covardes em nome da religião.

Sem ordem civil e religiosa, o povo cai! Por isso é dito que as “estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira, sacudida por um vento forte, deixa cair os seus figos verdes” (v.13). Se não houver instituições civis e religiosas confiáveis, o povo perderá sua identidade e sucumbirá. Foi o que aconteceu com o povo de Israel. Seus líderes se prevaricaram, e se venderam aos romanos. Nem a casta sacerdotal era confiável. Jesus a acusou de ter transformado o Templo em um “covil de salteadores”.

Como se não bastasse tudo isso, “o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola” (v.14). Os judeus rejeitaram a Cristo, e por isso, já não deveriam esperar nada do céu. O que havia vindo do céu para eles já não estava entre eles para os livrar. Um pergaminho só era enrolado quando já não havia nada para ler ou escrever. A história de Israel como o povo da aliança havia sido encerrada ali. Deus já não tinha nenhum propósito específico para aquele povo em especial. Caberia à Igreja dá prosseguimento à saga do verdadeiro Israel. Não aquele segundo a carne, mas aquele que é segundo a fé que teve Abraão (Gl.3:7,28-29; 6:16; Rm.2:28).

Além disso tudo, é dito que “todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares. Os reis da terra, os grandes, os chefes militares, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes, e diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro.” Quando a desordem é instaurada, o status quo é ameaçado. As ideologias acabam servindo de abrigo e esconderijo para proteger os interesses de algumas classes. Se o Monte do Senhor aponta para a base da Igreja de Deus, que é a revelação de Deus em Cristo, os montes que são removidos dos lugares representam as ideologias sobre as quais as sociedades estão construídas. Todas elas serão abaladas. E as cavernas

nesses montes, onde os homens se escondem são a suas posições sociais, que procuram manter a qualquer custo.

Uma passagem que encontra paralelo com esta é a encontrada em Isaías 2. Ali é dito que “nos últimos dias se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se engrandecerá por cima dos outeiros; concorrerão a ele todas as nações (...) Vai, entra nas rochas, esconde-te no pó, de diante da presença espantosa do Senhor e da glória da sua majestade. Os olhos do homem arrogante serão abatidos, e o orgulho dos homens será humilhado; só o Senhor será exaltado naquele dia. O dia do Senhor dos Exércitos será contra todo soberbo e altivo, e contra todo o que se exalta, para que seja abatido (...) contra todos os montes altos, e contra todos os outeiros elevados (...) Os homens se meterão nas cavernas das rochas, e nas covas da terra, por causa da presença espantosa do Senhor, e por causa do esplendor da sua majestade, quando ele se levantar para sacudir a terra (...) Parai de confiar no homem, cujo fôlego está no seu nariz. Em que se deve ele estimar?” (Is.2:2,10-12,14,19,22).

Enquanto o Monte do Senhor se firma, os montes sobre os quais a humanidade está estabelecida são abalados e removidos do seu lugar. As ideologias ruem, e os homens não encontram outra alternativa senão buscar refúgio em suas posições sociais. Os montes sobre os quais os homens se alojam simbolizam toda altivez e sofisma elaborados para proteger o seu status quo.

Um dos principais motivos que levaram os sacerdotes a conspirarem contra Jesus para tirar-Lhe a vida, era que Ele constituía uma ameaça ao seu status quo. João nos descortina a cena em que tramaram a morte do Senhor:

“Então os principais sacerdotes e os fariseus convocaram uma reunião do Sinédrio, e disseram: Que faremos? Este homem realiza muitos sinais miraculosos. Se o deixarmos prosseguir assim, todos crerão nele, e virão os romanos e tomarão o nosso lugar e a própria nação.” João 11:47-48.

Em outras palavras: - Se este tal Jesus continuar como está, daqui a pouco nós vamos perder as mordomias que o império romano nos concede. Por isso, a presença de Jesus incomodava tanto aquela casta. Algo tinha de ser feito.

Eles pensavam que entregando Jesus às autoridades romanas, estariam comprovando sua lealdade a César. Quando Pilatos viu que as acusações contra Cristo eram infundadas, procurou soltá-lo, mas os judeus insistentemente gritavam: “Se soltares a este, não és amigo de César. Qualquer que se faz rei se opõe a César.” Pilatos ainda tentou convencê-los: “Hei de crucificar o vosso Rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César” (Jo.19:12,15). Tal atitude não comprovava sua fidelidade a César, mas assegurava sua posição confortável diante do império romano.

Entre Jesus e Barrabás, preferiram conceder liberdade ao segundo, e crucificar o primeiro. E isto, porque Barrabás era somente um ladrão, que ameaçava apenas suas propriedades. Já Jesus constituía uma ameaça muito maior, pois colocava em risco a posição deles. Entre um e outro, era preferível ver Barrabás solto, e Jesus crucificado. Além do mais, para aqueles religiosos soberbos, ter um monstro como Barrabás a solta, fazia com que o povo os olhasse como verdadeiros santos. Ter alguém como ele por perto os fazia sentir-se bem consigo mesmos. A monstruosidade de um fazia sobressair a “justiça” dos outros. Enquanto que, ter Jesus por perto os fazia sentir o quão maus eram aos olhos de Deus.

Enquanto Jesus percorria a via crucis, avistou algumas mulheres que choravam, e lhes disse: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, choraí antes por vós mesmas, e por vossos filhos. Pois virão dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram! Então dirão aos montes: Caí sobre nós, e os outeiros: Cobri-nos” (Lc.23:28-30).

Nesta passagem fica comprovado que o que é profetizado em Apocalipse acerca do selos, e aqui em particular do sexto selo, cumpriu-se ainda naquela geração que foi responsável pela crucificação de Cristo.

É bom deixar claro que, embora creiamos que tais profecias cumpriram-se ainda no primeiro século, elas nos servem de alerta, porque Cristo continua reinando e julgando as nações com o mesmo rigor com que julgou Israel.

Enquanto a nossa civilização não der uma guinada de 180°, voltando-se para o seu Criador, as suas estruturas continuarão a ruir debaixo do peso do Cetro de Cristo.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Os 144 Mil e a Grande Tribulação

“No mundo tereis aflições. Mas tende bom ânimo! Eu venci o mundo.”
João 16:33b.

Após a abertura do sexto selo, em que um grandioso colapso de dimensões cósmicas prenuncia os juízos de Deus sobre a terra rebelde (6:12-17), João recebe uma nova visão: Quatro anjos que estavam nos quatro cantos da terra, retinham os ventos, para que não soprassem naquele momento. Enquanto os ventos são contidos, outro anjo emerge do lado do sol nascente, trazendo consigo o selo do Deus vivo. Este anjo ordena aos outros que não danificassem a terra e o mar até que os servos de Deus fossem selados em suas testas. Segundo o relato do vidente João, os que foram selados contavam 144.000 de todas as tribos de Israel. De cada uma das doze tribos, doze mil eram selados. Essa imensa multidão representa a totalidade dos santos do povo da Antiga Aliança. Neste texto, confirma-se o que profetizou Isaías: “Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo” (Rm.9:27; Is.10:22). E este “Remanescente” é segundo “a eleição da graça” (Rm.11:5). Ninguém é salvo meramente por ser judeu. Somente os que foram eleitos para a salvação serão salvos, a despeito de sua nacionalidade.

“Depois destas coisas” prossegue João, “olhei e vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de TODAS AS NAÇÕES, tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono e perante o Cordeiro, trajando

compridas vestes brancas, e com palmas nas mãos” (Ap.7:9). Agora o leque se abre, e João consegue vê a totalidade dos santos, tanto os dentre Israel, quanto os dentre os gentios. A estes também são dadas vestes brancas que representam a justificação mediante o sacrifício de Cordeiro de Deus.

Perguntado acerca da identidade e da proveniência daquela gente, João preferiu não arriscar qualquer palpite, e disse ao que lhe perguntava: - Senhor, tu o sabes. Pelo que o ancião lhe respondeu:

“Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono estenderá o seu tabernáculo sobre eles. Nunca mais terão fome; nunca mais terão sede. Nem sol nem calor algum cairá sobre eles. Pois o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e os conduzirá às fontes das águas da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima.” Apocalipse 7:14-17.

Esta “Grande Tribulação” é a mesma sobre a qual Jesus fala em Seu sermão profético. Ali, Ele diz que haveria então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até aquele momento, nem haverá jamais (Mt.24:21). Eis uma das razões porque não cremos em uma grande tribulação futura. Cremos piamente que a Grande Tribulação se deu nos primórdios da era cristã, e consistiu na implacável perseguição promovida pela Roma Imperial, instigada, inicialmente, pelos judeus incrédulos.

Daniel profetiza acerca desta perseguição, quando diz que o quarto grande império (Roma) “fazia guerra contra os santos, e os vencia, até que veio o Ancião de Dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo, e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino (...) Proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e as leis. Eles serão entregues nas suas mãos por um tempo, e tempos, e metade de um tempo. Mas o tribunal se assentará em juízo, e lhe tirará o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até o fim. O reino e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao

povo dos santos do Altíssimo. O seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão” (Dn.7:21-22,25-27).

Por que Deus permitiu que os santos primitivos fossem vencidos pela perseguição do Império Romano, e dos judeus? Porque desta forma, tanto Jerusalém, que é representada no Apocalipse como a Grande Babilônia, quanto Roma seriam julgadas pelos mesmos santos que nelas e por elas haviam sido martirizados. Os cristãos primitivos sabiam disso perfeitamente. Eles se lembravam das célebres palavras de Cristo: “Na vossa perseverança ganhareis as vossas almas” (Lc.21:19).

Foi o próprio Deus quem permitiu que o Império Romano fizesse guerra aos santos, e os vencesse. Por isso, os cristãos se dispunham a sofrer pelo testemunho de Jesus. Afinal, “se alguém deve ir para o cativeiro, para o cativeiro irá. Se alguém deve ser morto à espada, necessário é que à espada seja morto. Nisto repousa a perseverança e a fidelidade dos santos” (Ver Ap.13:7-10).

E o resultado desta perseverança foi o juízo de Deus sobre Jerusalém, a Cidade Infiel. “Caiu, caiu a grande Babilônia (...) A fumaça do seu tormento sobre para todo o sempre (...) Aqui está a perseverança dos santos, daqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. Então ouvi uma voz do céu, que dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que DESDE AGORA MORREM NO SENHOR. Sim, diz o Espírito, descansarão dos seus trabalhos, pois as suas obras os acompanharão” (14:8b,11a,12-13). Por que razão os que morressem a partir da queda de Jerusalém seriam bem-aventurados? Porque agora, tendo caído a Jerusalém terrestre e o seu soberbo templo, os portões da Nova Jerusalém estavam plenamente abertos, e o caminho do Santo dos santos inteiramente descoberto (Ver Hebreus 9:8-9). A partir de então, os santos de todas as eras estariam reunidos diante do trono para todo o sempre, reinando com Cristo, e exercendo com Ele o juízo sobre as nações.

É precisamente sobre esta “reunião” que Paulo fala em sua segunda carta aos Tessalonicenses (2:1). Quando Cristo veio em Juízo sobre Jerusalém,

os santos na glória foram reunidos, e o que a Igreja na terra “ligou” já havia sido ligado no céu. Tal reunião (grego: episynagoge) só se daria quando o número dos mártires fosse completado, e a medida do pecado daquele povo fosse alcançada. Por isso, os crentes primitivos se regozijavam na perseguição. Para Paulo, tal gozo nada mais era do que a “prova clara do justo juízo de Deus, e como resultado sereis havidos por dignos do reino de Deus, pelo qual também padeceis. Deus é justo: Ele dará em paga tribulação aos que vos atribulam (os judeus), e a vós que sois atribulados, alívio conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo. Ele tomará vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Eles por castigo padecerão eterna perdição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos, e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porque o nosso testemunho foi crido entre vós)” (2 Ts.1:5-10).

Paulo não se refere à Segunda Vinda de Cristo. Ele está falando do Juízo de Deus sobre Jerusalém. Eram os judeus que atribulavam os crentes Tessalonicenses (ver At.17 e 1 Ts.2:14-16). O castigo que eles receberam não foi apenas a queda de Jerusalém, mas também o fato de serem rejeitados como povo de Deus, sendo espalhados mais uma vez por todo o mundo (Amós 8:2; 9:8). Aqueles foram dias de vingança da parte de Deus para com o Israel apóstata (Lc.21:22).

A Coroa que hoje está sobre a cabeça da Igreja, um dia esteve sobre Israel. Cabia àquela nação ser o instrumento da Justiça de Deus sobre os demais povos da Terra. Mas Israel caiu em contradição. Aquilo que condenava nas demais nações, Israel começou a praticar. Por isso, tornou-se a grande prostituta. Paulo aborda isso em Romanos 2: “tu, ó homem, que julgas os que fazem tais coisas, pensas que, fazendo-as tu, escaparás ao juízo de Deus? (...) Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus (...) Mas tu que tens por sobrenome Judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo

instruído na lei; e confias que és guia de cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre das crianças, que tens a forma da ciência e da verdade na lei; tu, pois, que ensinas a outro, e não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, roubas os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa de vós” (Rm.2:3,5,17-24).

Jeremias, antevendo a queda definitiva de Jerusalém, profetizou: “Como jaz solitária a cidade outrora tão populosa! Tornou-se como viúva, a que foi grande entre as nações! A princesa entre as províncias tornou-se escrava (ver Gl.4:25). Amargamente chora de noite, e as suas lágrimas lhe correm pelas faces. Não há ninguém que a console entre todos os seus amantes (...) Jerusalém gravemente pecou, por isso se fez imunda (...) Rejeitou o Senhor o seu altar, e abandonou o seu santuário (...) Mas isso aconteceu por causa dos pecados dos profetas, e das maldades dos seus sacerdotes, que derramaram o sangue dos justos no meio dela (...) Estava chegando o nosso fim, estavam cumpridos os nossos dias, pois era chegada o nosso fim (...) CAIU A COROA DA NOSSA CABEÇA. Ai de nós, pois pecamos” (Lam.1:1-2a,8; 2:7; 4:13,18; 5:16).

Por quê caiu a Coroa da cabeça de Israel? Porque seu povo rejeitou a justiça que vinha do céu (Rm.10:3). Pregavam uma coisa, e viviam outra. Como poderiam as nações viverem à luz de uma nação impenitente? Jerusalém se prostituiu com os reis da terra, e assimilou suas abominações, seus costumes, e seus pecados. Como Jesus havia predito, o Reino foi tirado de Israel, e entregue a um novo povo: a Igreja (Mt.21:43) E cabe a esta nova Nação Santa exercer juízo sobre a terra, e discipular todas as nações.

Agora, afirma a profecia, “os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para sempre. E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus trono diante de Deus (simbolizando

a totalidade dos santos de todas as eras) prostraram-se sobre seus rostos, e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, porque tomaste o teu grande poder, e reinaste. Iraram-se as nações; então veio a tua ira, e o tempo de serem julgados os mortos, e o tempo de dares recompensa aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra. abriu-se no céu o templo de deus, e a arca de sua aliança foi vista no seu santuário...” (11:15b-19a).

Que recompensa os mártires receberam? A mesma que todos os que temem o nome do Senhor recebem! O caminho do Santo dos santos foi inteiramente descoberto a eles, “abriu-se no céu o templo”, e lhes foram dadas coroas e tronos sobre os quais hão de reinar por todas as eras por meio de Cristo Jesus.

João testifica em sua visão:

“Vi também tronos, e aos que se assentaram sobre eles foi-lhes dado o poder de julgar. E vi as almas daqueles que foram degolados por causa do testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta (o imperador romano), nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem nas mãos. Reviveram, e reinaram com Cristo durante mil anos (...). Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição (a ressurreição espiritual de que participamos em Cristo) . Sobre estes não tem poder a segunda morte, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante mil anos.” Apocalipse 20:4,6.

Quando o Cetro de Cristo foi arremessado contra Israel, os santos de todas as eras foram reunidos, e agora, por meio de Cristo, estão reinando para sempre. Os “mil anos” no texto acima, representam um tempo indefinido e longo, e não deve ser entendido literalmente. Tanto nós, que vivemos no início do Terceiro Milênio, quanto aqueles que viveram antes mesmo do primeiro advento de Cristo, formamos uma única assembléia. Afinal, cumpriu-se a predição de Jesus, de que muitos viriam “do Oriente e do Ocidente” e se sentariam à mesa “com Abraão, Isaque e Jacó, no reino

dos céus. Mas os filhos do reino (judeus) serão lançados fora”(Mt.8:11-12a). O cumprimento de tal predição parece ecoar na afirmação do escritor de Hebreus de que já temos chegado “à cidade do Deus vivo, à Jerusalém Celestial, e aos muitos milhares de anjos, à UNIVERSAL ASSEMBLÉIA e igreja dos primogênitos inscritos nos céus (...) aos espíritos dos JUSTOS APERFEIÇOADOS” (Hb.12:22-23). Santos de todas as eras tornaram-se um só espírito com o Senhor, e receberam “o reino e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu” (Dn.7:27). Os santos já podem regozijar-se. Os mártires foram vindicados, os sistemas deste mundo foram julgados, e sentenciados. Sua voz ainda ecoa nas regiões celestiais: “Justo és tu, Senhor, que és e que eras, o Santo, porque julgaste estas coisas; porquanto derramaram o sangue de santos e de profetas, também tu lhes deste sangue a beber; são merecedores disto” (Ap.16:5-6). “Exulta sobre ela, ó céu! E vós, santos e apóstolos e profetas! Deus contra ela vindicou a vossa causa” (18:20).

O Efeito Dominó e os Mártires de hoje

A queda de Jerusalém é o prenúncio do desmoronamento dos sistemas deste mundo. Podemos comparar tal fato ao chamado efeito dominó. Uma vez tendo sido desencadeado, não há como impedir que seja concluído, até que caia a última peça.

Jerusalém é o arquétipo dos reinos do mundo. O mesmo Cetro que a derrubou, e que mais tarde fez desmoronar o Império Romano, está em ação hoje. Foi ele quem reduziu a escombros o Muro de Berlim, e com ele, o Comunismo no Leste Europeu. Foi também ele quem derrubou o apartheid na África do Sul, e ainda por cima, fez de Nelson Mandela, de um negro perseguido, o presidente daquele país.

Cada sistema injusto implantado na Terra produz seus próprios mártires. E é ao clamor destes mártires, e daqueles que sofrem sob o peso destes sistemas, que Deus está atento. Às vezes o Juízo parece tardar, mas certamente, ele não será adiado. Sempre que a medida de pecados de uma nação excede, o Juiz de toda a Terra vem em Juízo contra ela.

Foi o clamor dos hebreus escravos no Egito que deflagrou a série de Juízos divinos sobre a Terra de Faraó (Êx.2:23; 3:9). Deus está atento ao clamor daqueles que sofrem injustiças sociais por parte dos que detém o poder econômico e político (Tg.5:4). “Chegar-me-ei a vós para juízo” promete o Senhor, “e serei uma testemunha veloz contra os feiticeiros e contra os adúlteros, e contra os que juram falsamente, e contra os que defraudam o trabalhador, e pervertem o direito da viúva, e do órfão, e do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos” (Ml. 3:5).

Um mártir não é necessariamente alguém que foi morto por uma causa. A palavra “mártir” significa “testemunha”. Olhando por este prisma, podemos afirmar que nossas ruas estão cheias de mártires; adultos e crianças cuja condição dá testemunho diante de Deus acerca das injustiças praticadas em nossa sociedade.

Não há julgamento sem que haja testemunhas! Não basta um Juiz, um advogado de acusação e um de defesa, um júri e um réu. Se não houver testemunhas, o tribunal não será armado. A própria sociedade provê os mártires (testemunhas) que deporão contra ela no tribunal divino. Em um certo sentido, podemos afirmar que cada mendigo é um mártir, uma testemunha contra nossa sociedade no Tribunal de Deus. Cada desempregado, cada prostituta, cada excluído, cada aborto, depõe contra nossa sociedade diante do Juiz de toda a Terra, ainda que inconscientemente.

Muitas vezes, seu testemunho é silencioso. Porém, às vezes, parece gritar aos nossos ouvidos. Nossa sociedade, cínica que é, parece surda aos gritos dessa gente que vive às suas margens. Somente o Filho de Davi para ter misericórdia dos que estão cegos à margem do caminho. A exemplo do que aconteceu a Bartimeu, cabe à igreja de Cristo conduzir os marginalizados e excluídos à presença do Rei dos reis, em vez de tentar calar o seu clamor.

Compete ainda, a cada geração de cristãos prestar testemunho perante Deus, acerca dos pecados cometidos em sua própria geração. Infelizmente, nunca os cristãos foram tão apáticos e omissos como agora. Cada qual está

preocupado com os seus próprios problemas, e ocupado demais em seu mundinho particular. As igrejas se transformaram em verdadeiros guetos, e os seus membros, de tão alienados que estão, não conseguem ouvir o clamor do que estão à sua volta.

A igreja deste novo século precisa redescobrir a oração. Não estou falando daquela oração que tem como pretensão mudar a idéia de Deus (!). Não! Falo da oração através da qual nos tornamos cúmplices do Trono, tanto dos seus juízos, quanto de sua misericórdia. Orar é depor contra tudo o que não coaduna com a vontade dAquele que Se assenta no trono. Ralph Herring acertou em cheio quando disse que “a oração é uma reunião de cúpula na sala do trono do universo.” Quando oramos, estamos em reunião com o Todo-poderoso, conspirando contra tudo que não se ajusta à sua boa, perfeita e agradável vontade. Por isso mesmo, concordamos a uma só voz com Karl Barth, ao afirmar que “juntar as mãos em oração é o início de um levante contra a desordem do mundo.”

O Sétimo Selo: O Incensário de Ouro

“Não temos a liberdade de clamar a Deus para que siga as sugestões de nossa mente e vontade, mas precisamos busca-lo somente da maneira como ele nos convidou a nos aproximarmos dele.” João Calvino (Reformador de Genebra)

“Quando ele abriu o sétimo selo” narra João, “fez-se silêncio no céu por cerca de meia hora” (8:1). Pode-se imaginar a apreensão de João e de todos quantos assistiam àquela cena. Depois de tanto barulho, de tantos sons, finalmente, um silêncio absoluto. É difícil conceber o céu como um lugar silencioso. Como se não bastasse o canto incessante dos anjos (santo, santo, santo...), há também as constantes orações que chegam ao Trono da Graça a cada momento. Então, que silêncio seria esse? Havia no ar um misto de expectativa, reverência e apreensão. Todos pareciam apreensivos diante do que se sucederia, inclusive João. De uma coisa todos pareciam ter ciência: algo muito importante estava pra acontecer a qualquer instante.

Esse período de “meia hora” aponta para os dias em que os discípulos estiveram reunidos em Jerusalém à espera do cumprimento da Promessa do Pai. O resultado desta espera é apresentado no verso 5, onde é dito que o “anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o lançou sobre a terra”. Ora, a expressão “fogo do altar” é uma figura do próprio Espírito Santo. Quando o Espírito desceu em Pentecostes, todos os que estavam no cenáculo “viram línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles” (At.2:3).

De repente, João vê sete anjos portando uma trombeta cada um. Dentro da cultura judaica, a trombeta era um instrumento usado para chamar a atenção das pessoas a algum anúncio que seria dado. Portanto, a missão daqueles anjos era anunciar os acontecimentos que se sucederiam.

Porém, aqueles anjos pareciam esperar por algum sinal. Eles não poderiam tocar suas trombetas de forma aleatória. Cada trombeta, ao ser tocada, anunciaria uma manifestação do juízo de Deus sobre Jerusalém.

E o que é que eles estavam esperando?

Do verso 3 ao 5 lemos que “outro anjo”, “pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro. Foi-lhe dado muito incenso, para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono. E da mão do anjo subiu diante de Deus a fumaça do incenso com as orações dos santos. Então o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o lançou sobre a terra; e houve trovões, vozes, relâmpagos e terremotos.”

Os anjos só poderiam tocar suas trombetas quando os juízos de Deus estivessem prontos para ser executados.

Lembre-se que agora os santos receberam o juízo, e que cabe a eles executá-lo sobre a terra. E de quê maneira? Através das suas orações.

É pela oração que nos tornamos cúmplices de Deus na execução dos Seus propósitos.

Foi Deus, em Sua soberania, que estabeleceu este ciclo. Os juízos já estão lavrados, porém, antes que sejam executados, os santos precisam encher seus incensários de oração.

Quando o incensário estava cheio, o anjo ainda o encheu com o fogo proveniente do próprio altar de Deus.

Isso nos faz lembrar de um episódio envolvendo dois personagens veterotestamentários: Nadabe e Abiú, filhos de Arão. Esses, em vez de oferecer ao Senhor incenso com o fogo que havia no altar, aceso pelo próprio Deus na inauguração do Tabernáculo, preferiram oferecer um fogo estranho, e por isso mesmo, foram fulminados por Deus (Lv.10:1-2). Deus não precisa de fogo novo, mas apenas de lenha para manter aceso o fogo que Ele mesmo acendeu. Nós somos a lenha, e a nossa fé é o combustível que mantém acesa a chama que o Espírito acendeu em nós. Por isso Paulo nos exorta a não extinguirmos o Espírito em nós. Devemos ser como aquela sarça ardente, que queimava mas não se consumia.

Deus não precisa de conselhos, de idéias novas, de orientação, e nem tampouco busca sugestão de quem quer que seja. Ele já sabe, desde o início, o que vai fazer. Seus pensamentos não são os nossos pensamentos, nem Seus caminhos são os nossos caminhos. O que Ele deseja é usar nossos lábios para expressar o que está em Sua mente. Por isso, o Espírito nos acessa à Mente de Cristo (1 Co.2:16), para que nossa oração expresse o que está no coração de Deus.

Enquanto não se sabe a vontade de Deus, é melhor silenciar-se, e esperar que o Espírito Santo no-la revele.

Por que os discípulos passaram dez dias trancados no Cenáculo esperando pela Promessa do Pai? Porque Jesus os havia advertido que seria o Espírito Santo Quem os conduziria a toda verdade (Jo.16:13). Eles não poderiam tomar qualquer iniciativa, sem que antes o Espírito viesse, e os conectasse à Mente de Cristo, revelando-lhes, assim, os propósitos de Deus.

A oração não é iniciativa nossa, mas de Deus. É Ele que, pelo Seu Espírito, nos revela os que está em Seus planos. Nós mesmos não sabemos orar como convém, mas é o Espírito quem nos assiste em nossa fraqueza, revelando-nos o que nossos olhos não viram, nem nossos ouvidos ouviram, e que sequer chegou ao nosso coração, mas que Deus já predeterminou para a Sua glória (Leia Rm.8:26-27; 1 Co.2:9-10). Não existe “caixinha de sugestões” no céu! Tentar instruir a Deus através da oração, é oferecer-Lhe fogo estranho. Ele jamais aceitará tal incenso. Afinal de contas, “quem conheceu a mente do Senhor, para que o possa instruir?”(1 Co.2:16). Em vez disso, temos que nos submeter à vontade soberana de Deus que nos é revelada pelo Seu Espírito e pela Sua Palavra, e desta maneira, nossas orações serão misturadas ao fogo proveniente do Seu Altar, ativando, assim, a execução dos Seus propósitos. Como disse certa vez Hudson Taylor: “Deus está procurando pavios para queimar. O óleo e o fogo são gratuitos.” [4]

Quando as orações dos santos foram misturadas com o fogo do altar, ouviram-se trovões, vozes, relâmpagos e terremotos. Tudo isso era apenas o prenúncio do juízo iminente. “Então” prossegue João, “os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar” (v.6). A partir daí, usando toda uma linguagem figurativa, bem familiar aos judeus, o apóstolo vidente nos apresenta uma série de acontecimentos que deveria sobrevir a Jerusalém antes de sua queda no ano 70 d.C.

Em uma próxima oportunidade estaremos examinando melhor os juízos anunciados pelas sete trombetas. Por enquanto, basta-nos entender que a Igreja de Cristo foi levantada para ser a coadjuvante de Deus na execução dos Seus propósitos na Terra. Precisamos sair da inércia, e reocupar nosso lugar na história. Os céus esperam pelo incenso produzido pelo Espírito em nós, e não há mais tempo a perder. Não podemos permitir que haja silêncio no céu por muito tempo. A maior parte das igrejas não sabe que Deus governa o mundo por meio das orações dos santos. Que nossos ouvidos estejam atentos à voz de Cristo que ainda ecoa nas páginas das Escrituras e no coração dos que crêem:

“Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que os faça esperar? Digo-vos que depressa lhes fará justiça.” Lucas 18:7-8a.

Afinal, Deus ainda está no trono, nós ainda estamos a seus pés, e entre nós há apenas a distância de um joelho.

Se os cristãos de hoje soubessem do poder que há na oração de um justo, eles não mais perderiam tempo com questionamentos tolos e atividades improdutivas. O timão que dirige o navio da História está nas mãos dos que oram.

Foi um homem de oração que impediu que a Inglaterra sofresse uma revolução igual a que ocorreu na França no século XVIII.[5]

A oração nos coloca em sintonia com as ondas emitidas pelo Trono da Graça de Deus. Quando paramos de orar, ficamos no escuro, no sentido de que desconhecemos as intenções de Deus, e ignorarmos os Seus comandos.

Deveríamos atentar para o que lemos em 1 Timóteo 2:1-2:

“Exorto, pois, antes de tudo, que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens, pelos reis, e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranqüila e sossegada, em toda piedade e honestidade.”

Parece até que podemos ouvir o apóstolo Paulo alterando o seu tom de voz, para tornar enfática a sua exortação. Se quisermos ter uma vida sossegada, tranqüila, precisamos gastar mais tempo diante do Trono, intercedendo por aquele em quem Deus tem investido autoridade. Não se trata aqui de algo banal, ou de importância secundária. Paulo tratou disso como uma prioridade para o povo de Deus. “Antes de tudo”, treveja Paulo. Quem é que cumpre à risca esse mandamento hoje em dia? Quem é que está preocupado em orar pelos governantes de nossa pátria? Poucos são os que se entregam a tão honrosa atividade. É mais fácil criticar, caluniar, difamar, do que simplesmente orar.

É claro que, no exercício de nossa cidadania, temos o direito de criticar, discordar, e até protestar contra alguma arbitrariedade, ou injustiça praticada por nossos governantes. Porém, precisamos exercer também a nossa cidadania celestial, orando por eles, para que Deus lhes conceda a sabedoria necessária para cumprir a contento o seu mandato.

Convém lembrar que as autoridades constituídas, quer sejam crentes ou não, são ministros de Deus (Rm.13:1-7). É Deus quem as constitui, como também é Ele quem as depõe.

Devemos orar para que homens tementes a Deus sejam elevados à posição de destaque dentro do cenário político brasileiro. Precisamos ter gente comprometida com o Reino de Deus ocupando lugares não apenas no poder executivo, mas também no legislativo e no judiciário.

Que Deus levante homens e mulheres como José, Daniel, Moisés, Ester, Débora, Gideão, e tantos outros, para conduzir nosso país a um tempo de paz, prosperidade e desenvolvimento.

Não podemos deixar de orar também pelas autoridades médicas e científicas; sobretudo, por aqueles que estão envolvidos em pesquisas de novos remédios para o combate ao câncer, a Aids e a outras pestes que assolam a humanidade. Muitas das novas descobertas científicas surgem por insight. Depois de anos de pesquisa, de repente, alguém tem uma idéia genial, e resolve fazer experimentos em laboratório, até concluir que aquele insight era o que faltava. Estou certo de que é o próprio Deus, que pela Sua graça comum, assopra aos ouvidos dos cientistas, para que encontrem as respostas que buscam.

Oremos também pelas autoridades militares que velam pela manutenção da paz, e pela soberania do estado brasileiro.

Oremos por aqueles que tem nas mãos o que hoje é chamado de “o quarto poder”: a mídia. Os donos de canais de televisão, de revistas, jornais, sites, como também os jornalistas, os apresentadores de TV, os radialistas, os

escritores seculares, os autores de filmes e novelas, os formadores de opinião em geral, devem figurar na pauta de nossas orações.

E por fim, jamais deixemos de rogar a Deus em favor das autoridades eclesiásticas. Cada pastor, bispo, sacerdote, deve ser alvo de nossas constantes orações. Mesmo que discordemos de alguns deles em sua doutrina, ou na ênfase de seus ministérios, não temos o direito de agirmos com negligência, deixando de orar para que Deus os ilumine o entendimento, e lhes conduza pelas veredas da justiça e da verdade (Col.4:3).

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Notas:

[1] Discordamos daqueles que afirmam que a Grande Prostituta do Apocalipse seria Roma, ou que seria literalmente a Babilônia dos tempos bíblicos que ressurgiria nos últimos tempos. Basta comparar os textos de Ap.16:19, onde a Babilônia é chamada de “a Grande Cidade” e de Ap.11:8, onde se diz claramente que a “a Grande Cidade” é o lugar onde Cristo fora crucificado.

[2] Ibid., p.264.

[3] Oração - O refúgio da alma, p.271

[4] Pérolas para a Vida, p.354.

[5] João Wesley, fundador do Metodismo. Os historiadores concordam com esta afirmação.

O Novo Israel

“Depois destas coisas olhei, e vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, que estavam em pé diante do trono e perante o Cordeiro...” Apocalipse 7:9^a

“Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será entregue a um povo que produza os seus frutos.” Jesus, o Cristo em Mateus 21:43.

Se quisermos entender melhor o livro do Apocalipse, precisaremos compreender de forma mais ampla as questões que envolvem a Antiga e a Nova Aliança, e os seus respectivos povos. Nesta terceira parte de nosso estudo expositivo do Apocalipse, teremos de abrir um parêntese que nos preencherá vários capítulos, para então retornarmos ao livro das Revelações. Neste parêntese, faremos algumas importantes considerações e incursões pelas narrativas bíblicas, buscando desvendar os motivos divinos por trás da rejeição de Israel, e da admissão de todas as nações no propósito redentivo de Deus.

Quando Deus chamou a Abraão, prometeu fazer dele uma grande nação. E o fez. Abraão tornou-se a raiz de uma frondosa árvore chamada Israel. Mas a promessa de Deus não parava aí. O “Farei de ti uma grande nação” era tão-somente a primeira cláusula do contrato que Deus fazia com o patriarca (Gn.12:2). A última cláusula rezava: “Em ti serão benditas todas

as nações da terra” (v.3). Foi justamente esta cláusula que os judeus ignoraram. Achavam-se os detentores das Bênçãos Abraâmicas, e não se dispunham a abrir mão desse monopólio. Eles não haviam entendido que o propósito de Deus não era fazer deles uma cisterna, e sim um canal de bênçãos para todas as nações.

O judaísmo encontrado por Jesus não era o mesmo iniciado por Moisés. A cadeira que o grande legislador deixou vaga, estava então ocupada pelos escribas e fariseus, que de acordo com a denúncia feita por Jesus, ensinavam uma coisa e viviam outra; e o pior de tudo é que eles fechavam o reino dos céus aos homens. “Vós mesmos não entrais”, ressaltou Jesus, “nem deixais entrar aos que estão entrando” (Mt.23:2-3, 13). Foram eles, que segundo Paulo, “mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas, e a nós nos perseguiram. Eles não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens, e nos impedem de falar aos gentios para que eles sejam salvos” (1 Ts.2:15-16a). Era esse o retrato do judaísmo apóstata que Jesus e Seus apóstolos enfrentaram em Seus dias. Ele tornara-se uma aberração. No lugar da Lei, o Talmude, com os seus acréscimos e as suas interpretações equivocadas dos textos sagrados. No lugar dos Profetas, a Cabala com o seu misticismo e suas superstições.

Até mesmo a adoração daquele povo fora questionada por Jesus. Citando Isaías, Ele disse que aquele povo em vão O adorava, pois ensinava doutrinas que eram preceitos de homens (Mc.7:7). “Jeitosamente rejeitais o mandamento de Deus para guardardes a vossa própria tradição (...) Invalidais, assim a palavra de Deus pela vossa própria tradição” (vs.9, 14a), ressaltou o Mestre.

Jesus veio decepar aqueles ramos, e enxertar novos ramos na Oliveira Abraâmica (Rm.11:17-18). A partir daí, configurou-se um Novo Israel. A raiz continua a mesma (Abraão), os ramos é que são outros. Em vez dos ramos naturais (os judeus), o Novo Israel agora possui ramos enxertados pela fé. “Nem todos os que são de Israel são israelitas”, afirma Paulo (Rm.9:6b). “Não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os

filhos da promessa são contados como descendência de Abraão”(v.8). E mais: “Os da fé é que são filhos de Abraão” (Gl.3:7). E ainda: “Se sois de Cristo, então sois descendentes de Abraão, e herdeiros conforme a promessa” (v.29). Logo, somos nós, os crentes em Jesus, os verdadeiros filhos de Abraão, e não aqueles em cujas veias corre o seu sangue.

De quê somos herdeiros? Da herança de Abraão. E quê herança é essa? Afinal, que promessa Deus fez ao patriarca? “A promessa de que havia de ser herdeiro do mundo” (Rm.4:13). Não foi em vão que Deus acrescentou uma letra ao seu nome. Abrão, pai de uma nação, passou a ser “Abraão”, pai de uma multidão de nações (G.17:5).

Observe bem o que Paulo diz:

“Ora, as promessas foram feitas a Abraão e a seu descendente. A Escritura não diz: E a seus descendentes, como falando de muitos, mas como de um só: E a teu descendente, que é Cristo.” Gálatas 3:16.

Todas as promessas feitas a Abraão tinham um endereço certo: Jesus, o Cristo. Ele é o Herdeiro do mundo. O escritor de Hebreus afirma que o Pai O constituiu “Herdeiro de tudo” (Hb.1:2). Foi o próprio Pai Celestial que dirigiu-Se ao Seu Filho Amado, e disse-Lhe: “Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e os fins da terra por tua possessão” (Sl.2:8).

Na Antiga Aliança, Israel era a Herança do Senhor. Agora, na Nova Aliança, todas as nações foram entregues ao Filho de Deus como Sua Herança Eterna.

E não é só isso. “Se nós somos filhos, logo somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm.8:17a). Somos chamados de “bem-aventurados”, pois herdaremos a terra (Mt.5:5). “Ainda um pouco, e o ímpio não existirá”, declara Davi, “olharás para o seu lugar, e não aparecerá. Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância da paz (...) Aqueles que ele abençoa herdarão a terra, e aqueles que forem por ele amaldiçoados serão exterminados (...) Os justos herdarão a terra, e

habitarão nela para sempre” (Sl.37:10-11,22,29). Curiosamente, a teoria do arrebatamento secreto inverte tais promessas. De acordo com seus defensores, os justos que vão desaparecer, enquanto os ímpios assumem a terra (!)

Em vez disso, o que não falta na Bíblia são promessas de que os justos herdarão a Terra, enquanto os ímpios desaparecerão. Foi para isso que Deus levantou a Igreja, o Novo Israel. Assim como a antiga nação israelita, a Igreja tem à sua frente a Terra Prometida.

As sete nações cananéias que foram desapossadas por Israel representam a totalidade das nações da Terra que devem ser alcançadas e conquistadas pela Igreja de Cristo (At.13:19). Por isso Jesus comissionou os Seus discípulos para que disculpassem as nações (Mt.28:19). De acordo com a compreensão dada pelo Espírito a Paulo, a pregação de Jesus Cristo visa alcançar “a todas as nações para obediência da fé” (Rm.16:25-26).

Nossa esperança é que o Novo Israel não vai falhar no cumprimento de sua missão. E um dia, quando Cristo for o Desejado das Nações, Ele virá, e pessoalmente governará todas as nações. Enquanto não acontece o Seu segundo advento, Ele governa as nações através de Seu Corpo, a Igreja.

“Todas as nações serão abençoadas nele, e lhe chamarão bem-aventurado” (Sl.72: 17b). “Todos os confins da terra se lembrarão, e se converterão ao Senhor; todas as famílias das nações adorarão perante ele, pois o reino é do Senhor, e ele domina entre as nações” (Sl.22:27-28). “O Senhor Altíssimo é tremendo, é o grande rei sobre toda a terra. Ele nos submeteu os povos e pôs as nações debaixo dos nossos pés (...) Deus reina sobre as nações; Deus se assenta no seu santo trono. Os príncipes dos povos se reúnem como o povo do Deus de Abraão, pois os reis da terra pertencem a Deus” (Sl.47:2-3,8-9a). São promessas como estas que servem de combustível para a nossa fé!

O fracasso dos homens não põe em risco a execução do plano de Deus. Israel falhou, mas o propósito de Deus subsistirá. Aliás, Deus não tem

planos alternativos. A rejeição de Israel já estava prevista por Deus. Ao levantar um novo povo, Deus estava apenas dando início à fase B de Seu glorioso plano. Não há plano A e plano B. O que podemos admitir é que Deus tem um único plano, que agora está na fase B de sua execução.

Podemos considerar a Igreja a continuação do verdadeiro Israel. Os santos que viveram sob a Antiga Aliança e os que viveram, vivem ou viverão sob a Nova Aliança formam um só povo. Dizer que Deus possui ainda dois povos distintos na Terra, é, no mínimo, uma incoerência.

Escrevendo aos gentios, Paulo diz: “Portanto, lembrai-vos de que vós outrora éreis gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão, feita pelas mãos dos homens; que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa (...) Mas agora em Cristo Jesus, vós que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Pois ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um (...) Assim já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus” (Ef.2:11-12a, 13-14a, 19).

Ora, se Deus uniu gentios e judeus em uma só comunidade, quem somos nós para dividi-los novamente. Não há qualquer respaldo bíblico que sustente a idéia de que Deus tenha um plano específico para os judeus à parte da Igreja. Segundo o escritor sagrado, o povo da Antiga Aliança só estaria completo com a chegada do povo da Nova Aliança (Hb.11:40).

Em sua carta aos Gálatas, Paulo nos afiança: “Nem a circuncisão nem a incircuncisão significam coisa alguma; o que vale é a nova criação. Paz e misericórdia a todos os que seguem esta regra, ou seja, o Israel de Deus” (Gl.6:15-16). Portanto, fica evidente que o Israel de Deus é formado por todos os integrantes da Nova Criação, não importando a que nacionalidade pertençam. Quanto aos judeus que rejeitaram o Messias, e os que ainda O rejeitam, não podem ser considerados como verdadeiro Israel. Todas as promessas feitas por Deus a Israel, foram transferidas para a Igreja, que é a continuação daquele povo (Ver At.13:32-34, 38-39).

Quando Jesus anunciou que a verdade por Ele pregada era capaz de libertar os homens, os judeus se pronunciaram, dizendo: “Somos descendentes de Abraão, e jamais fomos escravos de ninguém. Como é que dizes que seremos livres?” (Jo.8:33). Jesus lhes respondeu: “Sei que sois descendentes de Abraão. Contudo procurais matar-me, porque a minha palavra não penetra em vós (...) Se fôsseis filhos de Abraão, praticaríeis as obras de Abraão” (vs. 37, 39b).

Em vez de filhos de Abraão, Jesus disse que eles eram filhos do diabo (v.44). Foi baseado nas afirmações do próprio Cristo, que Paulo ousou dizer que “não é judeu o que o é exteriormente (...) Mas é judeu o que o é no interior” (Rm.2:28-29). Paulo chegou ao ponto de chamá-los de “falsa circuncisão”.^[1] Pois a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne” (Fp.3:2b-3).

Desde o momento em que os judeus rejeitaram a Justiça que vinha do alto, achando que poderiam estabelecer a sua própria justiça, perderam o direito de se intitular Israel. Em Apocalipse eles são chamados de “Sinagoga de Satanás”, pois “se dizem judeus e não o são, mas mentem” (Ap.3:9).

Diante de tais evidências escriturísticas, como alguns ainda insistem com a idéia equivocada de que Deus tem algum propósito em especial para com o Estado de Israel, ou para com aquela etnia?

Reconhecemos a nação israelita, como reconhecemos qualquer outra nação na face da Terra. Mas não compactuamos da idéia de que Deus tenha qualquer plano com aquele povo à parte das demais nações.

Jesus alertou os judeus: “Haverá choro e ranger de dentes quando virdes Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, no reino de Deus, e vós lançados fora. Virão do Oriente e do Ocidente, e do Norte e do Sul, e tomarão lugares à mesa no reino de Deus. Deveras, há últimos que virão a ser primeiros, e primeiros que serão últimos” (Lc.13:28-30). Pode até parecer

uma ironia do destino, mas o fato é que Israel, embora tenha sido a primeira nação a receber a revelação de Deus, será a última a ingressar no Reino. Todas as nações a precederão. Paulo diz que “o endurecimento veio em parte a Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. E assim todo o Israel será salvo” (Rm.11:25b-26a). Por enquanto, “neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça” (v.5). Entre os judeus segundo a carne, há verdadeiros descendentes de Abraão. E quem são eles? Os que reconhecem Jesus como o Messias prometido por Deus, e O recebem como seu Senhor e Salvador. Ninguém é salvo só por ser judeu. Essa estória de que judeu já nasce salvo é uma inverdade. Em seu discurso de despedida dos Efésios, Paulo diz: “Tenho declarado tanto aos judeus como aos gregos que devem se converter a Deus, arrepender-se e ter fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (At.20:21). Fora de Cristo não há a mínima possibilidade de salvação pra quem quer que seja, gentio ou judeu.

E quando será que Israel como um todo se converterá a Cristo? Quando todas as demais nações houver entrado no Reino de Deus. Devemos lembrar que “entrar no Reino” é o mesmo que “nascer de novo”, sendo transportado do Império das trevas para o Reino do Filho Amado de Deus (Jo.3:3,5; Col.1:13).

A admissão de nação israelita no Reino de Deus coincide com o tempo em que Deus há de ressuscitar os mortos para o Juízo. Paulo indaga: “Pois se a sua rejeição é a reconciliação do mundo, qual será a sua admissão, senão a vida dentre os mortos?” (Rm.11:15).

Dessa maneira, os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros. Cumpre-se o que profetizou Isaías:

“Fui buscado dos que não perguntavam por mim; fui achado daqueles que não me buscavam. A um povo que não invocava o meu nome eu disse: Eis-me aqui, eis-me aqui.” Isaías 65:1.

E que tal a profecia de Oséias, bem lembrada e citada por Paulo?

“Como diz em Oséias: Chamarei meu povo ao que não era meu povo; e amada à que não era amada. No lugar em que lhes foi dito: Vós não sois meu povo, aí serão chamados filhos do Deus vivo.” Romanos 9:25-26.

Lições para o Novo Israel

“Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós.” Rei Salomão em Eclesiastes 1:10.

“Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para educação na justiça.” Paulo a Timóteo em 2 Tm.3:16.

Se Deus já pretendia levantar a Igreja, qual a razão de Ele ter levantado primeiro Israel? Por que Ele permitiu que Israel se desviasse dos Seus caminhos, e assim, fosse reprovado como povo de Deus?

Não há só uma resposta para estas perguntas. Entretanto, queremos encontrar uma razão plausível que diga respeito diretamente à Igreja.

Já sabemos que a intenção de Deus sempre foi a de alcançar a todas as nações, enquanto que Israel preferia manter o monopólio da revelação. Mas esta não foi a única razão que fez com que Deus permitisse a queda daquele povo.

Observe atentamente o que Paulo diz sobre isso:

“Irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar. Todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar. Todos eles comeram da mesma comida espiritual, e beberam da mesma bebida espiritual; pois bebiam da pedra espiritual que os seguia, e a pedra era Cristo. Mas Deus não se agradou da maior parte deles, razão por que seus corpos foram espalhados pelo deserto. Ora, estas coisas aconteceram como exemplo, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais idólatras, como alguns deles; como

está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber, e levantou-se para folgar. Não nos prostituamos, como alguns deles fizeram, e caíram num só dia vinte e três mil. Não tentemos o Senhor, como alguns deles também tentaram, e foram mortos pelas serpentes. E não murmureis, como também alguns deles murmuraram, e pereceram pelo anjo destruidor. tudo isso lhes aconteceu como exemplos, e estas coisas estão escritas para aviso nosso, para quem são chegados os fins dos séculos.” 1 Coríntios 10:1-11.

Eis uma razão pedagógica para a queda daquele povo. A saga dos israelitas foi registrada como aviso de Deus para nós que vivemos sob a Nova Aliança. Devemos, portanto, observar seus erros e acertos, evitando assim, afastar-nos do centro da vontade de Deus.

De certa forma, podemos dizer que a história se repete. Basta observar os incríveis paralelos entre a história dos hebreus e a história da Igreja.

Nós, portanto, não temos o direito de repetirmos os mesmos erros que aquele povo cometeu. Eles não tinham em quem se espelhar, nós temos. Sem contar que, eles não eram habitados pelo Espírito Santo como nós.

O escritor diz que a eles também foram anunciadas as boas-novas assim como a nós, “mas a palavra que ouviram nada lhes aproveitou, visto não ser acompanhada pela fé, naqueles que a ouviram” (Hb.4:2). E que “ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência” (v.11b), alerta o escritor.

Escolha do homem versus Escolha de Deus

Está mais do que provado que o homem natural não sabe escolher corretamente. Esta é uma das principais lições que a Igreja deve aprender através da história do povo hebreu.

Que Deus concedeu livre-arbítrio ao homem, não há como discutir. Porém, as Escrituras fornecem provas conclusivas de que o ser humano não está habilitado a tomar suas próprias decisões. A começar por Adão, o primeiro da raça, o homem tem se mostrado irresponsável e inconseqüente nas escolhas que faz.

Embora Israel fora alvo da escolha soberana de Deus para ser canal de Sua revelação ao mundo, Deus concedeu àquele povo a oportunidade de fazer suas próprias escolhas. “Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra ti”, diz o Senhor, “que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição. Agora escolhe a vida, para que vivas, tu e os teus filhos, amando o Senhor teu Deus, dando ouvidos à sua voz, e apegando-te a ele” (Dt.30:19-20a). E por qual caminho Israel optou? O caminho da rebelião. E Deus insistiu com eles por muito tempo. Mais tarde, Deus orientou a Jeremias: “A este povo dirás: Assim diz o Senhor: Ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte” (Jr.21:8). Porém Jeremias já havia sido advertido pelo Senhor de que eles escolheriam antes a morte do que a vida (8:3).

Através de Israel e suas más escolhas, Deus provou que o livre-arbítrio com o qual Ele presenteou o ser humano já não está tão livre assim. Nosso arbítrio tornou-se escravo das condições em que vivemos. Todas as decisões tomadas pelo homem sofrem a influência do ambiente em que vive, dos apetites carnis que o dominam, e sobretudo, de sua condição espiritual. Portanto, não há decisão alguma que possa ser considerada isenta de qualquer fator. As ciências humanas comprovam isso. Se Israel soubesse escolher, não haveria escolhido a Saul para ser seu monarca.

A última prova dada por Deus ao homem quanto à sua inabilidade de escolher, foi quando enviou-nos Jesus para ser rejeitado pelos de Sua própria nação (Jo.1:11).

Entre Deus e o bezerro de ouro, qual foi mesmo a escolha de Israel? E entre Deus e Baal? E entre ser governado diretamente por Deus e ter o seu próprio rei? E finalmente, entre Jesus e Barrabás, eles escolheram Barrabás. Ainda há quem diga que a voz do povo é a voz de Deus.[2]

Uma vez que esta lição já foi aprendida, não vejo qualquer dificuldade em admitir que Deus tem toda razão ao fazer Sua própria escolha. Foi o próprio Jesus que afirmou: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (Jo.15:16).

Já que o arbítrio humano está comprometido pelo pecado que dele se assenhorou, não haveria outra alternativa para Deus senão a de fazer a Sua própria escolha.

Cristo “veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. Mas a todos os que o receberam, àqueles que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus - filhos nascidos não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo.1:11-13).

O Novo Israel não é formado de pessoas em cujas veias corre o mesmo sangue, mas de pessoas que foram escolhidas a dedo por Deus, e adquiridas pelo Sangue de Seu precioso Filho, Jesus.

E quanto ao nosso querer? Será que Deus violaria a nossa liberdade de escolha? Que liberdade? Aquela que se perdeu no Éden, quando o homem rendeu-se ao domínio do pecado? Desde então, a vontade humana não é livre. O homem faz suas escolhas de acordo com o estado do seu coração, e, segundo as Escrituras, “enganoso é o coração, mais do que todas as cousas, e desesperadamente corrupto” (Jr.17:9a). Quem insiste com o mito do livre-arbítrio ainda não levou a sério o diagnóstico que a Bíblia faz do coração humano.

O mesmo Cristo que diz: “Quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida” (Ap.22:17b), é o mesmo que afirma: “Contudo vós não quereis vir a mim para terdes vida” (Jo.5:40).

Se o homem não quer, o que fazer então?

Se Deus é Soberano, por que teria que submeter o Seu querer ao querer do homem?

O caminho encontrado por Deus para resolver este terrível dilema foi dispensar a Sua graça àqueles a quem Ele escolheu desde antes da fundação do mundo, fazendo-os desejar aquilo que Ele já preparou para eles. Por isso

Paulo afirma que é Ele quem opera em nós, “tanto o querer quanto o efetuar, segunda a sua boa vontade” (Fp.2:13).

Desta forma, Deus não viola o querer do homem, e nem tampouco abre mão de Sua Soberania. Ele apenas convence o homem, pelo Seu Espírito, a render-se à Sua vontade. Assim, o querer do homem é ajustado ao querer de Deus.

Se não queremos repetir os erros da Israel no passado, devemos aceitar com gratidão as condições estabelecidas por Deus para o Novo Israel, em vez de questionar a Sua Justiça e Soberania. Afinal, Deus é absolutamente confiável.

A Tirania de Faraó e a Escravidão da Lei

A Lei diz “faça”; a graça diz “está feito”. John Henry Jowett.

Em Atos 7, no contundente discurso de Estêvão, encontramos um resumo da história de Israel. Ao ser sabatinado pelo Sinédrio, o primeiro mártir cristão fez o seguinte esboço:

“Irmãos e pais, ouvi! O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão (...) e lhe disse: Sai da tua terra, e dentre a tua parentela, e dirige-te à terra que eu te mostrarei (...) Ele não lhe deu nela herança, nem ainda o espaço de um pé. Mas prometeu que lhe daria a posse dela, e depois dele à sua descendência, embora naquele tempo ele não tivesse filho. Deus lhe falou assim: A tua descendência será peregrina em terra alheia, e a sujeitarão à escravidão, e a maltratarão por quatrocentos anos. Mas eu julgarei a nação que os tiver escravizado, disse Deus. Depois disto sairão e me servirão neste lugar.” Atos 7:2-7.

Que precisão profética incrível! Abraão já estava avisado de tudo o que sua descendência enfrentaria por cerca de quatrocentos anos no Egito. Portanto, a estada de Israel no Egito estava dentro do programa provisional de Deus.

Estêvão prossegue expondo os motivos que levariam Israel para aquela terra: "E deu-lhe o pacto da circuncisão. E Abraão gerou a Isaque, e o circuncidou ao oitavo dia. Isaque gerou a Jacó, e Jacó gerou aos doze patriarcas. Os patriarcas, movidos de inveja, venderam a José para o Egito. Mas Deus era com ele, e o livrou de todas as suas tribulações, e lhe deu graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito; de sorte que o constituiu governador do Egito e de toda a sua casa. Sobreveio então a todo o país do Egito e de Canaã fome e grande tribulação, e nossos pais não achavam alimento. Mas tendo ouvido Jacó que no Egito havia trigo, enviou nossos pais, a primeira vez. Na segunda vez José deu-se a conhecer a seus irmãos, e manifestou a sua linhagem a Faraó. José mandou chamar a seu pai Jacó e a toda a sua parentela, que era de setenta e cinco almas. Jacó desce ao Egito, onde morreu, ele e nossos pais (...) Aproximando-se, porém, o tempo da promessa que Deus tinha feito a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito. Então se levantou outro rei, que não conhecia José. Esse, usando de astúcia contra a nossa linhagem, maltratou a nossos pais, ao ponto de forçá-los a enjeitar as suas crianças, para que não se multiplicassem." Atos 7:8-15, 17-19.

Atente bem para um detalhe: Foi Deus quem transportou Jacó e seus filhos para o Egito para guardá-los da fome. Foi a provisão divina que permitiu que José fosse traído e vendido pelos seus próprios irmãos, a fim de que, chegando à posição de governador do Egito, pudesse prover sustento aos filhos de Israel.

Ali eles ficaram por quatro séculos.

De mesma forma como Deus usou o Egito para prover sustento ao povo hebreu, Deus usou a Lei para guardar o Seu povo até o tempo em que a promessa do Espírito se cumprisse.

Paulo afirma que "antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, encerrados para aquela fé que se havia de manifestar" (Gl.3:23). A Lei visava o nosso benefício. O problema é que, com o tempo, a Lei passou a escravizar-nos.

Como Israel de Deus, éramos os herdeiros da promessa, mas a Lei nos tratava como escravos. Paulo diz que “todo o tempo que o herdeiro é menino em nada difere do escravo, ainda que seja senhor de tudo. Ele está debaixo de tutores e curadores até o tempo determinado pelo pai. Assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão” (Gl.4:1-3a).

O que o Egito foi para os hebreus, a Lei foi para os cristãos. Deus nos colocou debaixo dela para que fôssemos guardados até o momento em que os herdeiros se tornassem idôneos para assumir a sua posição. Porém, aqueles que se intitulavam os guardiões da Lei, aproveitaram-se dela para dominarem os seus patrícios.

Moisés & Jesus

Somente Aquele que os colocara no Egito, poderia tirá-los de lá. Assim também, somente Deus poderia remover de nossos ombros o jugo da Lei.

E de quê maneira Ele faria isso?

Vejamos o relato de Estevão:

“Nesse tempo nasceu Moisés, e era muito formoso, e foi criado três meses na casa de seu pai. Ao ser enjeitado, tomo-o a filha de Faraó, e o criou como seu filho. Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras.” Atos 7:20-22.

Moisés nasceu no Egito, debaixo da tirania de Faraó. E aqui encontramos um extraordinário paralelo entre o Libertador hebreu e o Senhor Jesus. Paulo relata que “vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam debaixo da lei” (Gl.4:4-5a). João parece ter percebido claramente este paralelo, quando afirmou que “a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (Jo.1:17). E as “coincidências” não param por aí. Tanto Moisés quanto Jesus nasceram durante um implacável infanticídio promovido por dois loucos monarcas, Faraó e

Herodes. O primeiro, ordenou a morte de todos os recém-nascidos hebreus do sexo masculino, por achar que a multiplicação do povo hebreu se constituía uma ameaça à soberania do Egito. O segundo, ordenou a matança dos recém-nascidos, ao receber a notícia de que havia nascido o Messias, o que, para ele, colocava em risco a legitimidade de seu poder como monarca da Judéia.

Para deixar ainda mais nítido o paralelo, Deus ordenou que José e Maria, em posse do recém-nascido Jesus, se refugiasse justamente no Egito (Mt.2:13).

Assim como Moisés foi instruído nas ciências do Egito, Jesus também foi instruído na Lei, a tal ponto que, com apenas doze anos de idade, foi capaz de discutir com os doutores da Lei. O relato provido por Lucas sobre esse episódio termina dizendo: “E crescia Jesus em sabedoria, em estatura e em graça para com Deus e os homens” (Lc.2:52).

Um outro paralelo interessante entre Jesus e Moisés é que ambos tiveram a oportunidade de optarem entre a vontade de Deus e um reinado passageiro. De Moisés é dito que pela fé, “sendo já homem, recusou ser chamado filho da filha de Faraó. Escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus do que, por algum tempo, ter o gozo do pecado. Teve por maiores riquezas o opróbrio de Cristo do que os tesouros do Egito, porque tinha em vista a recompensa”(Hb.11:24-26). Segundo alguns historiadores, Moisés poderia ter sido o próximo Faraó do Egito. Porém, ele preferiu o caminho mais difícil. Trocou o cetro egípcio por um cajado, o palácio pelo deserto e as pirâmides por um túmulo que ninguém na terra sabe localizar. Assim também Jesus, “pelo gozo que lhe estava proposto suportou a cruz” (Hb.12:2). Ele poderia ter cedido à proposta de Satanás; bastava prostrar-Se diante do anjo caído, e este lhe entregaria, de mão beijada, todos os reinos deste mundo (Mt.4:8-10). Este era o caminho mais curto para que Jesus Se tornasse o Rei das Nações, porém, não era o caminho prescrito por Deus. Foi por recusar tal oferta, e preferir a Cruz, que “Jesus é tido por digno de tanto maior glória do que Moisés”, “Ele foi fiel ao que o constituiu, como

também o foi Moisés em toda a casa de Deus” (Hb.3:3,2). A diferença entre eles é que Moisés era “servo”, enquanto Jesus é o Filho de Deus . O santo escritor diz: “Moisés, na verdade, foi fiel em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que se haviam de anunciar. Mas Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa” (Hb.3:5-6a).

Moisés foi levantado para libertar seu povo do Egito, e Jesus foi-nos enviado para resgatar-nos de debaixo da Lei e do poder do pecado (Gl.4:5 e Jo.8:32-36).

Através de Cristo, nós, os herdeiros de Deus, alcançamos a idoneidade, de maneira que, não necessitamos mais estar sob a tutela da Lei. A Lei tinha razão de ser enquanto éramos meninos, sob a Antiga Aliança. Agora, porém, na Nova Aliança, o Espírito de Cristo nos foi outorgado, fazendo-nos idôneos para herdarmos a promessa. Paulo diz que devemos render graças ao Pai “que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz, e que nos tirou do império das trevas, e nos transportou para o Reino do Filho do Seu amor” (Col.1:12-13). Ele nos fez idôneos por haver enviado “aos nossos corações o Espírito de seu Filho”, “assim que já não és mais escravo, mas filho; e se és filho, és também feito herdeiro por Deus” (Gl.4:6a,7).

O papel dos ministros de Deus é “abrir os olhos” dos homens, “e das trevas os converter à luz, e da potestade de Satanás a Deus, a fim de que recebam remissão dos pecados e herança entre aqueles que são santificados pela fé em mim”, foi o que Jesus declarou em visão a Paulo (At.26:18).

O que cabia a Deus fazer, Ele já o fez. Ele tirou-nos de debaixo da tirania da Lei e nos deu a herança das nações. Nosso papel agora é abrir os olhos da Igreja para veja a grandiosidade da promessa de Deus para ela. Por isso Paulo escreveu aos Efésios:

“Oro também para que sejam iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos.” Efésios 1:18

Jerusalém, o Novo Egito

“E os seus corpos jazirão na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e EGITO, onde o seu Senhor também foi crucificado.” Apocalipse 11:8.

Quarenta anos se passaram, desde que Moisés fugira do Egito para viver na terra de Midiã. De repente, avistou um fenômeno estranho: uma sarça ardia em fogo, mas não se consumia.

Aproximando-se para conferir de perto aquela visão, Moisés ouviu a voz de Deus que depois de apresentar-Se, disse:

“De fato, tenho visto a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus opressores, e conheço os seus sofrimentos (...) E agora o clamor dos filhos de Israel chegou a mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem. Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires do Egito o meu povo, os filhos de Israel.” Êxodo 3:7, 9-10.

Se Faraó representa a Lei, o que representaria o Egito para os filhos do Novo Israel? Em Apocalipse 11:8, é dito que a cidade onde Cristo fora crucificado era espiritualmente chamada de Sodoma e Egito. Em que cidade morreu nosso Senhor? Em Jerusalém.

Em Gálatas 4:21-31, o apóstolo Paulo fala de duas mulheres, Sara e Hagar. Ambas tiveram filhos de Abraão, e são alegorias de duas alianças. Hagar, que era egípcia, representa a aliança feita no monte Sinai (A Lei), “gerando filhos para a escravidão” (v.24b), e “corresponde à Jerusalém atual, porque é escrava com os seus filhos”(v.25b). Já Sara corresponde à “Jerusalém que é de cima” e que “é livre, a qual é mãe de todos nós” (v.26). Ele ainda diz que devemos lançar fora a escrava e seu filhos, “pois de modo algum o filho da escrava herdará com o filho da livre” (v.30). Trata-se de uma ruptura decisiva entre o judaísmo apóstata e o cristianismo. Os filhos

da Jerusalém Celestial não tem nada a ver com a Jerusalém terrena. Quem pensa que judeus e cristãos possuem uma herança em comum, está equivocado. O legalismo produz escravos, não filhos. Somente o Evangelho da Graça é capaz de produzir filhos. E Jesus diz que “o escravo não permanece sempre em casa, mas o Filho aí permanece para sempre” (Jo.8:35).

Nosso monte não é o Sinai, e sim o Monte Sião.[3]

O Escritor de Hebreus diz que não temos “chegado ao monte palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao som da trombeta, e ao som de palavras tais, que, quantos o ouviram rogaram que não se lhes falasse mais, porque não podiam suportar o que se lhes mandava: Se até um animal tocar o monte, será apedrejado. E tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo aterrado e trêmulo. Mas tendes chegado ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém Celestial” (Hb.12:18-22a).

Só chegam à Jerusalém Celestial os que definitivamente romperam com a Jerusalém terrena, isto é, com o legalismo que ela representa. Não dá pra chegar à Terra da Promissão, enquanto estivermos ainda no Egito. Romper com a Jerusalém terrena equivale a romper com o legalismo judaizante, com as tradições escravizantes; figuradamente, é descer o Sinai, e subir a Sião.

Esta não foi uma lição muito fácil de ser aprendida pelos cristãos primitivos, assim como não foi nada fácil para Abraão despedir Hagar com o seu filho Ismael. Muitos deles não entendiam que estavam vivendo um verdadeiro Êxodo, que a exemplo do outro, também duraria cerca de quarenta anos. Em um certo sentido, o Êxodo cristão começou na Cruz, quando o Cordeiro Pascal foi oferecido a Deus, e terminou no ano 70 d.C., com a queda de Jerusalém promovida por Tito, general romano que mais tarde tornou-se imperador.

Assim como os filhos de Israel viveram ao redor do Sinai por quarenta anos, a igreja primitiva só rompeu de vez com o judaísmo quando

desmoronou-se o centro do culto judaico, quarenta anos após a sua formação.

O livro de Atos narra a trajetória do Novo Israel, do Judaísmo para um Cristianismo puro. É por isso que Atos não pode ser visto como um livro normativo em termos doutrinários. Trata-se do relatório de um período de transição vivido pela Igreja. Poderíamos chamá-lo de “o Êxodo” do Novo Testamento.

Ele começa com a despedida de Jesus, Suas últimas recomendações, e Sua ascensão ao céu. Logo no quarto versículo, encontramos Jesus exortando Seus discípulos a não se ausentarem de Jerusalém. O mesmo escritor de Atos diz no primeiro volume de sua obra que Jesus ordenou: “Ficai na cidade até que do alto sejais revestidos de poder”(Lc.24:49). Entretanto, após a chegada do Espírito, os discípulos estariam habilitados a testemunharem acerca do Reino em todas as nações. Jerusalém seria apenas o ponto de partida. De Jerusalém para toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra (At.1:8). Lucas diz que “em seu nome se pregará o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém”(Lc.24:47). Ser “ponto de partida”, não significa ser “sede” do cristianismo. Durante os primeiros anos, Jerusalém foi de fato o centro das atividades cristãs. Mas isso não durou muito tempo. Bastou uma perseguição por parte dos judeus, e logo a Igreja se espalharia por outras regiões (At.8:1). “Mas os que andavam dispersos iam por toda a parte anunciando a palavra” (v.4).

Durante os primórdios, os cristãos ainda freqüentavam o Templo de Jerusalém (At.2:46). Até entre os sacerdotes havia seguidores de Cristo (6:7). Muitos costumes judaicos ainda eram preservados, como a abstinência de alimentos (13:2; 14:23), a circuncisão (16:3), os votos (21:24) e etc.

O cordão umbilical começou a ser cortado quando o primeiro gentio converteu-se a Cristo. Pedro jamais poderia supor que Cornélio receberia o dom do Espírito Santo enquanto ouvia atentamente a exposição do

Evangelho (At.10:44-48). Não foi preciso sequer que Pedro lhe impusesse as mãos. Este evento deflagrou uma discussão sem precedentes no seio da Igreja (11:1-2). Muitos irmãos sinceros, que ainda não haviam se desvincilhado dos costumes judaicos, insistiam com a idéia de que a salvação de um gentio só seria possível mediante à circuncisão. Isto é, para que um gentio fosse aceito na comunidade cristã, deveria fazer-se judeu (15:1).

Por conta desta contenda, “congregaram-se os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto. E, havendo grande discussão, levantou-se Pedro, e lhes disse: Irmãos, bem sabeis que já muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem. Deus, que conhece os corações, deu testemunho a favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós. E não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre o pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar. Mas cremos que somos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também” (At.15:6-11).

Estava declarada a guerra entre os partidários da salvação pela graça, e os judaizantes legalistas.[4]

Provavelmente, Paulo foi o mais ardoroso soldado das trincheiras da Graça. A Epístola endereçada aos Gálatas comprova isso. Infelizmente, Pedro parece ter cedido às pressões judaizantes, pelo menos por algum tempo. Coube a Paulo exortá-lo, para que retornasse às trincheiras do Evangelho da Graça.

A Epístola de Hebreus, que muitos atribuem a Paulo, nos exorta a não nos envolvermos com “doutrinas várias e estranhas. Bom é que o coração se fortifique com a graça, e não com alimentos que não trouxeram proveito nenhum aos que com eles se preocuparam (uma das principais preocupações dos judaizantes). Possuímos um altar do qual não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo (Judaísmo). Os corpos dos animais,

cujo sangue é trazido para dentro do santo lugar pelo sumo sacerdote com oferta pelo pecado, são queimados fora do arraial. E por isso também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta (de Jerusalém)” (13:12). Recordemo-nos que “santificar” significa “separar”. Embora se diga que Jesus morreu em Jerusalém, Seu sangue foi derramado do lado de fora dos muros daquela cidade. O Escritor sagrado então faz um apelo: “Saíamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu opróbrio. Pois não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a vindoura” (Hb.13:13-14).

A Palavra nos convida a deixarmos Jerusalém, o que para nós, significa romper com o legalismo, com o judaísmo apóstata, e caminhar em direção à Cidade Celestial. “Saíamos”, é o convite que o escritor sagrado nos faz. Vale lembrar aqui, que a palavra “êxodo” quer dizer “saída”. Permanecer sob a tirania da Lei é o mesmo que preferir o Egito à Terra que mana leite e mel.

No Êxodo dos filhos de Israel, Deus primeiro os tirou do Egito, para depois tirar o Egito deles. Foram necessários quarenta anos no deserto para que o Egito fosse tirado de seus corações. No Êxodo da Nova Aliança, Deus primeiro tirou Jerusalém de dentro deles, para depois tirá-los de lá. Somente quarenta anos depois de Pentecostes, Deus os tirou de vez de Jerusalém.

E foi a duras penas. Foi necessário que a Igreja sofresse todo tipo de perseguição por parte dos judeus, para que o cristianismo deixasse de vez o Templo judeu e se instalasse nas casas dos crentes em todo o mundo.

O livro de Atos termina com Paulo declarando a um grupo de judeus que a partir daquele momento dedicaria seu ministério exclusivamente à evangelização dos gentios. “Havendo ele dito isto, partiram os judeus, tendo entre si grande contenda. Paulo ficou dois anos inteiros na sua casa alugada, e recebia a todos os que o visitavam, pregando o reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum”(28:29-31).

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Notas:

[1] Circuncisão - Rito no qual o prepúcio do menino recém-nascido sofria uma cisão, e que caracterizava o povo judeu. Esse era o sinal estabelecido por Deus para distinguir os descendentes de Abraão segundo a carne (Gn.17:10). Porém, aquela circuncisão era apenas a sombra da verdadeira circuncisão feita por Deus no coração humano (Dt.30:6; Cl.2:11).

[2] Adágio popular que em latim é VOX POPULI, VOX DEI.

[3] Sião - Significa literalmente "monte ensolarado", e alegoricamente é o Monte sobre o qual está fundada a Cidade de Deus, a Nova Jerusalém, que é a própria Igreja de Cristo.

[4] Judaizante - Alcinha dada àquele que pretende introduzir costumes restritamente judaicos a um outro povo.

Babilônia - A Grande Meretriz

“Tomarei, pois, os membros de Cristo, e fá-los-eimembros de meretriz? Não, por certo.” 1 Coríntios 6:15b.

“Como se fez prostituta a cidade fiel!”, exclama o profeta em alusão à Jerusalém (Is.1:21a). Além de ser considerada como Egito, Jerusalém também é apresentada em Apocalipse como a Grande Babilônia. Muitos intérpretes entendem que Roma seria a Babilônia apocalíptica, e que nos últimos tempos se levantaria novamente na terra, para ser outra vez derrubada. Discordamos de tal interpretação. A Babilônia de Apocalipse é Jerusalém. Em Apocalipse 11:8, Jerusalém é chamada de “a grande cidade”, da mesma forma como Babilônia é chamada em Ap.16:19 e 18:16. Há inúmeras passagens nas Escrituras, principalmente entre os profetas, em que Jerusalém é apresentada como uma grande prostituta. Ezequiel, por exemplo, diz que ela prostitui-se com o Egito, com a Assíria, e com a Caldéia (16:26-29); o que parece concordar com Ap.17:2, onde se diz que “com ela se prostituíram os reis da terra, e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição”. Deus chega a chamá-la de “meretriz descarada” (Ez.16:30). Deus ainda a ameaça dizendo: “Eu ajuntarei todos os teus amantes, com os quais te misturaste, como também todos os que amaste, com todos os que aborreceste, ajuntá-los-ei contra ti em redor”(v.37a). Esta ameaça divina encontra um impressionante paralelo em Ap.17:16-17a, onde se diz que “a besta (Roma Imperial) e os dez chifres que viste são os que odiarão a prostituta, e tornarão desolada e nua,

e comerão as suas carnes, e a queimarão no fogo. Pois Deus lhes pôs no coração o realizarem o intento dele...” Se a Grande Babilônia fosse Roma, então não haveria sentido em Roma ser odiada pelo próprio Império Romano!

Deus prometeu que Jerusalém seria julgada “como são julgadas as adúlteras” (Ez.16:38). E como eram julgadas as adúlteras? Eram apedrejadas e queimadas (vs.40-41). E foi justamente isso que aconteceu com Jerusalém no ano 70 d.C.

Os Pecados de Jerusalém

Quais foram os pecados que transformaram a Cidade Fiel em uma prostituta obstinada? Podemos apontar dois dos principais pecados cometidos por Israel.

1. Rejeitar o Príncipe da Paz - Certa feita, quando Jesus ia chegando a Jerusalém, “vendo a Cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! Se tu conhecesses, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isso está encoberto aos teus olhos. Dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão de todos os lados. Derrubar-te-ão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem. Não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo da tua visitação” (Lc.19:41-44). Fora esse o seu principal pecado. Rejeitaram a Paz que vinha do céu na Pessoa Bendita do Filho de Deus. Chegaram ao ponto de reclamar com as autoridades romanas o fato de terem colocado sobre a Sua Cruz o título “Rei dos judeus” (Jo.19:19-21). Diante da enorme pressão do judeus, Pilatos não teve outra alternativa senão ordenar a Sua execução. “Então Pilatos, vendo que nada conseguia, antes o tumulto crescia, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: Estou inocente do sangue deste homem. A responsabilidade é vossa. Respondeu todo o povo: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt.27:24-25). O que eles mesmos pediram, receberam. Foi por saber que tal pedido seria atendido, que Jesus, enquanto percorria a via crucis, vendo as mulheres que choravam e se lamentavam por vê-LO sofrer, disse-lhes:

“Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos. Pois virão dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, os ventres que não geraram e os peitos que não amamentaram! Então dirão aos montes: Caí sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos” (Lc.23:28-30).

2. Promover o martírio dos Profetas e Apóstolos - Em Apocalipse é dito que na Grande Babilônia “se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra”(18:24). Isso parece ecoar a exclamação de Jesus: “Jerusalém! Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e tu não quiseste! Agora a vossa casa vos ficará deserta!” (Mt.23:37). Jeremias, em suas Lamentações, já havia profetizado sobre isso: “Como jaz solitária a cidade outrora tão populosa! Tornou-se como viúva, a que foi grande entre as nações! A princesa das províncias tornou-se escrava! (...) Jerusalém gravemente pecou, por isso se fez imunda (...) Mas isso aconteceu por causa dos pecados dos profetas, e das maldades dos seus sacerdotes, que derramaram o sangue dos justos no meio dela” (Lm.1:1, 8a, 4:13). Primeiro, precisamos entender o modus operandi do juízo de Deus. A Bíblia nos apresenta um princípio que rege as manifestações dos juízos divinos. Trata-se do Princípio da Balança. Quando uma determinada medida é extravasada, o juízo é acionado. Entretanto, para que isso aconteça, alguém precisa recorrer à Justiça de Deus. Em Êxodo 6:5, Deus diz a Moisés que o Seu Juízo sobre o Egito estava sendo acionado pelo clamor dos filhos de Israel. E no verso seguinte Ele promete: “Portanto dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, livrar-vos-ei da sua servidão e vos resgatarei com braço estendido e com grandes juízos.” Semelhantemente, Deus ouviu o clamor do Seu povo em Jerusalém, que estava sendo dominado por uma casta religiosa que vivia em função de seus próprios interesses. E Jesus não os poupava: “Ai de vós também, doutores da lei! Que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas”(Lc.11:46). Os doutores da Lei

correspondiam aos alçózes egípcios, impondo uma carga impossível de ser carregada. Foi contra esta carga que Pedro se manifestou em seu discurso na assembléia em Jerusalém: “Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre o pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós pudemos suportar? Mas cremos que somos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também” (At.15:10-11). Além do clamor dos que viviam debaixo desses pesados fardos, Deus também ouvira o clamor dos que foram martirizados por aqueles que se recusavam a receber o seu testemunho. As ruas de Jerusalém foram o cenário onde muitos desses mártírios aconteceram.

Sai Dela, povo meu!

Jesus disse que “quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos buscando repouso, mas não o encontra. Então diz: Voltarei para minha casa de onde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada. Então vai, leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali. E são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má”(Mt.12:43-45). Embora muitos pregadores, inclusive eu, apliquem esta passagem a casos particulares de possessão demoníaca, e utilizem-se dela para admoestar às pessoas a que permaneçam firmes em Deus, não fora esta, a princípio, a intenção de Jesus. Ele se referia àquela geração, sobre a qual Deus derramaria a Sua justa ira. Jesus passou cerca de três anos expulsando demônios, e por causa disso foi até acusado de ser possuído por Belzebu. O que eles não sabiam era que, ao rejeitarem o Messias, cada um daqueles demônios retornaria àquela sociedade, trazendo consigo pelo menos sete outros demônios, tornando a sua situação insustentável. Em Apocalipse é dito que a Grande Babilônia havia se tornado “morada de demônios, e guarida de todo espírito imundo” (18:2). E o que foi que deu legalidade à atuação de demônios nas terras de Israel? Davi profetiza em um dos seus mais preciosos salmos que os filhos de Israel “se misturaram com as nações, e adotaram os seus costumes. Serviram os seus ídolos, que vieram a ser-lhes um laço. Sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios.

Derramaram sangue inocente, o sangue de seus filhos e de suas filhas, que sacrificaram aos ídolos de Canaã, e a terra foi manchada com sangue. Contaminaram-se com as suas obras; corromperam-se com os seus feitos. Pelo que se acendeu a ira do Senhor contra o seu povo, e abominou a sua herança. Entregou-os nas mãos das nações, e aqueles que os odiavam se apoderaram deles” (Sl.106:35-41). Chegara a hora do juízo de Deus ser derramado sobre a Cidade Infiel.

E quanto àqueles que haviam se convertido a Cristo? O que seria deles? Isaías profetiza: “Ainda que o teu povo, ó Israel, seja como a areia do mar, só um resto dele se converterá. Uma destruição está determinada, transbordando de justiça.” (Is 10:22) O que fazer com este “remanescente”? Teria ele que pagar pelo pecado de todo Israel?

Absolutamente, não. Deus não é injusto. Por isso Ele mesmo os alertou, dizendo:

“Sai dela, povo meu, para que não sejas participantes dos seus pecados, para que não incorras nas suas pragas; pois os seus pecados se acumularam até o céu”. Apocalipse 18:4-5a.

Operação “Retirada”. Hora de evacuar a cidade! “Fugi do meio de Babilônia! Livre cada um a sua alma! Não seiais destruídos na sua maldade. É o tempo da vingança do Senhor; ele lhe dará a sua paga” (Jr.51:6). Estas palavras proféticas encontram eco nas advertências de Jesus aos Seus discípulos: “Na vossa perseverança ganhareis as vossas almas. Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabereis que é chagada a sua desolação. Então os que estiverem na Judéia, fujam para os montes, os que estiverem no meio da cidade, saiam, e os que estiverem nos campos, não entrem nela. Pois dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas”(Lc.21:19-22). Observe ainda a semelhança com a advertência de Paulo: “Pelo que saí do meio deles, apartai-vos, diz o Senhor” (2 Co. 6:17a).

Eusébio, bispo de Cesaréia, relata que “todo o corpo da igreja em Jerusalém, dirigido por uma revelação divina dada a homens de piedade aprovada antes da guerra, saíra da cidade e fora habitar em certa cidade além do Jordão chamada Pela. Eis que, tendo se mudado de Jerusalém os que criam em Cristo, como se os santos tivessem abandonado por completo a própria cidade real e toda a terra de Judéia, a justiça divina por fim os atingiu por seus crimes contra o Cristo e seus apóstolos, destruindo totalmente toda a geração de malfeitores sobre a terra.”[1]

Antes do cerco que culminaria com a destruição da cidade, Jerusalém foi sitiada por tropas romanas sob o comando de Céstio. Inexplicavelmente, quando tudo parecia favorável a um ataque imediato, as tropas romanas se retiraram. Os judeus já estavam dispostos a se render, quando o general romano decidiu retirar seus homens sem que houvesse qualquer razão aparente. Aquele era o sinal esperado pelos cristãos para que batessem em retirada, abandonando de vez a cidade que cairia sob o Juízo Divino.

Eusébio também diz que enquanto os cristãos se retiraram de Jerusalém, mais de trezentos mil judeus oriundos de diversas partes do mundo afluíram para lá por ocasião da Páscoa. Estes ficaram impedidos de sair por causa do sítio romano agora sob o comando de Tito. Flávio Josefo, famoso historiador judeu, calculou que cerca de um milhão e cem mil judeus pereceram durante o cerco romano e a destruição de Jerusalém.

Os cristãos só foram poupados daquela carnificina graças às advertências feitas por Jesus em Seu Sermão Profético. Assim como os hebreus foram poupados das pragas que atingiram os egípcios, os cristãos deveriam ser poupados das pragas que viriam sobre Jerusalém. A diferença entre um e outro episódio, é que, no primeiro, os hebreus foram poupados sem precisar sair do Egito, enquanto que, no caso dos cristãos, eles só seriam poupados se abandonassem Jerusalém.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Notas:

[1] CESARÉIA, Eusébio de, História Eclesiástica, Livro III, Cap.V.

As Primeiras Pragas e Trombetas

“Portanto, num mesmo dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome. Será queimada no fogo, pois forte é o Senhor Deus que a julga.” Apocalipse 18:8.

O mesmo Deus que livrou Israel do Egito, manifestando ali os Seus juízos através de duras pragas, advertiu o Seu povo para que não abandonasse os Seus mandamentos, sob pena de ser igualmente atingido pelas mesmas pragas. Moisés, reunindo todos filhos de Israel, disse-lhes:

“Mas se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, se não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e estatutos que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições, e te atingirão (...) O Senhor te enviará a praga, a confusão e a ameaça em tudo o que emprenderes, até seres destruído e repentinamente pereceres por causa da maldade das tuas obras, pelas quais me deixaste (...) Fará voltar contra ti todos os males do Egito, de que tiveste temor, e eles se apegarão a ti.” Deuteronômio 28: 15, 20,60.

Basta compararmos as advertências contidas neste capítulo com os relatos históricos de Flávio Josefo e de Eusébio de Cesaréia acerca da destruição de Jerusalém em 70 d.C., e encontraremos uma precisão profética surpreendente.

No verso 49 é dito que o Senhor levantaria contra Israel “uma nação de longe, da extremidade da terra, veloz como a água”. Os exércitos romanos

impunham estandartes e emblemas em forma de águia. No verso 52 é dito que tal nação sitiaria as suas cidades, o que também aconteceu. No 53, lemos:: “Comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e filhas, que o Senhor teu Deus te houver dado, por causa do cerco e da angústia com que os teus inimigos te apertarão.” Tanto Flávio Josefo quanto Eusébio relatam que uma mulher judia, devido à fome que imperava em Jerusalém por causa do cerco romano, foi capaz de comer seu próprio filho que amamentava. (1)

Ao término do capítulo 28 de Deuteronômio, o Senhor adverte que faria voltar muitos do Seu povo ao Egito, e que ali seriam oferecidos como escravos. Eusébio dá testemunho de que, dos que sobreviveram ao cerco e à destruição de Jerusalém, “os que tinham mais de dezessete anos foram enviados como prisioneiros para trabalhas nas minas do Egito (...) Os que tinham menos de dezessete anos foram levados para serem vendidos à escravidão. Só esses foram mais de noventa mil.” (2)

Tanto o Egito, quanto Jerusalém foram atingidos por dez pragas. Confira e compare abaixo, a relação dessas pragas:

Jerusalém

1. Fogo: Ap.8:7-13
2. Fumaça: 9:1-11
3. Enxofre - vs.13-21
4. Chaga dolorosa - Ap.16:2
5. Mar em Sangue - v.3
6. Rios e Fontes em Sangue - v.4
7. Grande Calor - v.9
8. Reino tenebroso - vs.10-11

9. Espíritos como rãs - vs.12-14

10. Saraiva - vs.17-21

Egito

1. Águas em Sangue - Êx.7:14-25

2. Rãs - 8:1-6

3. Piolhos - 8:16-17

4. Moscas - 8:24

5. Peste nos animais - 9:2-6

6. Tumores e Úlceras - 9:8-10

7. Saraiva- 9:18

8. Gafanhotos - 10:4-5

9. Trevas - 10:21

10. Morte dos Primogênitos -11:1-10

Vamos examiná-las mais esmiuçadamente, e descobrir o seu real significado.

A Primeira Praga

O capítulo 8 de Apocalipse deixa claro que são as orações dos santos que desencadeia uma série de juízos divinos sobre a Cidade Infiel. Enquanto um anjo oferecia no altar de Deus o incenso com a oração dos crentes, sete anjos são posicionados para tocarem suas trombetas. Cada trombeta deveria anunciar um juízo específico de Deus, que se manifestaria através de uma praga.

1a Praga - O Fogo - Ao ressoar da primeira trombeta, “houve saraiva e fogo misturado com sangue, que foram lançados na terra”(8:7). Isso já havia sido profetizado em Joel 2:30, onde Deus promete mostrar maravilhas no céu e na terra, “sangue e fogo e colunas de fumaça”. Cremos que esta primeira trombeta foi tocada em Pentecostes. Basta lermos o discurso de Pedro, justificando o fenômeno pentecostal para aqueles que pensavam que os discípulos estavam ébrios. “Estes homens não estão embriagados”, afirmou o apóstolo, “mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: Nos últimos dias, diz Deus, do meu Espírito derramarei sobre toda a carne (...) Farei aparecer prodígios em cima no céu, e sinais em baixo na terra, sangue, fogo e vapor de fumo” (At.2:15a, 16-17a). Será que Pedro, cheio do Espírito Santo, cometeria um equívoco de interpretação? Acredito que não. Então, o que significaria isso? Apocalipse 8 começa falando acerca de um período de silêncio no céu. Esse período de “meia hora” aponta para os dias em que os discípulos estiveram reunidos em Jerusalém à espera do cumprimento da Promessa do Pai. O resultado desta espera é apresentado no verso 5, onde é dito que o “anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o lançou sobre a terra”. Ora, a expressão “fogo do altar” é uma figura do próprio Espírito Santo. Isaías relata em sua magnífica visão, que um serafim lhe tocou com uma tenaz que trazia brasa viva extraída do altar de Deus (Is.6:6), para purificar os seus lábios, habilitando-o a profetizar. Quando o Espírito desceu em Pentecostes, todos os que estavam no cenáculo “viram línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles” (At.2:3).

Em seu testemunho acerca de Cristo, João Batista diz que Ele batizaria com “Espírito Santo e com fogo. Na mão ele tem a pá, e limpará a sua eira, recolhendo o trigo no seu celeiro e queimando a palha com fogo que nunca se apagará” (Mt.3:11b-12). O fogo do altar é o próprio Espírito, enquanto que, o fogo acompanhado de saraiva e sangue representa o Juízo que seria derramado após a descida do Espírito Santo. Lembremo-nos de que o termo “praga” é uma alusão ao juízo de Deus. Para nós, os crentes em Cristo, o fogo enviado por Deus é bênção para as nossas vidas, pois trás santificação através do juízo. Lembremo-nos de que Pedro advertiu que o julgamento

começaria pela Casa de Deus (1 Pe.4:17). Ele diz: “Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo, pelo contrário, alegrai-vos na medida em que sois co-participantes dos sofrimentos de Cristo (...) Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?” (vs.12-13a,17). Através das perseguições sofridas pela Igreja, somente os verdadeiramente convertidos perseverariam até o fim, porém a palha seria consumida. O mesmo fogo que purifica o ouro, eliminando as impurezas que nele houver, consome a palha e o restolho. Crentes nominais jamais conseguiriam ficar por muito tempo na congregação dos santos. Caberia ao fogo demonstrar qual era a obra de cada um (1 Co.3:12-13). Era através desse fogo que as coisas abaláveis seriam removidas, “para que as inabaláveis permaneçam” (Hb.12:27). Portanto, a primeira trombeta anunciava uma “praga” que atingiria, ao mesmo tempo, cristãos e ímpios. Assim como a primeira praga derramada sobre o Egito foi a única que atingiu tanto os hebreus quanto os egípcios. A transformação das águas do Nilo em sangue atingiu a ambos os povos.

A primeira praga enviada sobre Jerusalém é dividida em quatro partes:

1. Primeira Trombeta - Saraiva e Fogo misturado com sangue (já comentamos).
2. Segunda Trombeta - Um Grande Monte ardendo em fogo é lançado no mar, e transforma a terça parte do mar em sangue, matando a terça parte das criaturas viventes do mar, e destruindo a terça parte dos navios. Esta profecia nos remete à passagem em que Jesus afirma aos Seus discípulos que se tivessem fé, e não duvidassem, ordenariam ao monte: Ergue-te e precipita-te no mar, e assim seria feito (Mt.21:21). Mateus relata duas vezes em que Jesus usou a mesma figura do monte para demonstrar como a fé era capaz de remover os mais terríveis obstáculos. Na primeira vez, Jesus respondia à indagação dos discípulos que não haviam conseguido expulsar

o demônio de um menino epilético. Na segunda vez, Ele havia acabado de amaldiçoar a uma figueira por não haver encontrado qualquer fruto nela. Vendo que os Seus discípulos estavam estupefatos diante da figueira que se secara, Jesus explicou-lhes que a fé era capaz de fazer precipitar uma montanha ao mar. É ponto pacífico entre a maioria dos teólogos que a figueira é uma figura de Israel, como fica claro na parábola da figueira estéril (Lc.13:6-9). Assim como aquela figueira, Israel também não produziu os devidos frutos exigidos pela justiça divina, e por isso, pôs-se sob a maldição da Lei. E quanto ao monte ardendo em fogo de Apocalipse? Na analogia de Paulo apresentada em sua carta aos Gálatas, Jerusalém é comparada ao monte Sinai, “gerando filhos para escravidão” (Gl.4:25). Já o escritor de Hebreus parece ir um pouco mais longe quando compara o judaísmo obsoleto ao “monte palpável e ardente”(Hb.12:18). Diante de tais evidências, cremos que o monte ardendo em chamas que cai no mar nada mais é do que o judaísmo apóstata que estava contaminando os povos com a sua devassidão. Por toda a extensão do Império Romano era possível encontrar sinagogas judaicas. Aliás, fora em algumas dessas sinagogas que Paulo iniciara seu trabalho de evangelização em várias das mais importantes cidades do Império. Foi assim em Salamina (At.13:5), em Antioquia (v.14), em Icônio (14:1), em Tessalônica (17:1), em Beréia (v.10), em Corinto (18:1,4) e em Éfeso (v.19). Embora essas sinagogas tenham servido ao propósito de Deus para que o evangelho de Cristo foi pregado, elas também foram usadas para propagar o judaísmo talmúdico, que abandonara a Palavra de Deus, aliando-se às tradições dos homens. E assim o mar (fig. os povos gentílicos) foi contaminado, no sentido de que o judaísmo tentou vacinar os gentios contra a pregação do Evangelho. O judaísmo, portanto, foi o primeiro grande obstáculo que a Igreja de Cristo teve de enfrentar. Paulo diz que os judeus, além de não agradarem a Deus, “são contrários a todos os homens, e nos impedem de falar de aos gentios para estes sejam salvos” (1 Ts.2:16). Podemos dizer, sem medo de errar, que foi a pregação da fé evangélica a responsável pela precipitação daquela grande montanha.

3. Terceira Trombeta - Cai do céu uma grande estrela que arde como uma tocha cujo nome é Absinto. Ao cair sobre a terça parte dos rios e sobre as fontes, fez com que a terça parte das águas se tornassem em absinto. Em Apocalipse, as estrelas apontam para as autoridades espirituais, tanto angélicas quanto humanas. As sete estrelas que Cristo tinha nas mãos eram os líderes das igrejas da Ásia Menor (1:20). As doze estrelas que aparecem na coroa da mulher vista por João no capítulo doze são provavelmente os doze patriarcas ou as doze tribos de Israel. Neste mesmo capítulo, a cauda do dragão (diabo) lança sobre a terra a terça parte das estrelas do céu (anjos rebeldes). Portanto, a grande estrela que João vê cair do céu pode significar tanto um anjo quanto uma importante liderança religiosa da época. Porém, preferimos acreditar tratar-se do próprio Satanás. Isso parece concordar com a advertência encontrada no capítulo doze, que diz: “Ai dos que habitam na terra e no mar, porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta” (v.12). Assim como ele seduziu a terça parte dos anjos, ele agora estava disposto a contaminar a terça parte das águas (povos). Ele recebe o nome de Absinto, por causa da amargura que ele produz no coração dos homens, e por conseguinte, nas relações humanas. Não é em vão que o sacro escritor nos admoesta: “Tende cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem” (Hb.12:15). Foi Satanás o autor da animosidade que dividiu o povo judeu, e por fim, fê-lo sucumbir diante das hostes romanas. Desta forma, ele agiu sob a permissão de Deus, e como instrumento da justiça divina sobre o povo que rejeitou a paz que vinha do alto.

4. Quarta Trombeta - A terça parte do sol, da lua e das estrelas é ferida, provocando trevas parciais. É importante notar que nesta primeira praga, em cada manifestação do juízo divino, somente a terça parte é atingida. A chuva de saraiva faz com que a terça parte da terra seja queimada, juntamente com a terça parte das árvores, e de toda a erva verde; o monte ardente faz com que a terça parte do mar se torne em sangue, matando a terça parte das criaturas marítimas e destruindo a terça parte dos navios; a grande estrela cai sobre a terça parte dos rios, fazendo com que a terça parte

das águas se tornem amargas e letais. Agora é a vez dos astros celestes serem feridos. Porém, somente a terça parte deles é atingida. O resultado é que a terça parte do dia não brilhou, e semelhantemente da noite. Isso se deu pelo fato de a Igreja ainda estar presente em Jerusalém quando estas pragas foram ministradas. A destruição completa só viria quando a Igreja fosse removida de Jerusalém. Eusébio acreditava que Deus havia adiado a destruição de Jerusalém por quarenta anos após seus crimes contra o Cristo. “Durante esse tempo, a maior parte dos apóstolos e discípulos, o próprio Tiago, o primeiro bispo da cidade, em geral chamado irmão de nosso Senhor, ainda vivo em Jerusalém, continuaram servindo como proteção sólida para o lugar.” (3)

O oitavo capítulo de Apocalipse termina com o seguinte relato de João: “Enquanto eu olhava, ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia com grande voz: Ai, ai, ai dos que habitam sobre a terra! Por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que ainda vão tocar”(v.13). Que águia seria essa senão a própria Igreja de Cristo que, enquanto ainda estava em Jerusalém, admoestava aos judeus a que se arrependessem e se voltassem para Deus (At.20:21). O tempo decorrido entre a primeira e a quarta trombeta compreende o período da Igreja relatado no livro de Atos.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Notas:

(1) JOSEFO, Flávio, História dos Hebreus, Livro VI, Cap.22:459.

CESARÉIA, Eusébio de, História Eclesiástica, Livro III, Cap.VI.

(2) Ibid. Livro III, Cap.VII

(3) CESARÉIA, Eusébio de, História Eclesiástica, Livro III Cap. VII.

As Duas Testemunhas

A Palavra prevalece!

Neste capítulo, vamos estudar as figuras das duas testemunhas, que aparecem no capítulo 11.

João começa esse capítulo dizendo que foi-lhe “dada uma cana semelhante a uma vara, e foi-me dito: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram. Mas deixa o átrio que está fora do templo; não o meças, porque foi dado aos gentios. Estes pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses.”

O templo mencionado aqui é o templo de Jerusalém, construído por Salomão, e reconstruído por Zorobabel, após sua queda e o exílio babilônico.

É à luz deste texto que defendemos a teoria de que esse livro fora escrito antes da queda do templo e de Jerusalém no ano 70 d.C. Muitos acreditam que ele tenha sido escrito por volta do ano 68 d.C., e não em 96 d.C. como defendem outros.

Há um paralelo muito interessante entre este capítulo de Apocalipse e o capítulo 4 de Zacarias.

Após a queda do templo, promovida por Nabucodonosor, Deus havia prometido que haveria de reconstruí-lo, e que, a glória da segunda casa seria maior do que a da primeira. Na verdade, essas profecias apontavam para um novo templo, que em vez de ser construído de pedras, seria edificado com pedras vivas (pessoas), tornando-se a morada do Altíssimo para sempre. Trata-se, é claro, da Igreja. Não há, em toda a Escritura, nenhuma profecia de que no final dos tempos um novo templo seria erguido no mesmo lugar em que Salomão erguera aquele. Por mais que alguns irmãos tentem comprovar isso, não passa de especulação. A Igreja de Cristo é o Templo definitivo do Deus vivo.

Em Zacarias, lemos que a Zorobabel foi dada a incumbência de reedificar o templo de Salomão. Zorobabel é um tipo de Cristo, a Quem foi dada a incumbência de edificar o Templo definitivo de Deus, a Igreja.

O novo templo só poderia ser erguido, quando o velho fosse derrubado.

Em Apocalipse, vemos João recebendo uma cana de medir, para que o templo e os que nele adoravam fossem medidos. O que quer dizer essa “medição”? Alguns preferem crer que essa medição tem a ver com a restauração do templo nos dias finais. Porém, cremos que essa medição diz respeito à destruição daquele templo, e não à sua restauração. Dois anos depois desta visão, o templo de Jerusalém foi totalmente destruído.

Em II Reis 21:13 lemos:

“Estenderei sobre Jerusalém o cordel de Samaria e o prumo da casa de Acabe. Limparei Jerusalém, como quem limpa um prato e o vira para baixo depois de haver limpado. Desampararei o restante da minha herança, entregá-lo-ei na mão dos seus inimigos. Tornar-se-ão presa e despojo para todos os seus inimigos, porque fizeram o que era mau aos meus olhos, e me provocaram à ira, desde o dia em que seus pais saíram do Egito até hoje.”

Na passagem acima fica bem claro que “medir” alguma coisa é o mesmo que prepará-la para a destruição. Em Isaías 34:11 lemos: “Deus estenderá

sobre ela o cordel de confusão e o prumo da ruína”. E que tal Amós 7:7-9? : “Mostrou-me também assim: O Senhor estava sobre um muro levantado a prumo, e tinha um prumo na sua mão. E o Senhor me perguntou: Que vêst tu, Amós? Eu respondi: Um prumo. Então disse o Senhor: Eis que eu porei o prumo no meio do meu povo Israel; nunca mais passarei por ele. Os altos de Isaque serão assolados; e destruídos os santuários de Israel...”

É claro, como já dissemos, que essa destruição visaria, sobretudo, a construção de um novo templo. Entretanto, este novo templo é espiritual.

Em Zacarias, o que temos em vista é o templo espiritual que serviria de morada ao Altíssimo por toda a eternidade. Este não seria construído por força, nem por violência, mas pelo Espírito de Deus (4:6). Ninguém poderia se ufanar de tê-lo erigido. Zacarias diz que Zorobabel, tipificando Cristo, traria “a pedra angular, em meio a aclamações: Graça, graça a ela” (v.7). Jesus é, ao mesmo tempo, o Arquiteto, o Construtor, e a pedra angular do Templo do Deus vivo. Foi Ele Quem iniciou a construção, portanto, será Ele Quem a acabará (v.9). Como diz Paulo, “Aquele que em vós começou a boa obra, a completará até ao dia de Cristo Jesus”(Fp.1:6). Acerca disso, concorda a profecia de Zacarias que diz: “Aqui está o homem cujo nome é Renovo, e ele brotará do seu lugar, e edificará o templo do Senhor. Ele mesmo edificará o templo do Senhor, e levará a glória, e assentar-se-á, e dominará no seu trono. E ele será sacerdote no seu trono”(6:12-13a). Jesus é o Renovo que ocupa ao mesmo tempo os ofícios de Rei e Sacerdote. Portanto, Ele é o construtor da segunda Casa, cuja glória é incomparavelmente maior do que a da primeira.

No versículo 10, é dito que alguns se alegrariam ao ver o prumo na mão de Zorobabel. O que significaria isso? Já sabemos que Zorobabel é um tipo de Cristo, mas precisamos entender o que significa dizer que muitos se alegrariam vendo o prumo na mão de Cristo. Em Mateus 24 encontramos Jesus inspecionando a estrutura do templo, acompanhado dos Seus discípulos. Eles se mostravam admirados com o que viam. De fato, o templo de Jerusalém era belíssimo, considerado uma das sete maravilhas do

mundo antigo. Enquanto admiravam a beleza do templo, foram surpreendidos ao ouvirem de Jesus a seguinte afirmação: “Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra, que não seja derrubada” (Mt.24:1-2).

O prumo então estava na mão de Jesus. Com a queda de Templo, cairia também o culto judaico, representado em Apocalipse 11:1 pelo altar, e Israel deixaria de ser o povo da aliança. Em seu lugar, Deus ergueria um novo Templo, cuja estrutura jamais poderia ser abalada !

A Abominação Desoladora

“Mas deixa o átrio que está fora do templo” ouviu João, “não o meças, porque foi dado aos gentios” (Ap.11:2). Trata-se de uma alusão clara àquilo de Daniel chamou de “abominação desoladora” (Dn.12:11).

No ano 70 d.C. , tropas romanas, sob o comando de Tito, invadiram Jerusalém, destruindo-a por completo, juntamente com o seu templo. Isso foi claramente profetizado por Jesus. Ele disse: “Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabereis que é chegada a sua desolação (...) Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos deles se completem” (Lc.21:20, 24b). E em outro lugar lemos: “Portanto quando virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê, entenda), então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes” (Mt.24:15-16).

Em momento algum ficou entendido que Jesus estivesse falando sobre coisas que aconteceriam num futuro remoto. E é por acreditar que tais profecias apontam para o futuro, que muitos nutrem a expectativa de que um novo templo judaico será construído em Jerusalém no final dos tempos. Porém, esta teoria sucumbe ante a afirmação de Jesus de que não passaria aquela geração sem que todas aquelas coisas acontecessem (Mt.23:36 e 24:34).

Com a queda do templo, cairia o principal referencial do culto judaico. Os sacrifícios cessariam, e o sacerdócio levítico chegaria ao fim.

Há algo muito importante que não podemos deixar passar em branco. Foi o sacrifício de Jesus na cruz que pôs fim à velha aliança. Portanto, a partir da cruz, o culto feito no Templo já não tinha valor algum aos olhos de Deus. Quando o véu rasgou-se de cima a baixo, a glória do Senhor retirou-se de uma vez por todas daquele templo. Por isso, todos os sacrifícios que foram feitos ali a partir da Cruz, eram ilegítimos e profanos aos olhos do Senhor. Sobre isso, falaremos minuciosamente em outro estudo.

No verso 3 do capítulo 11 de Apocalipse, surgem então as misteriosas figuras das duas testemunhas. Quem seriam elas? Uns afirmam que Moisés e Elias reapareceriam nos últimos tempos para darem o seu testemunho a Israel. Segundo esta interpretação, pelo fato da Igreja ter sido arrebatada, caberia às duas testemunhas levar os judeus a converterem-se a Deus. Esta interpretação carece de maior embasamento, e parte de uma premissa totalmente falsa. Ou será que estas duas testemunhas (sendo Moisés e Elias, como dizem alguns) teriam o poder que o Espírito Santo não teve, de converter os judeus a Jesus ?

Então, quem seriam essas duas testemunhas?

Acreditamos que as duas testemunhas sejam figuras alegóricas que correspondem à totalidade do Antigo Testamento formado pela Lei e pelos Profetas.

O texto diz: “E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco”. O número de 1.260 dias é muito significativo, e aparece diversas vezes nas Escrituras, sobretudo, no livro de Apocalipse. Simboliza um tempo indefinido. Em outras passagens aparece como um tempo, dois tempos e metade de um tempo, ou melhor, três anos e meio. Não podemos entendê-los ao pé da letra. Deus deu poder à Sua Palavra, revelada na Lei e nos Profetas. Jesus disse aos judeus: “Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus” (Mt.22:29).

Conhecer as Escrituras (a Lei e os Profetas) era o mesmo que conhecer o poder de Deus. Os judeus haviam se apostatado das Escrituras, dando ouvidos a espíritos enganadores, e por isso mesmo, ignoravam o poder que Deus havia investido em Suas testemunhas.

E o que dizer do fato de elas estarem vestidas de saco? Podemos entender tal afirmação de duas maneiras. Primeiro, estar vestidas de saco aponta para o fato de que elas só poderiam ser entendidas por revelação. Para os judeus, as Escrituras estavam veladas. Eles simplesmente não as compreendiam. Segundo, pode apontar para o fato de elas não serem devidamente valorizadas. Naquele tempo, o judaísmo apóstata dava maior valor às tradições rabínicas do que propriamente às Escrituras.

O próprio Deus permitiu que os judeus ficassem cegos pelo seu orgulho, para que não percebessem a grandiosidade do mistério que se revelara por meio de Cristo. Paulo diz: “Mas agora se manifestou, sem a lei, a justiça de Deus, tendo o **TESTEMUNHO DA LEI E DOS PROFETAS**. Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos (e sobre todos) os que crêem. Não há distinção (...) É Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente”(Rm.3:21-22,29).

Só se entende o testemunho da Lei e dos Profetas por intermédio de revelação. Muitos dos discípulos de Jesus não compreenderam o testemunho da Lei e dos Profetas acerca daquilo que Ele teria de passar. Lucas nos oferece o relato de um interessante episódio que denuncia isso. Dois discípulos caminhavam em direção a Emaús, discutindo acerca dos últimos acontecimentos. Eles estavam extremamente decepcionados com a morte Jesus. Suas expectativas haviam sido frustradas, pois esperavam que Jesus fosse o Messias que restauraria o reino a Israel. Portanto, Sua crucificação foi um balde de água fria que apagara o ânimo daqueles homens. Jesus, então, já ressurrecto, aproximou-Se deles. “Mas os olhos deles estavam como que fechados, de sorte que não o conheceram” (Lc.24:16). Era assim que estavam os olhos dos judeus: fechados. A Lei e os Profetas estavam como que vestidos de saco para eles. Aborrecido diante

da incredulidade daqueles discípulos, Jesus lhes disse: “Ó néscios, e tardios de coração para crer em tudo o que os profetas disseram! Não era necessário que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse em sua glória? E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicou-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras” (vs.25-27). Lucas diz que “abriram-se-lhes então os olhos e o conheceram”. Isso é revelação ! Enquanto não se tem revelação, não se pode compreender as duas testemunhas. Para quem não recebeu olhos iluminados, o testemunho da Lei e dos Profetas continua vestido de saco. Nas palavras de Paulo, os sentidos dos judeus incrédulos “foram embotados, pois até hoje, à leitura da antiga aliança, permanece o mesmo véu. Não foi removido, porque somente em Cristo é ele abolido. E até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles. Mas, quando um deles se converte ao Senhor então o véu é-lhe retirado”(2 Co.3:14-16).

Ao encontrar com os demais discípulos, “Jesus lhes disse: São estas as palavras que vos falei estando ainda convosco, que era necessário que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras” (v.44).

Infelizmente, os judeus preferiram dar ouvidos às fábulas judaicas a dar ouvidos ao testemunho das Escrituras acerca do Messias. Pedro diz em sua segunda epístola:

“Não vos fizemos saber o PODER e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas, mas nós mesmos vimos a sua majestade. Pois ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho Amado, em quem me comprazo. Nós mesmos ouvimos esta voz vinda do céu, estando nós com ele no monte santo. E temos ainda mais firme a PALAVRA DOS PROFETAS...” II PEDRO 1:16-19a.

Quando escreveu esta passagem, Pedro tinha na lembrança a imagem vívida daquilo que ele, Tiago e João presenciaram no monte, na ocasião em

que Cristo transfigurou-Se. Sabe por quê ele diz que tinha ainda mais firme o testemunho dos profetas? Porque ele presenciou esse testemunho de forma extraordinária. Segundo o relato de Lucas, Jesus “tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte a fim de orar. Estando ele orando, transfigurou-se a aparência do seu rosto, e suas vestes ficaram brancas e resplandecentes. Estavam falando com ele dois homens, Moisés e Elias, os quais apareceram em glória, e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém” (Lc.9:28-31).

Moisés foi o homem por quem veio a Lei, enquanto que Elias foi o mais proeminente dos Profetas da Antiga Aliança. A aparição destes dois homens tinha por pretensão endossar tudo o que Cristo havia dito aos Seus discípulos. Agora, eles teriam por mais firme o testemunho da Lei e dos Profetas. Além do testemunho da Lei e dos Profetas, representados ali por Moisés e Elias, eles ouviram o testemunho maior, dos lábios de Deus, o Pai. Enquanto uma densa nuvem de glória os cobria, uma voz ressoou do céu: “Este é o meu Filho Amado, em quem me comprazo. A ele ouvi !” (Mt.17:5). É interessante observarmos um detalhe que geralmente passa despercebido: enquanto aquela voz ressoava, os discípulos foram tomados de medo, e caíram com o rosto no chão. “Aproximando-se Jesus, tocoulhes, e disse: Levantai-vos, e não tendes medo. Erguendo eles os olhos, A NINGUÉM VIRAM SENÃO UNICAMENTE A JESUS” (Mt.17:7-8). A glória exibida em Jesus foi tamanha que encobriu a glória que envolvia a Lei e os Profetas. De forma que, quando os discípulos se levantaram, já não puderam ver a ninguém, senão a Jesus. Nas palavras de Paulo, “se o ministério da morte (a Lei) gravado com letras em pedras, veio em glória, de maneira que os filhos de Israel não podiam fitar os olhos na face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente, como não será de maior glória o ministério do Espírito? Se o ministério da condenação (os profetas?) foi glorioso, muito mais excederá em glória o ministério da justiça. POIS O QUE FOI GLORIOSO, NÃO O É EM COMPARAÇÃO com a glória inexcedível. E se o que desvanecia teve sua glória, muito mais glória tem o que permanece” (2 Co.3:7-11). De fato,

concluimos que, por maior que tenha sido a glória da Lei e dos Profetas, ela se desvaneceu ante a glória da Nova Aliança.

Esse mesmo Pedro que presenciou a transfiguração de Jesus, e a aparição de Moisés e de Elias, testificou àqueles que ouviram o seu primeiro sermão pós-pentecostes: “Convém que o céu o contenha até os tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio. Pois Moisés (a Lei) disse: O Senhor vosso Deus levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo o que vos disser. Todo aquele que não escutar esse profeta, será exterminado dentre o povo. Todos os profetas, desde Samuel, e todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias” (At.3:21-24). Se tão-somente os judeus tivessem ouvido às duas testemunhas que lhes foram enviadas, eles não teriam sido exterminados dentre o povo de Deus.

João afirma que “se alguém lhes quiser causar mal, das suas bocas sairá fogo e devorará os seus inimigos” (Ap.11:5a). Quem quer que rejeite o testemunho das Escrituras, já está condenado. Deus, pela Sua própria Palavra, combate àqueles que a rejeitam. Por isso, Paulo, inspirado pelo Espírito, afirma: “Pois nada podemos contra a verdade, senão em favor da verdade” (2 Co.13:8).

Os judeus não compreenderam que o seu templo teria que ser derrubado para dar lugar a um novo Templo. Eles não compreendiam que Aquele a quem eles haviam crucificado era o próprio Santuário de Deus, a pedra angular de um novo Templo, onde, tanto judeus quanto gentios serviriam ao Senhor em Espírito e em Verdade. Como eles puderam deixar passar despercebido o testemunho dos profetas? Um deles disse: “Então ele (Cristo) vos será santuário; mas servirá de pedra de tropeço, e de rocha de escândalo às duas casas de Israel, de laço e de rede aos moradores de Jerusalém. Muitos dentre eles tropeçarão, e cairão, e serão quebrantados, e enlaçados, e presos. Ata o TESTEMUNHO, e sela a lei entre os meus

discípulos (...) À LEI e ao TESTEMUNHO! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva” (Is.8:14-16, 20).

Jerusalém e seu templo foram consumidos pelo fogo procedente da boca do Senhor! Seu destino foi semelhante ao de Sodoma e ao do Egito. Como Sodoma, Jerusalém foi consumida pelo fogo da ira de Deus. Como o Egito, seus moradores foram atingidos por suas pragas. Jeremias já havia profetizado acerca de Jerusalém: “Porei esta cidade por espanto e objeto de assobios; todo aquele que passar por ela se espantará e assobiará, por causa de toda as suas pragas”(Jer.19:8). Tudo isso porque rejeitaram o testemunho da Lei e dos Profetas. Rejeitaram Jesus! “O testemunho de Jesus é o Espírito da profecia”, afirmou o anjo a João (Ap.19:10).

Jesus, sabendo do destino que aguardava por Jerusalém, “quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela, dizendo: Ah! Se tu conhecesses, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isso está encoberto aos teus olhos. Dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão de todos os lados. Derrubar-te-ão, a ti e a teus filhos que dentro de ti estiverem. Não deixaram em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo da tua visitaçãõ” (Lc.19:41-44).

Se pelo menos eles se voltassem para as Escrituras ! Se eles dessem ouvidos ao que dizia: “Examinais as Escrituras, porque pensais ter nelas a vida eterna. SÃO ESTAS MESMAS ESCRITURAS QUE TESTIFICAM DE MIM” (Jo.5:39).

João continua em seu relato apocalíptico:

“Quando acabaram o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra e os vencerá e matará. E os seus corpos jazerão na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado.” APOCALIPSE 11:7-8.

Esta profecia encontra um paralelo interessante no livro de Daniel, onde lemos acerca da mesma besta: “O exército lhe foi entregue, com o sacrifício contínuo, por causa das transgressões. Lançou a verdade por terra, e prosperou em tudo o que fez” (Dn.8:12). À luz desta passagem, entendemos que matar as testemunhas significa jogar por terra a verdade que elas proclamam. Porém, isso só deveria acontecer depois que essas testemunhas terminassem o seu testemunho.

E o que quer dizer “acabar o seu testemunho”? Isso quer dizer que a Palavra proclamada no Velho Testamento cumpriu-se. Cristo é o cumprimento da Lei e dos Profetas. Por isso Ele mesmo disse: “Não penseis que vim destruir a lei, ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para cumpri-los” (Mt.5:17). Uma vez cumprida a Escritura, o seu testemunho ao povo de Israel havia terminado. E como se cumpriu a Escritura? Através da encarnação, morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Ali estava Aquele que haveria de vir: o Messias, Redentor de Israel. Porém, eles O rejeitaram! E não só O rejeitaram, como também incitaram as autoridades romanas para que O matassem. Ao crucificar o Senhor Jesus, Roma (a besta que emerge do abismo) estava guerreando contra o testemunho da Lei e dos Profetas, sem saber, no entanto, que aquilo era exatamente o que eles prediziam que aconteceria ao Messias.

Pedro denuncia isso em seu primeiro sermão pós-pentecostes. Dirigindo-se aos judeus, Pedro diz:

“O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a Seu Filho Jesus, a quem vós entregastes, e perante a face de Pilatos negastes, tendo ele determinado que fosse solto. Mas vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que se vos desse um homicida. Matastes o Autor da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas (...) Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado, que o Cristo havia de padecer.” ATOS 3:13-15, 18.

O testemunho da Lei e dos Profetas tornou-se o testemunho dos Apóstolos. Eles não poderiam se calar, mesmo diante de ameaças de morte por parte das autoridades, tanto judaicas quanto romanas. Eles sabiam que Jesus lhes havia dado o Espírito Santo para que fossem Suas testemunhas. Quando os judeus rejeitaram o testemunho das Escrituras, parecia que tudo estava perdido. As duas testemunhas haviam sido mortas e seus corpos jaziam em Jerusalém. Porém, por meio dos Apóstolos e da Igreja, as duas testemunhas ressuscitaram. O que os judeus rejeitaram, a Igreja abraçou. As testemunhas morreram como um ministério da letra que mata, mas ressurgiram como um ministério do Espírito que vivifica (2 Co.3:6). O que antes era um ministério de morte e condenação, tornou-se um ministério de vida e liberdade. Morre a Lei, e surge a Graça. Morre a profecia, e surge o cumprimento (1Co.13:8).

Depois de fazer com que um homem paralítico de nascença andasse, as autoridades judaicas chamaram a Pedro e a João, e “disseram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem no nome de Jesus. Responderam, porém, Pedro e João: Julgai vós se é justo, diante de Deus, obedecer antes a vós do que a Deus? Pois não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido” (Atos 4:18-20).

As autoridades romanas e judaicas juntas não conseguiram coibir o avanço da Palavra. Lucas nos afirma que “os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus Cristo” (At.4:33a). Roma poderia matar as testemunhas, mas não podia impedir que o testemunho avançasse. As testemunhas eram presas, mas o testemunho estava livre.

Em seu discurso em Cesaréia, na casa de Cornélio, Pedro justificou seu labor ao dizer: “Ele nos mandou pregar ao povo, e TESTIFICAR que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos. Dele dão TESTEMUNHO todos os profetas...” (At.10:42-43a).

Quando os ímpios, tanto gentios quanto judeus, pensaram em festejar a derrota do cristianismo, o sangue dos mártires serviram de adubo para que

surgissem ainda mais testemunhas dispostas a darem a vida pela Palavra de Deus.

Sabe por quê se diz que não deixaram que se sepultassem os corpos das duas testemunhas? Porque eles ainda celebravam a memória dos profetas. Porém, tudo aquilo não passava de hipocrisia. Jesus denunciou isso, ao dizer:

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Edificais os sepulcros dos profetas, adornais os monumentos dos justos (...) eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade. Assim recairá sobre vós todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração. Jerusalém, Jerusalém ! que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados !” MATEUS 23:29,34-37.

Os judeus celebravam a vida dos profetas, porém, não davam crédito ao seu testemunho. O judaísmo havia se apostatado. Trocar presentes nesse texto aponta para o fato de que eles viviam de troca de favores. Eram uns buscando a glória de outros. Isso também foi denunciado por Cristo:

“Eu não aceito glória dos homens (...) Como podeis crer, recebendo glória uns dos outros, mas não vos esforçando para obter a glória que vem do único Deus? Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai. Quem vos acusa é Moisés, em quem esperais. Se crêsseis em Moisés, creríeis também em mim, pois ele escreveu a meu respeito.” JOÃO 5:41, 44-46.

Com a ressurreição, e ascensão de Jesus, o testemunho dos profetas se cumpriu. Por meio da entronização de Cristo, Deus exaltou sobremaneira o Seu nome e a Sua Palavra (Sl.138:2).

As Duas Oliveiras

No versículo 4, é dito que aquelas testemunhas “são as duas oliveiras e os dois candeeiros que estão diante do Senhor da terra”. O que significa isso?

Como dissemos, Moisés e Elias apareceram no monte para conferenciarem com Jesus. Moisés foi o instrumento de Deus através do qual a Lei foi dada a Israel; portanto, Moisés tipifica a Lei. Dele, afirma a Escritura: “Moisés, na verdade, foi fiel em toda a casa de Deus, como servo, para TESTEMUNHO das coisas que se haviam de anunciar” (Hb.3:5) Já Elias é o principal expoente dos profetas da Antiga Aliança. É bom frisar que ele não experimentou a morte. Em vez disso, Deus o arrebatou para o céu num rodaminho. Quanto a Moisés, a Bíblia afirma que o seu corpo foi disputado entre Satanás e o arcanjo Miguel (Jd.9). Logo, podemos inferir que o seu corpo foi arrebatado para a glória de Deus.

Na visão de Zacarias, apareceu-lhes duas oliveiras à direita e à esquerda de um castiçal. E ao perguntar ao anjo sobre o que eram aquelas duas oliveiras que vertiam azeite dourado, o anjo lhe respondeu: “Estes são os dois ungidos, que assistem diante do Senhor de toda a terra” (4:14).

O que esses dois ungidos fazem diante do Senhor?

As Escrituras afirmam que eles assistem diante do Senhor. E de quê maneira? Eles vertem um tipo de azeite dourado, que tipifica o ministério que eles haviam exercido na terra, e que ainda estava fluindo. Foi Jesus Quem disse: “Não penseis que eu vos acusarei perante o Pai. Quem vos acusa é Moisés, em quem esperais” (Jo.5:45). Não sei se devemos entender isso de forma literal. Sou tentado a achar que não. O que acusava os judeus diante de Deus era a própria Lei em que eles confiavam. A Lei era o azeite que vertia de Moisés, enquanto que as Profecias eram o azeite dourado que vertia dos profetas.

Os judeus professavam acreditar em Moisés, porém, suas obras denunciavam exatamente o contrário. “Se crêsseis em Moisés, creríeis também em mim, pois ele escreveu a meu respeito”, argumentou Jesus.

O fato de eles não terem dado ouvidos ao testemunho da Lei e dos Profetas acerca de Cristo, colocou-os como réus diante de Deus.

Por não cumprirem o preceito da Lei, os judeus demonstravam não crerem realmente nela. E pior ainda. Eles não perceberam que a Lei era apenas o aio que os conduziria a Cristo (Gl.3:24).

Por não darem crédito às profecias, eles não viram em Jesus o seu real cumprimento. Isaías, um dos principais profetas, desabafa: “Quem deu crédito à nossa pregação?”, e em seguida, profetiza acerca dos sofrimentos que o Messias experimentaria, a fim de redimir o Seu povo (Is.53).

Ao invés de darem crédito à Lei e aos Profetas, os judeus buscaram na superstição pagã as bases de sua religiosidade. Dessa busca surgiram o Talmude e a Cabala.

E não apenas deixaram de dar o devido crédito aos profetas, como também os perseguiram, e os mataram.

Porém, o testemunho de Deus prevaleceu. E hoje, através da Igreja, este testemunho percorre toda a Terra.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

As Bodas do Cordeiro

Os capítulos 18 e 19 de Apocalipse expressão grandes contrastes entre si.

Se Apocalipse 18 é o capítulo dos “ais”, Apocalipse 19 é o capítulo dos “aleluias”. Depois de anunciar a queda da Babilônia, chegara a hora de exultar, pois a prostituta cedera lugar à virgem noiva do Cordeiro, a Nova Jerusalém.

A exemplo do que aconteceu à rainha Vasti, que fora destituída por não atender ao chamado do Rei Assuero, e substituída por Ester, Deus divorciou-se de Israel, para contrair novas núpcias com Seu novo povo, a Igreja.

Tal divórcio já havia sido predito: “Dei carta de divórcio à infiel Israel e a despedi, por causa dos seus adultérios”(Jer.3:8a). Talvez seja este um dos motivos porque Deus odeia o divórcio. Ele passou por um, e sabe o quanto dói.

Mas, uma vez divorciado, Ele estava livre para casar-Se novamente. A Nova Aliança nada mais é do que novas núpcias entre Deus e o Seu povo.

Jerusalém, a esposa infiel de Yahweh, fora finalmente julgada, recebendo a sentença prescrita na Lei.[1]

Agora, o caminho estava plenamente aberto para que Deus acolhesse àquela que seria Seu novo Israel, Sua nova Jerusalém.

Embora o juízo de Deus sobre Jerusalém tenha tardado cerca de 40 anos após a Cruz, seu divórcio se deu no momento em que Cristo expirou. De acordo com a Lei, somente a morte de um dos cônjuges seria capaz de dissolver os laços do matrimônio. Com a morte de Cristo, Jerusalém ficou viúva. Apocalipse 19:7 diz que a Grande Babilônia dizia em seu coração: “Estou assentada como rainha, e não viúva, e de modo algum verei o pranto”. Pobre cidade! Cumpriu-se cabalmente nela o que fora profetizado em forma de lamentação pelo profeta Jeremias:

“Como jaz solitária a cidade, outrora tão populosa! Tornou-se como viúva, a que foi grande entre as nações! A princesa entre as províncias tornou-se escrava!” (Lm.1:1).

Viúva e escrava! Não foi em vão que Paulo chama a Jerusalém de seus dias de “escrava juntamente com seus filhos”(Gl.4:25).

Antes de ser anunciada as bodas do Cordeiro, encontramos a expressão “aleluia” por quatro vezes.

O primeiro “aleluia” parte de uma numerosa multidão, e é porque “a salvação e a glória e a honra e o poder pertencem ao nosso Deus, pois verdadeiros e justos são os seus juízos”. Portanto, trata-se da celebração da justiça de Deus. Enquanto o motivo da celebração é explicado, um segundo aleluia, como que espontâneo, é ouvido. Afinal, a causa dos mártires, profetas e apóstolos, era vindicada. A grande prostituta havia sido julgada. O terceiro “aleluia” vem precedido por um sonoro “amém”, e é proferido pelos lábios de seres celestiais. O que indica uma perfeita harmonia entre o céu e a terra. Como dissera Jesus, o que fosse concordado na terra, teria sido concordado no céu. Esse terceiro “aleluia” vem acompanhado de uma exortação: “Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, assim pequenos como grandes”(v.5). Agora, o coral estava a postos,

e reunia vozes oriundas de todos os cantos do Universo, grandes e pequenos, visíveis e invisíveis, celestiais e terrenos.

O último “aleluia” parece ser dito em uníssono pelos habitantes da terra e do céu, pois a voz que o pronunciava era “como a de uma grande multidão, como a voz de muitas águas, e como a voz de fortes trovões” (v.6). Tudo isso pra dizer: “Aleluia! Pois já reina o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso. Regozijemo-nos, e exultemos, e demos-lhe a glória! Pois são chegadas as bodas do Cordeiro, e já a sua noiva se aprontou. Foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, resplandecente e puro. O linho fino são os atos de justiça dos santos”(vv.6-7).

Para muitos intérpretes, as Bodas do Cordeiro são um evento futuro, que se concretizará quando Cristo vier em glória para encontrar-Se com a Sua Noiva. Temos, porém, fortes razões para acreditarmos que o casamento entre Cristo e a Sua Igreja já ocorreu.

Para entendermos melhor esta questão, precisamos compreender alguns costumes judaicos que remontam o tempo dos patriarcas. Segundo as tradições, o enlace matrimonial se dava em três estágios, conhecidos por Shiduchin, Erusin e Nissuin.

O Shiduchin era o primeiro passo no processo do casamento, sendo os arranjos preliminares legais. Geralmente, cabia ao pai do noivo escolher uma noiva para se filho. O casamento era visto como um ato de ligação de famílias, tendo, às vezes um objetivo político. Às vezes o pai do noivo delegava essa função a um Shadkhan (uma espécie de agente casamenteiro).[2] Tão logo a noiva era encontrada, o próximo passo do Shiduchin era a apresentação da proposta do Ketubah (“escrito” ou “recibo”, ou ainda, “testamento” ou “contrato”). A Ketubah incluía as provisões, promessas e condições propostas para o casamento. Era um tipo de acordo pré-nupcial, ou um contrato de casamento. Nesse momento, o noivo promete sustentar sua futura esposa, e o pai da noiva estipula o valor de seu dote. O processo só prossegue depois que o noivo assume o compromisso de pagar o preço estipulado.

O pagamento do dote, e assinatura do Ketubah inaugurava o segundo estágio, o Erusin (desposar), também chamado de Kidushin (santificar). Antes, porém, da cerimônia do Erusin, realizada sob uma tenda (huppah), era comum a noiva e o noivo participarem de um ritual separado de imersão na água (mikveh/batismo), que representava uma limpeza espiritual. O compromisso era assumido e celebrado em uma refeição memorial com pão e vinho.

O Erusin/Kidushin equivaleria a um tipo de noivado, mas que não podia ser rompido, só mediante um divórcio. A seguir a noiva recebia um presente do noivo que selava o compromisso entre os dois. O noivo então partia para construir uma casa para a noiva, enquanto ela preparava um lindo vestido de casamento como um símbolo de santidade e dedicação ao esposo. Após algum tempo então, quando a casa estivesse pronta, o noivo voltava no meio da noite, ao grito "Eis o noivo!"[3] e também ao toque do shofar (trombeta), e levava a noiva para a câmara nupcial (cheder) onde então o casamento era consumado. No erusin, os nubentes já estavam plenamente comprometidos mutuamente, mas a consumação só se daria tempos depois, no terceiro estágio do casamento, chamado de Nissuin, quando a noiva seria tirada da casa dos pais, para coabitar com o seu marido.[4] A lua de mel no Cheder durava um período de sete dias. Após estes sete dias o casal deixava o Cheder e celebrava as bodas com os convidados, em uma grande festa com banquete, dança e celebração, que durava sete dias.

A celebração do Nissuin tem seu ápice quando os noivos compartilham de uma taça de vinho em um brinde chamado de sheva b'rakhot, que significa "Sete bênçãos", ou "Plenitude da Bênção". Essa taça difere da que é tomada no Erusin.

Entre Deus e Israel, o Shiduchin aconteceu quando Deus chamou a Abraão. Ali Ele fez as promessas, comprometendo-Se com a descendência do patriarca. Séculos mais tarde, Yahweh enviou Moisés ao encontro de Sua amada, como um Shadkhan.

O Erusin/Kidushin se deu quando o Cordeiro Pascal foi imolado, e os hebreus foram retirados do Egito, sendo “batizados” na travessia do Mar Vermelho. Cinquenta dias depois, aos pés do Monte Sinai, ocorreu o Nissuin, com a outorga da Lei por intermédio de Moisés.

Entre Cristo e a Igreja não foi diferente. Podemos identificar o Shiduchin com o momento em que Cristo desceu às águas batismais. João Batista foi o Shadkhan, o amigo do noivo, aquele que introduziu a noiva ao noivo. E isso ele fez quando exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

O Erusin/Kidushin se deu na Cruz, quando Cristo pagou o dote por Sua noiva. Paulo diz que “Cristo amou a sua igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, a fim de apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”(Ef.5:25b-27). Lembre-se que “Kidushin” significa “santificar”. Na noite anterior à Cruz, Ele assumiu o compromisso, e tomando o cálice e o pão, firmou os termos do Novo Testamento, a Ketubah. E prometeu aos Seus discípulos, que o próximo cálice que eles tomariam, seria no Reino de Deus. Por isso, Paulo identifica o cálice tomado pelos crentes na Ceia do Senhor como o “cálice da bênção” (1 Co.10:16). Eis mais uma forte evidência de que estamos vivendo no Reino de Deus. Fomos transportados do império das trevas, para o Reino do Filho do Seu Amor. Por isso, o cálice de que hoje bebemos, é o cálice, não do Erusin, mas do Nissuin. É o cálice das “sete bênçãos”, ou simplesmente, da “plenitude da bênção”. Era essa a certeza de Paulo ao avisar que chegaria a Roma “com a plenitude da bênção de Cristo” (Rm.15:29). Fomos abençoados com “toda a sorte de bênçãos”, e não apenas algumas.

Nosso Nissuin se deu em Pentecostes. Ali nosso casamento com Cristo foi consumado.

Se nosso casamento com Cristo ainda não alcançara esse estágio, teremos que concluir que Ele ultrapassou o sinal vermelho, cometendo fornicação

com a Sua noiva. Por que afirmo isso? Porque em Pentecostes, o Espírito de Cristo foi profusamente derramado sobre a Sua Esposa. Houve uma junção espiritual entre Cristo e a Igreja, análoga à junção carnal entre marido e mulher, quando usufruem da plenitude dos direitos conjugais.

A partir de Pentecostes, todo aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele, assim como marido e mulher se tornam uma só carne ao se unirem conjugalmente (1 Co.6:17).

Portanto, as Bodas do Cordeiro não são um evento futuro, mas já realizado.

Alguém poderá argumentar, dizendo que, se as Bodas já aconteceram, então, já deveríamos ter sido tirados daqui, e levados para o céu. Afinal, Cristo foi preparar lugar para a Sua noiva, porém, não voltou ainda para buscá-la para seu novo lar. Defendemos, porém, que isso também já ocorreu. Ele voltou para nós, quando enviou-nos o Seu Espírito, para que onde Ele estivesse, estivéssemos também. Ao derramar do Seu Espírito, Ele nos fez assentar nas regiões celestiais, e é nessas regiões (céu), que somos abençoados com toda sorte de bênçãos. Por isso, Paulo testifica que agora mesmo, estamos assentados nas regiões celestiais em Cristo Jesus (Ef.2:6).

Lembre-mos que nosso “novo lar” é a Nova Jerusalém, e de acordo com Hebreus 12:22, já adentramos os seus portões, tendo chegado “a Jesus, o Mediador de uma nova aliança”(v.24).

Ele nos desarraigou desse mundo

Trate-se de algo espiritual, que foge aos sentidos carnis.

Nossa lua-de-mel começou em Pentecostes, e só vai terminar quando Cristo vier em glória, para revelar Sua Esposa ao Mundo. Sairemos de nossa câmara nupcial, para nos revelar ao Mundo. Dar-se-á início ao Banquete das Bodas do Cordeiro.

O que ainda está por vir não é o casamento entre Cristo e Sua Igreja, e sim o Banquete das Bodas do Cordeiro.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Notas:

[1] Pela lei, uma mulher adúltera deveria ser apedrejada e queimada.

[2] Encontramos um exemplo disso no episódio em que Abraão envia seu servo Eliesér em busca de uma noiva para seu filho Isaque (Gn.24:1-4).

[3] Na cerimônia tradicional judaica, o rabino fica no meio da tenda (huppah), e antes do noivo começar sua marcha, ele diz: "Baruch Habah B'shem Adonai", que significa "Bendito é aquele que vem em nome do Senhor".

[4] Foi por causa desse costume, que José não havia tido relações com Maria ainda, mesmo sendo "casados". Era necessário que José esperasse o tempo certo, para o nissuin.

A Sétima Trombeta e o Mistério de Deus

“Mas há um Deus nos céus, o qual revela mistérios.” Daniel 2:28a.

Entre as três primeiras pragas e as sete últimas, há um intervalo de seis capítulos. Os assuntos contidos nesses capítulos visam alertar a Igreja para o seu papel na execução dos propósitos de Deus. Portanto, do capítulo 10 ao 15, o foco sai de Israel e recai sobre a Igreja cristã.

No capítulo dez, João vê um forte anjo descendo do céu, vestido de uma nuvem. Sobre a sua cabeça havia um arco-íris; seu rosto brilhava como o sol, e os seus pés se assemelhavam a colunas de fogo. Estas descrições nos levam a crer que trata-se do próprio Cristo em uma teofania (1). Afinal, Ele é o Anjo da Aliança (o arco-íris simboliza a aliança), e somente o Seu rosto é apresentado com um brilho superior ao do sol (Ap.1:16). Quanto ao livrinho que Ele tinha na mão, trata-se do mesmo livro que o Cordeiro recebeu da mão de Deus, o Pai, e que representa a totalidade do propósito de Deus para com o universo físico e espiritual (Ap.5). O livro está aberto porque os seus selos já foram rompidos. Quando se diz que os Seus pés estão sobre a terra e o mar, revela-se que o Seu Reino abrange todos os povos e nações, e não apenas os judeus, como imaginavam alguns. A palavra “terra” representa Israel, enquanto que “mar” representa os povos gentílicos.

Sua voz parece o rugido de um leão; afinal, Ele mesmo é chamado de “o Leão da Tribo de Judá” (Ap.5:5). João intenta escrever o que Ele diz, mas isto lhe é vetado. Por enquanto, trata-se de um mistério, que só deverá ser revelado no momento certo. Paulo relata uma experiência muito similar a esta. Ele também “ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir” (2 Co.12:4).

De repente, João assiste a uma cena indescritível. O anjo que ele via “levantou a sua mão direita ao céu, e jurou por Aquele que vive para todo o sempre, o qual criou o céu e o que nele há, e a terra e o que nela há, e o mar e o que nele há, que não haveria mais demora” (10:5b-6). Se Aquele Anjo era o próprio Deus, por que se diz que Ele jura por Aquele que vive para todo o sempre? Isto está perfeitamente em linha com o que dizem outras passagens das Escrituras. Em Hebreus 6:13, por exemplo, é dito que Deus, “como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por si mesmo.” Em Isaías 45:23, o próprio Deus afirma: “Por mim mesmo jurei, a minha boca proferiu, com toda a integridade, uma palavra que não tornará atrás: Diante de mim se dobrará todo joelho...”

E para o quê não haveria mais demora? Ele responde: “Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver prestes a tocar a sua trombeta, se cumprirá o mistério de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos” (10:7). Que mistério seria esse? Para descobrirmos, teremos que avançar um pouco no texto, e descobrir o que aconteceu ao ressoar da sétima trombeta.

No capítulo 11, no verso 15 lemos:

“O sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grande vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.”

Aquilo que antes era mistério, e que João não podia sequer relatar, agora era proclamado com grandes vozes. Os reinos e as nações de todo mundo foram entregues a Cristo como Herança. É deste mesmo mistério que Paulo

fala em suas epístolas. Este é o “mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora, e foi dado a conhecer pelas Escrituras dos profetas, segundo mandamento do Deus Eterno, a todas as nações para obediência da fé” (Rm.16:25b-26). Em Colossenses ele fala do “mistério que esteve oculto durante séculos e gerações, e que agora foi manifesto aos seus santos. A eles Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória” (Col.1:26-27). Em 1 Tm.3:16, Paulo diz que o grande mistério da piedade é que Cristo Se manifestou em carne, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, e recebido acima na gloria.

A prova textual de que a sétima trombeta já ressoou está no fato de que o mistério de Deus já nos fora revelado, e não só isso, mas também cumprido. Paulo diz que Ele “desvendou-nos o mistério da sua vontade (...) de fazer convergir em Cristo todas as coisas, nas dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra”(Ef.1:9a,10). Jesus também fala acerca dos mistérios do reino de Deus, que são revelados aos Seus pequeninos (Mc.4:1).

Se mistério de Deus ainda não se cumpriu, então, Cristo não está em nós. Ainda não somos Seu Templo, e Ele não tem o direito de reclamar soberania sobre qualquer nação.

Seria a queda de Jerusalém e de seu templo que comprovaria que Cristo reina agora em uma Nova Jerusalém (a Igreja), e Seu sacerdócio é exercido em um Novo Templo.

João também testemunha outra extraordinária cena:

“E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos, e adoraram a Deus, dizendo:Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras,porque tomaste o teu grande poder, e reinaste. Iraram-se as nações; então veio a tua ira, e o tempo de serem julgadosos mortos, e o tempo de dares recompensa aos profetas,teus servos, e aos santos, e aos que temem o

teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra.” Apocalipse 11:16-18.

O que confunde muita gente é a frase “e o tempo de serem julgados os mortos”. Porém, o que está em vista aqui, não é o juízo final, mas o julgamento da causa dos mortos. A queda de Jerusalém era o resultado do clamor das almas que em suas ruas haviam sido martirizadas. Era chegada a hora dos santos mártires, profetas e apóstolos serem vindicados! E não só isso: chegara a hora de receberem suas recompensas. Lembre-se que eles só seriam aperfeiçoados depois que se completasse o número dos que haviam de morrer, completando assim a medida de pecado da cidade infiel. Com a sétima trombeta, a causa dos mortos é julgada, os mártires são recompensados, o povo infiel é destruído, e com isso, Deus sinaliza às nações, chamando-as a sujeitarem ao Seu Cristo (Sl.2:8-12). A queda de Jerusalém é um exemplo para todas as nações da terra. O mesmo cetro que foi arremessado contra aquela cidade, há de ser arremessado sobre todo sistema e estrutura que se levante contra o Reino de Deus.

Além disso tudo, o ressoar da sétima trombeta faz com que se abra no céu o templo de Deus, exibindo então a Arca da Sua Aliança que está no Santo dos Santos (11:19). O escritor de Hebreus diz que até então o caminho do Santo dos Santos ainda não estava descoberto, “enquanto continua em pé o primeiro tabernáculo” (Hb.9:8). A queda do Templo judaico deu lugar a “um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação (...) Pois Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, perante a face de Deus” (Hb.9:11b, 24). Chegava ao fim o tempo das sombras; era o início de um novo tempo, onde já não precisamos dos sacrifícios prescritos na lei, nem do simbolismo do culto judaico. Anos antes da queda do Templo, Paulo disse que “estas são sombras das coisas futuras; a realidade, porém, encontra-se em Cristo” (Col.2:17).

Voltando ao capítulo dez de Apocalipse, João diz que o anjo ordena que ele coma o livrinho, e avisa que o seu sabor será doce em sua boca, mas

amargo em seu estômago. João não foi o único a ter essa experiência; Ezequiel também relata ter passado por ela (Ez.3:1). O livro era doce ao paladar porque revelava a vontade soberana de Deus. Era amargo no ventre porque revelava o preço que deveria ser pago para que a vontade de Deus prevalecesse. O fato de Jesus ter sido rejeitado pelos judeus pode ser considerado como algo amargo; porém, o fato de isso ter aberto a oportunidade da salvação às demais nações é certamente algo maravilhoso e doce ao paladar.

Após degustar o livro, João ouve: “Importa que profetizes outra vez acerca de muitos povos, nações, línguas e reis” (10:11). Isso demonstra claramente que a queda de Jerusalém era apenas o início de um processo que culminaria com a queda de todas as estruturas e sistemas que se opusessem a Deus. O juízo de Deus sobre Israel prenuncia o juízo de Deus sobre todas as nações da terra.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Notas:

(1) Aparição divina em forma angélica, muito comum no Antigo Testamento.

A Mulher e o Dragão

“Assim diz o Senhor Deus: Estou contra ti, ó Faraó, rei do Egito, grande dragão...”Ezequiel 29:3a.

O capítulo 12 de Apocalipse descortina a história por trás da história. João conta que “viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. Ela estava grávida e gritava com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz” (1-2). Esta mulher não é Maria, como insistem os teólogos católicos. Trata-se do povo de Deus, o verdadeiro Israel, formado por aqueles que viviam a expectativa do nascimento do Messias prometido por Deus. Desde Sete, passando por Abraão, até Simeão e Ana, e tantos outros que ansiavam pela chegada do Libertador. Simeão, por exemplo, foi o homem a quem Deus revelou que não morreria sem que visse “o Cristo do Senhor” (Lc.2:26b). Quando José e Maria trouxeram o recém-nascido para apresentar no Templo, Simeão O tomou nos braços e disse: “Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, segundo a tua palavra, pois os meus olhos já viram a tua salvação, a qual preparaste perante a face de todos os povos, luz para iluminar os gentios, e para glória do teu povo Israel”(vs.29-32). Após estas palavras, Simeão dirigiu-se a Maria e declarou: “Esta criança é posta por queda e elevação de muitos em Israel, para ser alvo de contradição, e para que se manifestem os pensamentos de muitos corações”(v.34). Foi daquela linhagem justa que veio o Filho de Deus.

Um outro sinal foi visto no céu: “Um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas. A sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra. O dragão parou diante da mulher que estava prestes a dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe devorasse o filho” (12:3-4).

Não há dúvida de que o dragão é ninguém menos que o próprio Diabo. Suas sete cabeças e seus dez chifres podem apontar para os agentes humanos de que ele se vale para executar seus intentos. Os cristãos primitivos estavam cientes de que a sua luta não era contra as autoridades humanas, mas contra os poderes malignos por trás delas (Ef.6:12). Assim como Moisés e Arão sabiam que a sua luta não era contra Faraó, mas contra os deuses egípcios. Ao tomar conhecimento do livramento que Deus havia dado a Israel, removendo-o do Egito, Jetro, sogro de Moisés, declarou: “Bendito seja o Senhor que vos livrou das mãos dos egípcios e das mãos de Faraó. Agora sei que o Senhor é maior que todos os deuses...” (Êx.18:10-11a). Cada praga enviada por Deus atingia em cheio a jurisdição de alguma divindade egípcia, expondo-a publicamente ao desprezo. Vale dizer que uma das principais divindades egípcias era Sete-Tifom, um enorme dragão vermelho, cuja imagem adornava a coroa de Faraó.

Satanás, juntamente com os anjos que o acompanhara em sua rebelião, valia-se da Lei para escravizar o povo de Deus, e do Império Romano para perseguir a Igreja. O maior intento dele era impedir que a promessa de Deus se cumprisse. Ele sabia que a qualquer momento viria ao mundo a “semente da mulher”, para destroná-lo, e destruir o seu império de trevas.

Todas as tentativas do Diabo para inviabilizar o plano de Deus fracassaram. No verso 5 somos informados que a mulher “deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono” (Compare com At.5:31; 7:55-56; Rm.8:34; Ef.1:20 e Col.3:1).

Até aqui, nenhum problema de interpretação. Tudo parece muito claro. A mulher é o verdadeiro Israel, formado pela linhagem santa que trouxe Jesus

ao mundo; o dragão é o Diabo; o filho varão é o próprio Cristo que escapa da perseguição de Herodes, e que depois de vencer a morte é assunto ao céu, onde está assentado à destra do Pai. A partir daqui é que as coisas parecem complicar.

No verso 6 lemos que “a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias.” O que significaria isso?

Quando os hebreus deixaram o Egito, para onde ele se dirigiram? Para o deserto. E foi no deserto que Deus ensinou-lhes a maior de todas as lições: a dependência total de Deus. Foi ali que Deus “de dia os guiou com uma nuvem, e durante a noite com um clarão de fogo. Fendeu as penhas no deserto, e deu-lhes de beber abundantemente como de grandes abismos; fez sair fontes da rocha, e fez correr as águas como rios (...) fez chover sobre eles o maná para comerem, e lhes deu cereal do céu. Cada um comeu o pão dos anjos; mandou-lhes comida com abundância. Fez soprar no céu o vento do oriente, e trouxe o vento sul com sua força. Fez chover sobre eles carne como pó, e aves de asas como a areia do mar” (Sl.78:14-16, 24-27).

Agora era a vez da Igreja cristã enfrentar o seu deserto, e aprender a depender única e exclusivamente daquele que prometeu dar-lhes “do maná escondido” (Ap.2:17). Jesus disse aos judeus de Sua época: “Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. Mas aqui está o pão que desce do céu, do qual se o homem comer não morre (...) Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim também quem de mim se alimenta, viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Vossos pais comeram o maná e morreram, mas quem comer esta pão viverá para sempre” (Jo.6:49-50, 57-58). Paulo diz que a rocha de onde jorrava a água para saciar a sede dos hebreus no deserto era uma figura do próprio Cristo (1 Co.10:4). Os 1260 dias representam apenas um tempo indefinido.

Guerra no Céu

“E houve guerra no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão. E o dragão e os seus anjos batalhavam, mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, que engana todo o mundo. Ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele” (Ap.12:7-9).

Finalmente, a serpente de Moisés engole a serpente dos magos egípcios! Os principados e potestades foram despojados. E quando se deu esta batalha cósmica? Quando Cristo, o Cordeiro de Deus, era imolado na Cruz do Calvário. “Assim como Moisés levantou a serpente no deserto, da mesma forma importa que o Filho de homem seja levantado” (Jo.3:14). A serpente de bronze erigida por Moisés representava a Cruz de Cristo, através da qual a velha serpente seria definitivamente derrotada. Ao desfazer em Sua carne a Lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, Jesus estava diferindo o golpe mortal nas hordas satânicas, pois a partir de então, Satanás já não teria base alguma sobre a qual acusar-nos diante do Tribunal de Deus. Paulo nos informa que Jesus, “havendo riscado o escrito de dívida que havia contra nós nas suas ordenanças, o qual nos era contrário, tirou-o do meio de nós, cravando-o na cruz. E, tendo despojado os principados e as potestades, os expôs publicamente ao desprezo, e deles triunfou na cruz” (Col.2:14-15). Se Satanás foi expulso do céu, o que é que ele fazia lá até então? O que o mantinha na Corte Celestial? Qual era a sua função ali? Ele era nosso acusador. A obra feita por Cristo na Cruz, fez com que ele perdesse seu emprego. Porém, ele não estava disposto a sair passivamente de lá. Foi necessária uma verdadeira guerra espiritual, envolvendo as milícias angelicais, e os próprios santos. Por isso, Paulo fala que a luta travada pelos crentes primitivos não era contra a carne ou o sangue, “e, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os poderes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais da maldade nas

regiões celestes” (Ef.6:12). A igreja estava no meio de um campo de batalha espiritual. Seu papel era resistir às investidas das hordas do Diabo.

Em Apocalipse somos informados de que a Igreja o venceu, e que os anjos comandados por Miguel o expulsaram dos céus. Tendo em vista esta grandiosa vitória, uma grande voz brada:

“Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo. Pois já o acusador de nossos irmãos foi lançado fora, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite. Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; não amaram as suas vidas até à morte. Pelo que alegrai-vos, ó céus, e vós que neles habitais. Ai dos que habitam na terra e no mar, porque o diabo desceu a vós com grande ira, sabendo que pouco tempo lhe resta.” Apocalipse 12:10-12.

Quem supõe que Satanás ainda nos acusa diante de Deus, ignora a famosa pergunta de Paulo: “Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus?” (Rm.8:33a). E mais: “...em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou”(v.37). Isso parece ecoar o que a misteriosa voz bradou em Apocalipse: “Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro.”

Somos novamente remetidos ao Êxodo dos Hebreus, pois é ali que vamos entender melhor a questão do sangue do Cordeiro.

Antes de enviar a última praga sobre o Egito, Deus ordenou a Moisés que orientasse os filhos de Israel para que cada chefe de família imolasse um cordeiro, e espargisse o seu sangue nos umbrais das portas de suas casas. “Naquela noite”, diz o Senhor, “passarei pela terra do Egito, e ferirei todos os primogênitos na terra do Egito, desde os homens até os animais; e sobre todos os deuses do Egito executarei juízo. Eu sou o Senhor. O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo o sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito” (Êx.12:12-13).

Foi o sangue do Cordeiro que poupou os hebreus daquela última praga que o Senhor enviava sobre o Egito. Da mesma maneira, foi pelo sangue do Cordeiro que a Igreja venceu Satanás.

A Páscoa foi instituída para lembrar aos filhos de Israel que o sangue do Cordeiro foi o responsável por tão grande livramento.

Na noite em que se celebrava a Páscoa (heb.passagem), os hebreus deveriam comer ervas amargas e pães asmos, isto é, sem fermento. Até isso tem um significado profundo para nós. Refletindo sobre este significado, Paulo ordena: “Lançai fora o fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como sois sem fermento. Pois Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. Pelo que celebremos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade” (1 Co.5:7-8). Enquanto as ervas amargas simbolizavam os tempos de angústia vividos no Egito, os pães asmos significavam uma nova vida, destituída do velho fermento do pecado.

Naquela noite os hebreus deveriam estar prontos para que pela manhã deixassem o Egito. Não poderia haver qualquer atraso. Era chegada a hora do êxodo tão esperado. A morte dos primogênitos do Egito representa a queda de Satanás e de todos os seus asseclas.

Os céus agora tinham motivos para festejar. Aquela persona non grata do Diabo finalmente deixara as regiões celestes. Porém, os que habitam na terra (Israel), e os que habitam no mar (gentios) deveriam estar precavidos, porque Satanás descera até eles com grande ira, sabendo que tinha pouco tempo pela frente para levar à cabo o seu intento. O Diabo estava disposto a correr atrás do seu prejuízo. Assim como Faraó que, mesmo tendo permitido a saída dos hebreus, resolveu partir em sua recaptura (Êx.14).

“Quando o dragão se viu lançado na terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão. E foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente” (vs.13-

14). Não devemos entender a mulher como sendo os judeus como um todo, mas aqueles que deram origem à igreja neo-testamentária. Trata-se, portanto, dos remanescentes de Israel. A Igreja de Cristo deu seqüência à santa extirpe na Terra. A figura da águia fala do poder renovador com o qual Deus capacitaria o Seu povo (Sl.103:5; Is.40:31). Também aponta para o fato de que fora a provisão do Senhor que os tirara do “Egito espiritual”, e não as suas próprias forças. Foi o próprio Deus que falou a Israel: “Vistes o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim” (Êx.19:4). E quanto a estar fora da vista da serpente? Quando Faraó e seu poderoso exército marchavam em direção aos filhos de Israel para recapturá-los, a coluna de nuvem se tornou densa e escura e pôs-se entre os hebreus e os seus perseguidores. Para o povo de Deus, a nuvem clareava o caminho, enquanto que, para os egípcios era total escuridade, “de maneira que em toda a noite este e aqueles não puderam aproximar-se” (Êx.14:20). Ainda que estivessem próximos uns dos outros, os hebreus eram guardados fora da vista de Faraó.

Durante os primeiros anos do cristianismo a igreja esteve guardada da perseguição romana. Somente com Nero, por volta do ano 66 d.C., desencadeou-se uma perseguição em grande escala. Até então, as autoridades romanas não estavam nem um pouco preocupadas com a expansão daquela nova “seita”.

João relata que de repente, “a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pela corrente. Mas a terra ajudou a mulher, abrindo a sua boca e engolindo o rio que o dragão lançara da sua boca” (vs.15-16).

O alvo da serpente é a mulher. A água aqui representa uma implacável perseguição. Inusitadamente, a terra engole o rio que o dragão lança da sua boca. Na simbologia de Apocalipse, a “terra” sempre aponta para Israel, enquanto que, o “mar” aponta para os povos gentílicos. Quando Nero começou a perseguir os cristãos, logo teve sua atenção voltada para as constantes revoltas do povo judeu (66 d.C.). Isso deu à Igreja a

oportunidade de ser temporariamente aliviada das implacáveis perseguições da Roma Imperial. Porém aquele livramento era temporário. Esse capítulo termina dizendo que “o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra aos demais filhos dela, os que guardam os mandamentos de Deus, mantêm o testemunho de Jesus. E o dragão parou sobre a areia do mar” (vs.17-18). Agora, Roma percebeu que a igreja não era meramente uma seita judaica, mas que estava alcançando pessoas de todas as nações. Era, portanto, uma ameaça ao domínio romano, uma vez que declarava sua fidelidade a um outro Imperador, a saber, Jesus, o Cristo.

Escrito por Hermes C. Fernandes

Site: www.apocalipsedesvendado.blogspot.com.br/

Saiba mais sobre:

Arrebatamento, Escatologia, Armagedom, Profecia Bíblica, Fim dos Tempos, Últimos Dias e a Volta de Jesus acessando o site da Revista Cristã Última Chamada. Acesse:

www.revistacrista.org